



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**LUNARA CAROLLINE NASCIMENTO GOMES**

**O SOL É MESMO PARA TODOS?  
APROXIMAÇÕES ENTRE JAMES BALDWIN E HARPER LEE**

Recife  
2024

LUNARA CAROLLINE NASCIMENTO GOMES

**O SOL É MESMO PARA TODOS?  
APROXIMAÇÕES ENTRE JAMES BALDWIN E HARPER LEE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Estudos Literários.

Orientador: Oussama Naouar

Recife  
2024

Catálogo de Publicação na Fonte. UFPE – Biblioteca Central

Gomes, Lunara Caroline Nascimento.

O sol é mesmo para todos? aproximações entre James Baldwin e Harper Lee / Lunara Caroline Nascimento Gomes. - Recife, 2024.  
155f.: il.

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2024.  
Orientação: Oussama Naouar.  
Inclui referências.

1. Relações raciais; 2. Estereótipos raciais; 3. Interseccionalidade. I. Naouar, Oussama. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

LUNARA CAROLLINE NASCIMENTO GOMES

**O SOL É MESMO PARA TODOS?  
APROXIMAÇÕES ENTRE JAMES BALDWIN E HARPER LEE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Estudos Literários.

Aprovado em: 11/09/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Oussama Naouar (Orientador)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof. Dr. Roland Gerhard Mike Walter (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof. Dr. Marco Antonio Lima do Bomfim (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

---

Prof. Dr. Itacir Marques da Luz (Examinador Externo)  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

---

Prof. Dr.<sup>a</sup> Francisca Zuleide Duarte de Souza (Examinadora Externa)  
Universidade federal da Paraíba - UFPB

## AGRADECIMENTOS

À CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela concessão da bolsa de doutorado, vigente durante o trabalho de realização desta pesquisa. Sem este suporte financeiro, dificilmente eu teria atravessado com tamanha segurança o período crítico da pandemia de Covid-19.

Ao meu orientador, Oussama Naouar, que me acompanha desde o mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras da UFPE. Agradeço a gentileza e todo o apoio nesses processos.

Às amigas e amigos de Recife e São Paulo, pela escuta, pela ajuda, pelo carinho, pela acolhida. Ao companheiro de vida, pela dedicação amorosa, cooperação e pelo suporte em momentos difíceis e desafiadores.

Aos professores que contribuíram com leituras e sugestões valiosas.

Aos familiares, por todo o auxílio, fundamental para a caminhada acadêmica no Brasil.

Ao James Baldwin, por sua existência e brilhantismo crítico.

## RESUMO

A pesquisa analisa a partir dos romances *O sol é para todos* e *Se a rua Beale falasse*, a construção e atuação do estereótipo do homem negro estuprador nos Estados Unidos. Um dos principais objetivos foi identificar os elementos nas obras literárias elencadas que indicam a existência (dentro e fora do âmbito ficcional) dos desdobramentos decorrentes desse tipo de associação racista atrelada aos afro-americanos. A tese examina como se articularam no passado escravocrata e após a Reconstrução, os componentes constitutivos dessa estratégia discursiva baseada em valores de controle e em agressões punitivas como os linchamentos e as prisões fraudulentas de homens negros. As principais hipóteses que emergem a partir da leitura atenta das narrativas de Harper Lee e James Baldwin são corroboradas através de argumentos de teóricas feministas negras como bell hooks, Patricia Hill Collins, Angela Davis e Michelle Alexander. Esta tese avalia como os romances identificam essa problemática exposta acima e tentam desconstruir esse estereótipo e suas consequências nefastas para a população negra diaspórica.

**Palavras-chave:** Relações raciais; estereótipos raciais; interseccionalidade; James Baldwin; Harper Lee.

## ABSTRACT

This research uses the novels *To kill a mockingbird* and *If Beale street could talk* to analyze the construction and implementation of the stereotype of the black male rapist in the United States. One of the main objectives was to identify the elements in the listed literary works that indicate the existence (inside and outside the fictional realm) of the developments resulting from this type of racist association linked to African-americans. The thesis examines how the constitutive components of this discursive strategy based on values of control and punitive aggressions such as lynchings and the false imprisonment of black men were articulated in the slave past and after Reconstruction. The main hypotheses that emerge from a thorough reading of the narratives of Harper Lee and James Baldwin are corroborated by arguments from black feminist theorists such as bell hooks, Patricia Hill Collins, Angela Davis and Michelle Alexander. This work evaluates how the novels identify this problem exposed above and attempt to deconstruct this stereotype and its harmful consequences for the black diasporic population.

**Keywords:** Race relations; racial stereotypes; intersectionality; James Baldwin; Harper Lee.

## RESUMEN

La investigación analiza la construcción y la representación del estereotipo del hombre negro violador en Estados Unidos, a partir de las novelas *El sol es para todos* y *Si la calle Beale pudiera hablar*. Uno de los principales objetivos era identificar en las obras literarias citadas los elementos que indican la existencia (dentro y fuera del ámbito ficcional) de las consecuencias de este tipo de asociación racista vinculada a los afroamericanos. La tesis examina cómo se articularon en el pasado esclavista y después de la Reconstrucción los componentes constitutivos de esta estrategia discursiva, basada en valores de control y agresiones punitivas como los linchamientos y el encarcelamiento fraudulento de hombres negros. Las principales hipótesis que se desprenden de una lectura atenta de las narraciones de Harper Lee y James Baldwin se ven corroboradas por los argumentos de teóricas feministas negras como bell hooks, Patricia Hill Collins, Angela Davis y Michelle Alexander. Esta tesis evalúa cómo las novelas identifican este problema e intentaremos deconstruir este estereotipo y sus nefastas consecuencias para la población negra diaspórica.

**Palabras clave:** Relaciones raciales; estereotipos raciales; interseccionalidad; James Baldwin; Harper Lee.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Estereótipo do Sambo	25
Figura 2 – Estereótipo da mammy	68
Figura 3 - Estereótipo da tia Jemima	77
Figura 4 - Estereótipo da tia Jemima	78

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DAS OBRAS	16
3. A HISTÓRIA DO NEGRO NA AMÉRICA É A HISTÓRIA DA AMÉRICA	22
4. ENGENHOSAS NARRATIVAS DA INTERSECCIONALIDADE	34
5. REPENSANDO O MODELO PATRIARCAL SUPREMACISTA BRANCO	49
6. A REAFIRMAÇÃO DA <i>MAMMY</i> E A REVELAÇÃO DAS <i>MAMMIES</i>	67
7. A ERA DOS LINCHAMENTOS EM HARPER LEE	79
8. DISSECANDO O ESTEREÓTIPO DO HOMEM NEGRO ESTUPRADOR	87
9. IMPROVISAÇÕES MUSICAIS E VITAIS EM JAMES BALDWIN	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	111

## 1 INTRODUÇÃO

É com enorme alegria que apresento esta tese de doutorado, no ano de 2024, ano dos 100 anos do nascimento do escritor James Baldwin. Para muitos, um dos intelectuais mais brilhantes do século XX e, especificamente para mim, o principal motivo para a escrita desta pesquisa.

Conheci o escritor James Baldwin ao assistir o documentário “I am not your negro” do diretor haitiano Raoul Peck e a partir dele, temos acesso a reflexões sobre ser negro nos Estados Unidos. É através de uma obra inacabada de James Baldwin, chamada *Remember this house*, que o diretor narra histórias de vida e violências perpetradas aos líderes negros ativistas como Malcom X e Martin Luther King Jr.

Prontamente quis conhecer melhor do escritor que inspirou aquele documentário e a primeira obra que li foi justamente *Se a rua Beale falasse*. O romance em questão é parte do objeto de estudo desta tese e o discutiremos extensamente nas páginas a seguir. Foi na primeira leitura do romance que recordei-me de um capítulo da obra *Mulheres, raça e classe* da Angela Davis, onde a autora discute o estereótipo do homem negro estuprador nos Estados Unidos. Numa primeira pesquisa, não encontrei rastros de investigação acadêmica sobre o tema e acabei por conhecer outro romance cuja narrativa gira em torno desse mesmo estereótipo: *O sol é para todos* da escritora Harper Lee. Decidi, assim, escrever meu projeto de pesquisa para a seleção do doutorado do Programa de Letras da Universidade Federal de Pernambuco.

A escolha desse tema constitui uma questão vital na minha trajetória acadêmica e pessoal. Nasci nordestina e branca, numa família humilde e graças aos cuidados de um casal de tios (um casal inter-racial), pude ter maiores facilidades na vida. Movida por uma enorme curiosidade em relação a outras culturas, ingressei na graduação de Ciências sociais na UFPE e busquei vincular os conhecimentos sociológicos e antropológicos à sensibilidade proporcionada pela literatura, uma paixão muito antiga. Ainda na graduação, me aproximei de temas relacionados à questão racial brasileira e fui atestando para mim mesma a pertinência constante de investigação sobre a temática. Afinal, não há como falar de Brasil ou Estados Unidos sem o conhecimento dos elementos fundantes

desses países e nesse sentido, há algo que os une, que os aproxima. A compreensão efetiva e adequada desses contextos e suas desigualdades socioeconômicas somente é possível a partir da análise atenta da instauração das dinâmicas escravocratas e seus desdobramentos evidentes nas referidas sociedades. Foi na graduação também que me aproximei, pela primeira vez, das literaturas africanas de língua portuguesa e isso representou um grande leque de possibilidades analíticas. Nesse movimento, busquei o livro de poemas de Noémia de Sousa, escritora moçambicana, cuja obra ainda não havia sido lançada no Brasil. Foi através de uma cópia vinda de Portugal, do *Sangue negro*, que foi possível escrever meu trabalho de conclusão de curso e posteriormente, examinar de forma mais consistente os versos da escritora quando me tornei mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Agora, no doutorado em Estudos literários, recorro aos romances de James Baldwin e Harper Lee com o propósito de trazer à tona os olhares desses escritores sobre uma questão representativa das tensões raciais nos Estados Unidos.

Nelle Harper Lee, escritora branca, nascida no Alabama em 1926, estudou Direito e venceu o Prêmio Pulitzer, em 1961, com o romance escolhido para essa pesquisa. James Baldwin, escritor negro nascido no Harlem, em 1924, deixou como legado uma extensa produção intelectual entre ensaios críticos, poemas e ficções. A partir desses dois escritores e do *corpus* literário selecionado, pretendo discutir parte da subalternidade histórica relegada à comunidade afro-americana, de raízes escravocratas.

Através do prisma das duas obras literárias surgem questões indispensáveis sobre vivências exclusivas de homens negros nos Estados Unidos como, primordialmente, racismo, encarceramento em massa e violência urbana e que, inevitavelmente, irão perpassar esta pesquisa, uma vez que são assuntos diretamente relacionados, convocados pelas próprias obras literárias. Há, no entanto, a questão fundamental, que aproxima esses dois romances, a construção e legitimação de um estereótipo direcionada a jovens homens negros e que se reafirma ao longo de décadas, colocando-os em situação de cárcere, por exemplo. As literaturas selecionadas para essa discussão representam, nesse sentido, o ponto inicial e mais uma vez demonstram a potência da arte que provoca e nos convida à reflexão de problemas como esse, de forma inédita e com uma intensidade inalcançável por outras áreas do conhecimento.

O encarceramento em massa de pessoas negras representa, ainda hoje, um dos maiores problemas sociais, não somente nos Estados Unidos, mas em muitos outros países, inclusive no Brasil. As diversas arbitrariedades envolvidas nas acusações e julgamentos de homens negros ganham destaque nas obras literárias, mas o problema continua se reproduzindo em sociedades de passado escravocrata. Em vista disso, discutirei a respeito da contribuição dos dois romances para essa questão.

Como ponto de partida para a discussão pretendida, faz-se necessário uma contextualização que nos apresente alguns elementos sobre as obras elencadas. Temos, portanto, dois importantes marcos temporais e geográficos. A obra da escritora Harper Lee se passa no Alabama, sul dos Estados Unidos, no início da década de 1930 (lançado pela primeira vez no ano de 1960). Já o romance de James Baldwin desenrola-se no Harlem, nos anos 1970 (com a primeira edição no ano de 1974). Os espaços determinados em cada obra não são escolhidos por acaso e discutiremos a respeito disso a partir de algumas perspectivas teóricas.

Começarei, assim, a apresentar as obras escolhidas, seus personagens, dramas e desavenças familiares, assim como temas relevantes para nossa problemática e que emergem dos dois romances. No terceiro capítulo, exibirei a apresentação de um quadro amplo sobre a condição do negro nos Estados Unidos (um movimento de contextualização sócio-histórica), uma vez que se faz necessário esse retorno ao passado escravocrata do país para compreendermos de maneira mais ampla os desdobramentos sociais/históricos/culturais que explicam a era dos linchamentos e o encarceramento em massa de pessoas negras, por exemplo.

Uma vez que estou pesquisando a gênese do estereótipo do esturador negro nas expressões literárias, faz-se necessário levar em consideração as categorias inseridas nessa questão. Categorias como raça, gênero, sexualidade e classe aparecem de forma imbricada e necessitam de uma contextualização, essa, por sua vez, possibilitada pelo instrumento analítico da interseccionalidade. Essa contextualização será explanada no quarto capítulo. Para esse objetivo, utilizo como base da discussão, para além das obras literárias, a obra de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge: *Interseccionalidade* para posteriormente discutir de maneira detalhada todas as questões que envolvem

a construção desse estereótipo. Expresso, assim, meu percurso metodológico que passará obrigatoriamente por conceitos específicos exigidos pelo problema de pesquisa, podendo oferecer a operacionalidade da análise. Destaco, portanto, os elementos narrativos que indicam todas as categorias envolvidas.

No sexto capítulo, apresento e discuto outra imagem de controle (estereótipo negativo, nos termos de Patricia Hill Collins) que está presente no romance da Harper Lee, representado pela *mammy* através da personagem Calpúrnia. Veremos também a revelação da imagem contemporânea desse estereótipo feminino no romance de James Baldwin.

No oitavo capítulo, investigo as raízes do estereótipo do homem negro estuprador. Nele, apresento a construção do estereótipo, ao mesmo tempo, projeto a ferramenta analítica da interseccionalidade para entender o funcionamento da estratégia discursiva nos romances escolhidos.

Para bell hooks, “Estereótipos sobram quando existe distância. São uma invenção, um fingimento de que se sabe quando os passos que levariam ao verdadeiro conhecimento possivelmente não podem ser dados ou não são permitidos” (HOOKS, 2019, p. 303), no entanto, veremos como as literaturas selecionadas para essa pesquisa nos possibilitarão a compreensão das injustiças geradas pela ideologia racista estadunidense. Reconhecemos o espaço de privilégio próprio da literatura que permite tentativas de desconstrução do imaginário social sobretudo através dos dois romances a partir dos quais desmonta-se mais um mecanismo de desumanização da população afro-americana.

A união dessas teorias e das expressões literárias selecionadas nessa tese permitirão a contestação do estereótipo do homem negro estuprador e nesse sentido, podemos pensar a partir de Antoine Compagnon, sobre o que há de mais relevante na teoria, ou seja, sua postura contestadora do senso comum. Levando em consideração a compreensão da maneira como as ideologias dominantes consolidam as percepções sobre os fatos sociais, é possível perceber a forma como esses contextos são intensificados com a falta de perspectivas teóricas adequadas. Para o autor, o propósito da teoria é desconcertar o senso comum e a literatura pode colaborar também com a ruptura em relação às ideologias dominantes e equivocadas (COMPAGNON, 2010).

Em consonância com Antoine Compagnon, veremos como a literatura precede outros saberes: “...os grandes escritores (os visionários) viram, antes dos demais, particularmente antes dos filósofos, para onde caminhava o mundo...”. Como já observado por (COLLINS, 2022), James Baldwin foi um dos primeiros autores a tratar da relevância de temas associados à sexualidade dos homens negros:

Acho que sei algo sobre a masculinidade americana que a maioria dos homens da minha geração não sabe, porque eles não foram ameaçados por ela da maneira que eu fui. Ainda é verdade, infelizmente, que ser um homem negro americano também é uma espécie de símbolo fálico ambulante: o que significa que se paga, em sua própria personalidade, pela insegurança sexual dos outros (BALDWIN, 1993, p. 217).

Juntos, ele e Harper Lee, apropriam-se de um fato social para correlacionar o passado escravagista estadunidense com um desdobramento específico reservado aos homens negros. Os escritores brincam, dessa maneira, com os limites entre a “realidade” e a “ficção”, que apesar de estimulado pela “realidade”, vai além, oferecendo importantes sensibilidades analíticas. Como resultado, é notável, nessa rede criada pelos escritores, a presença significativa do medo socialmente fabricado pelo contexto estadunidense e direcionado à comunidade afro-americana. Mais do que isso, pretendo demonstrar como ambos articulam categorias interseccionais em seus romances, antes mesmo da utilização da ferramenta analítica nas Universidades estadunidenses.

## 2 CONSIDERAÇÕES INICIAIS ACERCA DAS OBRAS

A obra da escritora Harper Lee se passa no Alabama, sul dos Estados Unidos, no início da década de 1930. Já o romance de James Baldwin se desenrola no Harlem nos anos 1970. Os espaços determinados em cada obra não são escolhidos por acaso. Somos levados, a propósito, a pensar nas relações dos personagens com esses locais e no seguinte questionamento: quais são as características específicas em cada obra e que nos fazem refletir sobre a presença do racismo nesses ambientes?

*O sol é para todos*<sup>1</sup> (romance dividido em 31 capítulos e em duas partes) nos apresenta a história de Scout, uma criança muito atenta aos acontecimentos de sua cidade. Esse ambiente que sempre foi visto por ela como um lugar bastante tranquilo, agita-se a partir do momento que seu pai, Atticus Finch, um advogado, decide defender Tom Robinson. Tom Robinson, por sua vez, é um homem negro e na narrativa, está sendo acusado de estuprar uma mulher branca conhecida pelo nome de Mayella.

Uma vez que a narrativa se desenvolve através do olhar de uma menina, faz-se a leitura de várias passagens que evidenciam elementos lúdicos próprios desta fase da vida, no entanto, outras tantas passagens do livro trazem reflexões e questionamentos amadurecidos tanto de Scout quanto de seu irmão Jem, alguns anos mais velho. Um exemplo disso é o diálogo a seguir entre Jem e seu pai, após o julgamento questionável de Tom:

- ... Nos nossos tribunais, quando se trata da palavra de um branco contra a de um negro, o branco sempre vence. É horrível, mas é a vida.  
- Continua não sendo justo – disse Jem, irredutível, batendo o punho no joelho. - Não se pode condenar um homem com provas como aquelas... não mesmo (LEE, 2018, p. 275).

Uma outra parte dos questionamentos das crianças está relacionada aos julgamentos e xingamentos de colegas e vizinhos direcionados ao advogado. As crianças questionam e refletem muitas vezes sobre o fato do pai ser destratado por ter optado em defender um homem negro, inclusive por seus parentes. Um

---

<sup>1</sup> Em 1962, o romance foi adaptado para o cinema. O longa-metragem tem a direção de Robert Mulligan e conquistou três estatuetas no Oscar, um deles concedido ao ator Gregory Peck que atua como o advogado Atticus Finch.

dos colegas das crianças, Cecil Jacobs, expõe a situação na escola ao contar que o pai de Scout Finch defende pessoas negras e isso faz com que a garotinha questione seu pai:

- Todo advogado defende os, hum, negros, Atticus?
  - Claro que sim, Scout.
  - Então por que Cecil disse que você defende pretos? Ele falou como se fosse ilegal.
- Atticus suspirou.
- Estou só defendendo um negro... ele se chama Tom Robinson. Ele mora naquele pequeno assentamento atrás do lixão da cidade. Frequenta a igreja de Calpúrnia, que conhece bem a família dele. Cal diz que eles são boa gente. Scout, há coisas que você não tem idade para entender, mas estão comentando pela cidade que eu não devia defender esse homem (LEE, 2018, p. 101).

Dramas e desavenças familiares também têm espaço em *Se a rua Beale falasse*<sup>2</sup>. O jovem casal formado por Tish e Fonny tem suas vidas perturbadas devido à acusação de estupro de uma jovem porto-riquenha direcionada ao rapaz. Grávida e desesperada, Tish mobiliza as famílias envolvidas e procura advogados para provarem a inocência de seu companheiro:

O bebê esta irrequieto, e eu apavorada. Estava chegando a hora. De tão cansada, eu queria quase morrer. Como o Fonny tinha sido posto na solitária, fazia tempo que eu não o via. Vi naquele dia. Ele tinha emagrecido muito, estava cheio de equimoses: por pouco não gritei. Para quê, onde? Vi essa pergunta nos seus olhos negros enormes e ligeiramente voltados para cima – olhos que agora ardiam, como os de um profeta. Porém, quando ele sorriu, vi de novo meu amor como se fosse pela primeira vez.

“Vamos ter que botar alguma carne em cima desses seus ossos”, eu disse. “Deus meu, tenha piedade.”

“Então, fala mais alto. Ele não consegue te escutar.” Mas disse isso com um sorriso.

“Já temos quase todo o dinheiro pra pagar a fiança e te soltar.”

“Foi o que imaginei” (BALDWIN, p. 192).

O romance de James Baldwin *Se a rua Beale falasse* divide-se em duas partes denominadas “Preocupada com minha alma” e “Sião: A Terra Prometida”. Prontamente somos apresentados à narradora Clementine, mais conhecida como Tish. A personagem tem 19 anos e trabalha na seção de perfumes de uma loja de departamentos, enquanto o Alonzo ou Fonny, de 22 anos, faz o transporte de mudanças durante o dia e esculturas durante a noite.

---

<sup>2</sup> O romance de James Baldwin também foi adaptado para o cinema pelo diretor Barry Jenkins.

Nas primeiras páginas já sabemos que seu companheiro está preso e Tish vai visitá-lo na prisão para comunicar-lhe que está grávida. Após a conversa, Tish narra a sensação ao sair da prisão:

Fui andando por aqueles corredores enormes e largos que passei a odiar, corredores mais largos que o deserto do Saara. O Saara nunca está de todo vazio. Esses corredores nunca estão vazios. Se você estiver atravessando o Saara e cair, logo, logo os abutres vão começar a circundar você, sentindo seu cheiro, sentindo sua morte. Sobrevoam cada vez mais baixo: esperam. Sabem. Sabem exatamente quando a carne está pronta, quando a alma não pode mais se defender. Os pobres estão sempre atravessando o Saara. E os advogados e os homens que emprestam dinheiro para pagar a fiança de toda essa gente, eles ficam rondando em volta dos pobres exatamente como abutres (BALDWIN, 2019, p. 16).

Através das memórias de Tish, somos convidados a acompanhar o infortúnio causado às famílias e principalmente a Fonny, decorrente de uma acusação de estupro vazia, desonesta e de base racista, como se verifica, por exemplo, neste outro trecho:

É impossível correr da Orchard para a Bank, em especial com a polícia em seu encalço. No entanto, Bell *jura* que viu o Fonny “fugir correndo da cena do crime”. Isso só seria possível se Bell não estivesse trabalhando naquela hora, pois suas “rondas” são feitas no West Side, e não no East Side. Apesar disso, Bell pôde prender o Fonny na frente da nossa casa na Bank Street. E então cabe ao acusado provar, e pagar para provar, a irregularidade e a improbabilidade dessa sequência de fatos (BALDWIN, 2019, p. 119).

A improbabilidade e a irregularidade dos fatos referentes às acusações são expostas detalhadamente em ambos os romances, exemplificando como se dá a perpetuação de um imaginário racista que aprisiona homens negros e retira-lhes a dignidade. Analisaremos mais à frente de que maneira as obras exploram o estereótipo do homem negro esturador nos Estados Unidos.

É inegável, portanto, que as narrativas se aproximam, particularmente em relação à questão do estereótipo, mas não somente. Ambas narrativas possuem como pano de fundo uma sociedade fortemente caracterizada pela desigualdade social e pela discriminação racial. Veremos mais à frente como os personagens irão questionar e lutar pela libertação dos jovens homens negros acusados injustamente. Enquanto a narradora Tish vai obter bastante apoio da própria mãe

na procura de advogados, o advogado Atticus vai enfrentar sozinho a família e a vizinhança na defesa de Tom Robinson.

A partir da descrição da cidade fictícia em *O sol é para todos* tem-se a apreensão da divisão social/espacial/geográfica existentes. De um lado da cidade, habitam famílias brancas de classe média e alta e de outro, famílias negras humildes que realizam trabalhos braçais. Há também a descrição de alguns moradores e seu cotidiano, como por exemplo, o de Arthur Radley, mais conhecido como Boo. O personagem é apresentado como um homem visto poucas vezes pelos vizinhos. Muitas páginas são dedicadas a esse personagem específico e representa, como já citado, a dimensão lúdica da narrativa uma vez que a existência de Arthur Radley alimenta a imaginação infantil. A necessidade das crianças de viverem aventuras faz com que eles tentem contato muitas vezes com Arthur Radley, mas sem sucesso. Na última parte do romance, o personagem volta a aparecer, salvando Jem e Scout de um ataque de outro personagem, o Mr. Ewell, que tenta se vingar de Atticus Finch por ter defendido Tom Robison.

O romance publicado em 1960, década que é palco do Movimento pelos Direitos Civis concedeu à escritora Nelle Harper Lee (1926-2016) um Prêmio Pulitzer de ficção pelo livro. Com a venda de milhões de exemplares traduzidos para dez idiomas, a narrativa se fixa no cânone literário norte-americano, sobretudo, como uma obra que acomoda a luta pela justiça racial. Por outro lado, as expectativas sociais oriundas desse contexto de luta da década de 1960 vão ser questionadas no romance de James Baldwin:

“Obviamente, como já me disseram, os negros não eram tão pobres quanto na época em que mamãe e papai se conheceram. Não eram tão pobres quanto tinham sido no Sul. Mas sem dúvida éramos pobres e continuamos a ser pobres” (BALDWIN, 2019, p. 19). Além disso, veremos, inclusive o ressurgimento do estereótipo do estuprador negro na década de 1970.

Além da conjuntura exposta de desigualdade social marcada por trabalhos braçais vinculada aos afro-americanos presente nos dois romances, julgo importante analisarmos outras características dos personagens negros a partir da perspectiva interseccional. Discutiremos como a categoria raça é um fator decisivo quando estamos pensando nos indivíduos que têm mais chances de ir para a prisão e aqueles com menos. No entanto, veremos como o racismo

não atua isoladamente, pelo contrário, une-se com outras categorias como classe, gênero, sexualidade e nação que vão se desdobrar em violências específicas.

Em primeiro lugar, ambos os personagens negros, Tom e Fonny, são privados de liberdade com a justificativa pautada numa suposta violência sexual produzida pelos jovens. À primeira vista, são as características físicas que condenam os personagens, como podemos observar no trecho abaixo narrado por Tish:

A sra. Hunt e as meninas têm a pele clara; e dá para ver que a sra. Hunt foi uma garota muito bonita lá em Atlanta, onde nasceu. E ainda tem aquele ar, aquele jeito de não me toque que as mulheres bonitas levam até o túmulo. As irmãs não eram tão bonitas quanto a mãe e, obviamente, não foram moças em Atlanta, mas tinham a pele clara e cabelos compridos. O Fonny é mais claro que eu, mas muito mais escuro que elas, e nem toda a brilhantina que ela passava no cabelo dele aos domingos fazia seu cabelo ficar liso (BALDWIN, 2019, p. 27).

Já em relação ao personagem de *O sol é para todos*, Tom é descrito como “um negro de pele de veludo, um veludo negro, fosco e macio. O branco dos seus olhos brilhava e, quando falava, os dentes reluziam” (LEE, 2018, p. 240). Em ambos os casos, os personagens representam o imaginário que condena os homens negros à personificação do perigo, do mal, através, inicialmente, da construção do pânico moral. Dessa maneira, discutiremos nos próximos tópicos, as conjunturas sociais que contribuíram para o estabelecimento desse pânico moral contra os homens negros, que James Baldwin resume, demonstrando preocupação com o tema não somente em *Se a rua Beale falasse*, mas também em seu livro ensaístico *No name in the street*, que no Brasil foi publicado com o nome *E pelas praças não terá nome*. Nele, James Baldwin argumenta:

E é quase certo que os homens brancos, que inventaram a estória de que negro tem o pau grande, estão ainda à mercê deste pesadelo, e estão ainda, na maior parte, condenados, de uma maneira ou de outra, a tentar fazer deste pau, o próprio: pelo progresso que o mundo cristão fez daquela selva, está claro o propósito de manter os negros sempre nas árvores. Cada negro caminhando neste país paga um preço tremendo para caminhar: porque homens não são mulheres, e o balanço de um homem depende do peso que ele carrega entre as pernas (BALDWIN, 1972, p. 50).

Dito isto, iremos pensar a respeito das raízes desse pânico moral em relação aos afro-americanos, fazendo uma breve leitura acerca do contexto escravocrata e seus desdobramentos na nação americana.

### 3 A HISTÓRIA DO NEGRO NA AMÉRICA É A HISTÓRIA DA AMÉRICA

Este tópico será dedicado à discussão acerca da construção social e simbólica do racismo nos Estados Unidos, suas raízes e sua contemporaneidade em diálogo com as obras escolhidas para esta pesquisa. O espaço servirá para a elaboração de um quadro sobre o conceito de raça, um conceito que versa sobre a elaboração de discursos que convêm a estruturas de poder. É fundamental, portanto, que reconheçamos a existência de tipos distintos de racismo, a depender, por exemplo, dos contextos específicos. Torna-se importante também que valorizemos a construção dos sujeitos racializados, nesse caso, no contexto estadunidense. Achille Mbembe, ao utilizar Foucault, vai dizer que essas estruturas de poder:

Esse controle pressupõe a distribuição da espécie humana em grupos, a subdivisão da população em subgrupos e o estabelecimento de um cesura biológica entre uns e outros. Isso é o que Foucault rotula com o termo (aparentemente familiar) “racismo”. Que a “raça” (ou, na verdade, o “racismo”) tenha um lugar proeminente na racionalidade própria do biopoder é inteiramente justificável. Afinal de contas, mais do que o pensamento de classe (a ideologia que define história como uma luta econômica de classes), a raça foi a sombra sempre presente no pensamento e na prática das políticas do Ocidente, especialmente quando se trata de imaginar a desumanidade de povos estrangeiros – ou a dominação a ser exercida sobre eles (MBEMBE, 2018, p. 17).

É preciso reafirmar a importância de trazer um pouco do contexto da escravidão para a elucidação de problemas contemporâneos, o qual será explorado na medida necessária para a posterior discussão do problema de pesquisa esboçado nesta tese. Nesse sentido, é importante salientar que “Qualquer relato histórico do surgimento do terror moderno precisa tratar da escravidão, que pode ser considerada uma das primeiras manifestações da experimentação biopolítica” (MBEMBE, 2018, p. 27). Em consonância, (MUNANGA, 2020) vai argumentar sobre os africanos escravizados:

Negro torna-se, então, sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica. E, como o ser humano toma sempre o cuidado de justificar sua conduta, a condição social do negro no mundo moderno criará uma literatura descritiva dos seus pretendidos caracteres menores (MUNANGA, 2020, p. 22).

O trecho destacado acima corrobora a noção de sujeito racial para Achille Mbembe, ou das pessoas de origem africana que eram compreendidas como um bem material ou mercadoria, em um processo de fabulação que justificava as muitas violências sofridas por elas:

Na maneira de pensar, classificar e imaginar os mundos distantes, o discurso europeu, tanto o erudito como o popular, foi recorrendo a processos de efabulação. Ao apresentar como reais, certos ou exactos, factos muitas vezes inventado, foi-lhe escapando a coisa que tentava apreender, mantendo com esta uma relação fundamentalmente imaginária, mesmo quando a sua pretensão era desenvolver um conhecimento destinado a dá-la a conhecer objectivamente. As características principais desta relação imaginária estão ainda longe de ser esclarecidas, mas os processos graças aos quais o trabalho de efabulação se avolumou, assim como as consequências da sua violência, são, actualmente, assaz conhecidos (MBEMBE, 2014, p. 29).

Assim, a construção do sujeito racializado tinha como objetivo principal a subjugação física e mental para a conseqüente dominação dos escravizados. O racismo alimenta-se do desconhecimento, de colonizadores e colonizados, afirma-se e reafirma-se reiteradas vezes através da construção de hierarquias sociais. Confirma-se também através das posições sociais que se arranjam em virtude do movimento de antagonismo ao outro desconhecido. Assim são criados perfis com determinados estereótipos para definir os colonizados e a partir dessa definição, o colonizador autodefine-se como um “ser superior” na hierarquia social (CABAÇO, 2009).

A ampla utilização dos estereótipos inventados pelos ocidentais para legitimar a superioridade em relação aos africanos é debatida também por Valentin-Yves Mudimbe. O autor discute através de diferentes exemplos como a marginalidade atrelada às culturas africanas não está apenas relacionada às distintas composições situadas em contextos de colonização, mas também tem afinidade com as hipóteses e os imaginários gerais desenvolvidos sobre a classificação das sociedades encontrados em formatos distintos e em campos diferentes do conhecimento ocidental, em pesquisas antropológicas ou até mesmo em narrativas lidas em pinturas do século XV. Assim sendo, é possível apreender que esses estigmas sociais e racistas constituem uma episteme que começou a se reproduzir séculos atrás e nos ajuda a refletir sobre a longa construção desses estereótipos (MUDIMBE, 2013).

Dessa maneira, Kabengele Munanga afirma que, especificamente no século XVIII, os grandes pensadores iluministas ao criarem uma ciência geral do homem, contribuíram à percepção negativa que se tinha do negro, consolidando uma noção depreciativa advinda de épocas anteriores. Temas-chave como feiura, preguiça, nudez e sexualidade compõem a descrição do negro na literatura científica do período (MUNANGA, 2020, p. 27).

É particularmente interessante o comentário de Isabel Caldeira a respeito de um dos muitos estereótipos construídos pelos europeus no contexto da colonização da África, constituído fundamentalmente pela animalização dos africanos<sup>3</sup>:

A semelhança estabelecida entre os Africanos e o orangotango, animal que os Europeus só encontraram pela primeira vez nessas paragens, acentuava as fantasias da proximidade entre o negro e o animal; a lascívia associada ao macaco (termo que generalizadamente se passou a aplicar ao orangotango) e o seu parentesco com o diabo acrescentavam um ingrediente de ameaça à imagem do Africano (CALDEIRA, 1994, p. 33).

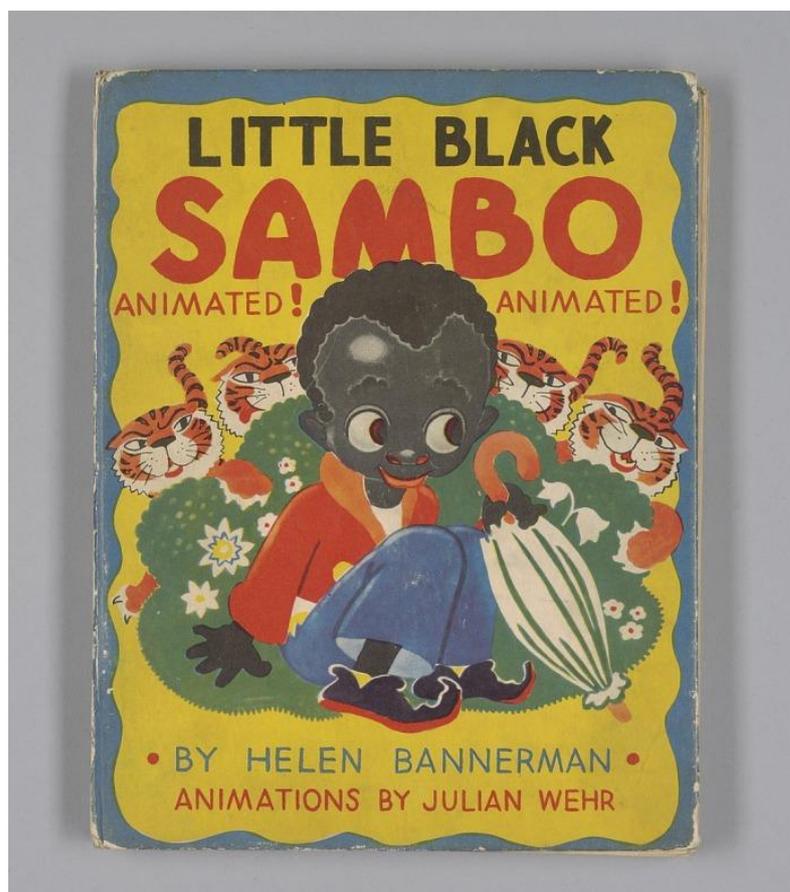
Além dessa característica que corresponde diretamente à animalização dos africanos, Isabel Caldeira descreve também outras características vinculadas aos escravizados no período escravocrata estadunidense e que acreditavam serem atributos do “estado natural” do africano como por exemplo, infantil, leviano, ladrão, dominado pela libido, entre outras características, inclusive descreve em *A construção social e simbólica do racismo nos Estados Unidos* sobre um estereótipo predominante e bastante popularizado entre 1830 e 1860: o sambo, o escravizado satisfeito com sua realidade (CALDEIRA, 1994, p. 37). O nome sambo é conferido a um dos homens escravizados do romance *A cabana do Pai Tomás* e ao personagem do livro infantil britânico *The Story of*

---

<sup>3</sup> Antes mesmo dos processos coloniais em África, essa perspectiva sobre o continente representou uma ideia relevante nas ciências do século XIX, é sabida a exigência quanto à classificação dos objetos e pessoas e a conseqüente hierarquização (FOUCAULT, 1979, *apud* COLLINS, 2022, 154). A categoria de africanos primitivos localizava-se embaixo dos brancos e acima dos macacos e símios. Assim, na ciência ocidental, os africanos e os macacos ocupavam uma zona fronteira entre humanos e animais. A classificação elaborada pelos cientistas ocidentais proporcionava uma visão que apontava os africanos como menos civilizados e mais próximos da natureza. Assim como os animais, os africanos serviram como objetos de estudo para, dessa forma, corroborarem com as teses racistas (COLLINS, 2022, 154). Com essa conjuntura, examinar os comportamentos sexuais dos africanos e dos animais representou um estudo de grande relevância. Associar povos africanos e práticas sexuais de animais tornou-se fundamental para as concepções ocidentais sobre promiscuidade negra (COLLINS, 2022, 155).

*Little Black Sambo*. No século XIX, na cultura popular estadunidense, era utilizado para fazer referência à imagem do homem negro preguiçoso, despreocupado e malandro que enganava os brancos (DAVIS, 2016, p. 18).

Figura 1 - Primeira edição de *Little Black Sambo* de 1943.



Fonte: [www.mrtbooksla.com](http://www.mrtbooksla.com). Acesso em: 18 nov. 2024.

Para a autora, com a evolução da economia de plantação (final do século XVII e o XVIII), há, nos EUA, “uma dramática generalização de um estatuto que inferiorizava os indivíduos de origem africana” (CALDEIRA, 1994, p. 37). Esse processo de construção social e simbólica é derivada da falta de proximidade entre brancos e negros e colaborava para o desconhecimento da realidade do africano, gerando assim, a tendência para a elaboração de categorizações ou estereótipos que inferiorizavam os negros (CALDEIRA, 1994, p. 37).

Thomas Jefferson, reconhecido como um homem esclarecido de sua época, em *Notes on the State of Virginia* (1784) demonstra estar em

concordância com o senso comum dos seus compatriotas, ao que afirma no trecho a seguir (CALDEIRA, 1994, p. 40):

A primeira diferença que nos chama a atenção é a cor. Que a cor negra resida na membrana reticular entre a derme e a epiderme, quer na própria epiderme; quer derive da cor do sangue, da cor da bÍlis, ou de qualquer outra secreção, a verdade é que a diferença está estabelecida na natureza e afigura-se-nos tão real como se conhecêssemos perfeitamente a sua base e a sua causa. (...) Para além da cor, do gesto, do cabelo, há outros traços físicos distintivos que comprovam a diferença da raça. Têm menos pêlo na face e no corpo. Segregam menos dos rins e mais pelas glândulas da pele, o que lhes atribui um odor muito forte e desagradável. (...) São, pelo menos, igualmente corajosos e mais aventureiros. Mas isso pode talvez dever-se a uma falta de ponderação, o que os impede de ver o perigo antes de ele surgir. (...) São mais ardentes em relação à sua fêmea: mas neles o amor parece mais um desejo impetuoso do que uma mistura terna e delicada de sentimentos e sensações. (...) Em geral, a sua existência parece feita mais de sensações do que de reflexão. (...) Se usarmos como termos de comparação as faculdades de memória, razão, imaginação, parece-me que, quanto à memória, são iguais aos brancos, quanto à razão, muito inferiores, pois, quanto a mim, dificilmente encontraríamos um que fosse capaz de seguir e compreender as investigações de Euclides; e, quanto à imaginação, são insípidos, sensaborões e anómalos (JEFFERSON, 1976, p. 186 *apud* CALDEIRA, 1994, p. 40).

Mais do que a inferiorização através de determinadas categorizações físicas e comportamentais, Achille Mbembe vai falar em “alterocídio” para corroborar com o aprofundamento dessa estratégia colonial e pós-colonial:

Se aprofundarmos a questão, a raça será um complexo perverso, gerador de medos e de tormentos, de problemas do pensamento e de terror, mas sobretudo de infinitos sofrimentos e, eventualmente, de catástrofes. Na sua dimensão fantasmagórica, é uma figura da neurose fóbica, obsessiva e, porventura, histórica. Quanto ao resto, trata-se do que se apazigua odiando, mantendo o terror, praticando o alterocídio, isto é, constituindo o Outro não como semelhante a si mesmo, mas como objeto intrinsecamente ameaçador, do qual é preciso proteger-se, desfazer-se, ou que, simplesmente, é preciso destruir, devido a não conseguir assegurar o seu controle total (MBEMBE, 2014, p. 25).

Se a raça aponta os indivíduos perigosos, se faz imperiosa, portanto, a construção e a manutenção de mecanismos que garantam o controle dessas ameaças. Esse domínio dos afro-americanos será instituído através de diferentes frentes, segundo Michelle Alexander, e tem início desde a fundação

da nação. As instituições como a escravidão e o Jim Crow<sup>4</sup> que permaneceram na sociedade estadunidense ao renovarem-se ao longo das décadas (ALEXANDER, 2017, p. 61) são bons exemplos.

No período escravocrata, as *plantations* se expandiram enormemente, especificamente as fazendas de tabaco e algodão. Essa ampliação demandou terras e trabalho e a primeira demanda foi suprida pelas invasões cada vez maiores de território. Decorre desse período, inclusive, a construção de imagens negativas em livros e jornais, dos indígenas que passaram a ser vistos como um grande impedimento ao “progresso” colonial inglês (ALEXANDER, 2017, p. 63).

A crescente demanda por trabalho nas *plantations* era suprida pela escravidão. Os indígenas foram considerados impróprios para serem escravos, sobretudo porque as tribos nativas tinham claramente a posição de lutar em resistência. O medo de que tribos indígenas promovessem invasões fez os donos de terras procurarem por uma fonte alternativa de trabalho livre. Os imigrantes europeus também eram considerados péssimos candidatos à escravidão, não por causa de sua raça, mas sobretudo porque estavam disponíveis em pequena quantidade e porque sua escravização, naturalmente, interferiria na imigração voluntária para as novas colônias (ALEXANDER, 2017, p. 63).

Os indígenas da América do Norte eram poucos e importunaram o processo colonial, mas por pouco tempo. Quando os primeiros europeus chegaram, o número de indígenas a leste do Mississippi não passava dos duzentos mil. Os indígenas de todo o continente não eram mais de quinhentos mil (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 24). Ainda assim, desde a fundação das primeiras colônias, muitos conflitos foram estabelecidos entre colonos e indígenas. Um dos exemplos desses conflitos é a Guerra dos Pequot, ocorrida na Nova Inglaterra e que culminou com a completa aniquilação dos indígenas Pequot, em 1637 (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 25).

Já sabemos quem elegeram como os escravizados ideais. Os homens a serem escravizados eram trazidos, fundamentalmente, da costa ocidental da África (Da Senegâmbia, ao norte, até a Angola, ao sul). Após o final do século

---

<sup>4</sup> O Jim Crow refere-se ao “Período de um século que se seguiu ao fim da guerra civil nos Estados Unidos (1865), no qual, em reação ao fim da escravatura, parlamentares aprovaram leis de segregação racial em estados sulistas. Jim Crow é um personagem criado pelo ator branco Thomas D. Rice (1808-1860), que recorria ao *blackface* (pintar o rosto de preto) para personificar os estereótipos associados aos negros” (COLLINS, 2019, p. 50).

XVII, teve fim o monopólio da *Royal African Company* e o tráfico de pessoas escravizadas passou a ser administrado por uma variedade de indivíduos e firmas americanas e britânicas. Assim teve início a consolidação das fortunas de Boston, Newport, Nova York e dos portos do Sul (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 60).

O Sul passou a receber e utilizar mais o trabalho escravo e à medida que ia aumentando seus territórios, menos servos contratados ou outros trabalhadores brancos eram avistados nas enormes plantações de fumo ou arroz (NEVINS; COMMAGER, 1986, p. 61). Enquanto os estados no Norte apresentavam uma industrialização significativa, onde a força de trabalho não tinha como centro a escravidão, os estados do Sul apresentavam predominantemente o funcionamento de atividades agrícolas, a exploração do trabalho escravo como força produtiva e a impossibilidade dos negros usufruírem de direitos (IZECKSOHN, 2021, p. 50).

Mas a experiência norte-americana diferiu da de outras sociedades escravistas nas Américas basicamente por conta do crescimento natural da população escrava e sua progressiva concentração no Sul e no Sudoeste daquele país. A população escrava passou de 697.897 em 1770 para 3.953.760 em 1860, um crescimento de aproximadamente 467% em 90 anos. A população escrava norte-americana não apenas superou como também excedeu fortemente a taxa de crescimento das populações escravas em outras partes do continente, levando o Sul a uma posição proeminente como principal usuário do trabalho escravo no Novo Mundo, em razão das altas taxas de crescimento natural (IZECKSOHN, 2021, p. 59).

Durante os quatro séculos de escravidão nos Estados Unidos, a ideia de raça prosperou, mais especificamente a noção da distinção racial ou de supremacia branca. A crença na ideia de que africanos eram seres bestiais e de que os brancos eram superiores aliviava a consciência dos brancos em explorar os escravizados (ALEXANDER, 2017, p. 66). O significado da raça é, portanto, parte fundamental na constituição da estrutura básica da sociedade estadunidense. Assim sendo, o conteúdo da Constituição foi inteiramente fundamentado no empenho em manter um sistema de castas raciais, concomitante à concessão de direitos econômicos e políticos aos brancos, especialmente aos que possuíam propriedades (ALEXANDER, 2017, p. 65).

Não somente os brancos poderiam usufruir dos direitos da Constituição, mas para alguns estadunidenses, especificamente, como religiosos do Norte e alguns escravocratas do Sul, houve um desejo de deportação de pessoas negras livres que viviam no Norte. Em 1817, foi criada a Sociedade Colonizadora da América e para seus integrantes, os Estados Unidos deveriam ser habitados somente por pessoas brancas (IZECKSOHN, 2021, p. 59). Essa Sociedade levou à criação da colônia da Libéria, uma região localizada no noroeste africano durante o governo do presidente James Monroe e que receberia ex-escravizados e negros livres. A Libéria tornou-se uma república independente em 1842 e jamais se consolidou como o destino final de deportados (IZECKSOHN, 2021, p. 58). Ainda assim, cerca de 1500 negros livres e escravos foram deportados para a Libéria (IZECKSOHN, 2021, p. 59).

O tráfico de pessoas escravizadas fora abolido no ano de 1808 e em vista disso, os sulistas escravocratas desejavam expandir as terras uma vez que a reprodução natural de escravizados já não bastava para a mão-de-obra necessária. A ideia de separação do Sul já fazia parte do imaginário elitista, no entanto, Abraham Lincoln, presidente desde 1861, não concordava com a secessão (FERNANDES; MORAIS, 2007, 132). A deflagração da Guerra Civil foi objeto de diversas pesquisas desde o encerramento das tensões em 1865. Muitas questões distanciavam as duas grandes regiões dos Estados Unidos, mas foi a escravidão o mote central da crise que ocasionou a secessão e a guerra (IZECKSOHN, 2021, p. 93). É importante destacar que Abraham Lincoln condenava a expansão da escravidão por novas regiões, no entanto, não defendia a abolição da escravatura de forma direta (IZECKSOHN, 2021, p. 97).

A primeira onda de separações, entre dezembro de 1860 e fevereiro de 1861, teve início com o abandono da maioria dos estados do Sul meridional da União<sup>5</sup>. Os chamados Estados Confederados da América tinham como objetivo

---

<sup>5</sup> Harper Lee faz referência a essas tensões e separações quando ela faz menção à professora das crianças, a srta. Caroline:

“A professora escreveu o nome no quadro-negro e disse:  
- Está escrito: Sou a srta. Caroline Fisher. Nasci no norte do Alabama, no condado de Winston. A classe murmurou apreensiva, temendo que ela tivesse algumas das peculiaridades dos nascidos naquele condado. (Quando o Alabama se separou da União, em 11 de janeiro de 1861, o condado de Winston se separou do Alabama; qualquer criança de Maycomb sabia disso)” (LEE, 2018, p. 27).

principal a defesa e manutenção da escravidão e da supremacia do homem branco (IZECKSOHN, 2021, p. 98).

Tinha início o mais sangrento conflito enfrentado pelos Estados Unidos, uma campanha militar diferente de todas as guerras anteriores, cujas consequências remodelariam o país em termos econômicos, políticos e raciais. E cujo número de mortos superaria tudo que os EUA haviam enfrentado até aquela época (IZECKSOHN, 2021, p. 104).

O contexto escravocrata é por fim resolvido, quando em 22 de setembro de 1862, o presidente declara que a partir do dia 1º de janeiro de 1863, todas as pessoas mantidas como escravas dentro de qualquer estado, seriam libertadas (IZECKSOHN, 2021, p. 120). O país é assim, reunificado, a escravidão abolida e confirmada pela aprovação da Décima terceira emenda no Congresso. Após a Guerra de Secessão, tem-se início o período conhecido como Reconstrução<sup>6</sup>, que dura até o ano de 1877. Nesse intervalo, há a reintegração dos estados que haviam tentando se separar e o processo (parcial) de integração dos ex-escravizados (hooks, 2022, p. 47).

Para Michelle Alexander, as emendas constitucionais que deveriam garantir aos afro-americanos “igualdade perante a lei” e o direito ao voto não se mostraram eficazes. Os negros foram direcionados ao trabalho forçado com condições que não se diferenciavam das condições impostas pela escravidão (ALEXANDER, 2017, p. 59).

Além da continuidade da exploração pelo trabalho forçado, os ex-escravizados passaram a ser assombrados pelo surgimento da Ku Klux Klan e pela gestação das leis segregacionistas conhecidas como *Jim Crow*, ao que Michelle Alexander argumenta:

Poucas pessoas se surpreendem com o fato de que ao colapso da escravidão tenha se seguido a instituição do Jim Crow. Essa evolução é descrita nos livros de história como lamentável, mas previsível, dados

---

<sup>6</sup>Período da história estadunidense que se seguiu à Guerra Civil Estadunidense (ou Guerra de Secessão), estendendo-se de 1865 até 1877. Nesses anos, os estados do Sul foram ocupados por tropas da União a fim de sufocar o separatismo e assegurar direitos civis à população negra. A tensão entre sulistas e nortistas gerada durante a Reconstrução resultou no acordo mediante o qual os estados de tradição escravista puderam aprovar políticas segregacionistas” (COLLINS, 2019, p. 112).

o virulento racismo que dominava o Sul do país e a dinâmica política da época (ALEXANDER, 2017, p. 60).

As leis do Jim Crow, que dentre outras coisas, proibia assentos interraciais nos vagões da primeira classe dos trens e, inclusive, em escolas, (ALEXANDER, 2017, p. 69) continuava a manter, desde a fundação da nação, o controle de afro-americanos através das instituições. Nesse caso, o período de escravatura e o *Jim Crow*, que parecem ter sido abolidos, renascem sob novas formas, como veremos num capítulo mais à frente. Pode-se garantir, portanto, que o significado da raça é um elemento fundamental da estrutura básica da sociedade estadunidense e que durante os quatro séculos nos quais a escravidão prosperou, a ideia de raça como diferença racial ou supremacia branca também prosperou (ALEXANDER, 2017, p. 66).

Em *O sol é para todos*, essa diferença racial baseada na supremacia branca começa a ser apresentada através da representação geográfica da cidade fictícia de nome Maycomb. Scout inicia o livro contando sobre a história da família, a qual descende, especificamente de Simon Finch, um farmacêutico e negociante de peles que vinha da Inglaterra. Ao chegar no Alabama, comprou três escravizados e com o trabalho deles construiu uma casa à beira do rio Alabama, inclusive, deixando muitos filhos e morrendo rico:

Os homens da família costumavam se estabelecer na propriedade de Simon, que se chamava Finch's Landing, e viver do plantio de algodão. O lugar era autossustentável: modesto se comparado com os impérios ao redor, mas produzia todo o necessário para o sustento, menos gelo, farinha de trigo e peças de vestuário, que eram comprados nas embarcações fluviais que vinham de Mobile. Simon deve ter sentido uma ira impotente em relação aos conflitos entre o norte e o sul do país, já que, por causa deles, seus descendentes não herdaram nada além de suas terras (LEE, 2018, p. 12).

O que poderia ser herdado, nesse caso, pelos descendentes de Simon Finch seriam os seus escravizados que, como vimos, não poderiam mais ser comercializados após a Guerra Civil. O trabalho escravo é descrito no trecho abaixo:

Finch's Landing consistia em trezentos e sessenta e seis degraus num costão íngreme que terminava no píer. Mais adiante, rio abaixo, ficavam os restos do antigo cais onde os escravos dos Finch embarcavam fardos e produtos de algodão e descarregavam blocos de

gelo, sacos de farinha e açúcar, instrumentos agrícolas e roupas femininas (LEE, 2018, p. 106).

A tradição da habitação em *Finch's Landing* termina quando, na segunda metade do século XX, Atticus Finch vai cursar Direito em Montgomery. Após conquistar o diploma, o advogado vai se estabelecer em Maycomb, um vilarejo inspirado em Monroeville, a cidade natal de Harper Lee, situada no interior do Alabama. A cidade ficcional e agrícola é descrita da seguinte maneira:

Maycomb era uma cidade antiga, mas quando a conheci, era antiga e decadente. Quando chovia, as ruas viravam um lamaçal vermelho; o mato crescia nas calçadas e o tribunal parecia afundar no meio da praça. De alguma maneira, fazia mais calor; num dia de verão, os cachorros pretos penavam, mulas ossudas atreladas a carroças abanavam o rabo para espantar as moscas na sombra escaldante dos carvalhos da praça. Às nove da manhã, o colarinho duro dos homens já estava mole. As mulheres tomavam um banho antes do meio-dia e outro depois da sesta das três da tarde; mesmo assim, ao anoitecer pareciam aqueles bolinhos que costumavam ser servidos nos chás, com cobertura de suor e talco perfumado [...] Nós morávamos na principal rua residencial na cidade: Atticus, Jem e eu, mais Calpúrnia, nossa cozinheira (LEE, 2018, p. 13).

As tensões sociais relativas às diferenças entre o Norte e o Sul vão ter referência também no romance de James Baldwin. Para além disso, o autor vai também exibir a manutenção das condições precárias de sobrevivência dos afro-americanos. James Baldwin vai além na descrição dos cenários de moradia reservadas aos afro-americanos:

Ninguém estava em casa quando finalmente cheguei ao último andar, onde fica nosso apartamento. Moramos lá há uns cinco anos, e não é um apartamento ruim em se tratando de um conjunto habitacional. Depois de muito procurar, Fonny e eu estávamos planejando reformar um estúdio lá no East Village. Parecia melhor para nós porque não tínhamos condição de morar num conjunto habitacional; o Fonny odeia esses lugares e não teria espaço para ele trabalhar nas suas esculturas. Os outros locais no Harlem eram até piores que os conjuntos habitacionais. A gente nunca é capaz de começar uma vida nova nesses lugares, fica sempre lembrando deles, e nunca ia querer criar um filho lá. Mas dá até para pensar, quando a gente vê quantas crianças são criadas nesses lugares, com ratos do tamanho de gatos, baratas do tamanho de camundongos, farpas do tamanho do dedo de um homem, e que de um jeito ou de outro conseguem sobreviver (BALDWIN, 2019, p. 38).

Ao longo dos dois romances, tem-se a percepção de uma conectividade discursiva a partir da qual podemos depreender algumas categorias analíticas e

suas relações umas com as outras. Como destacado nos parágrafos anteriores, é interessante observar como as categorias de raça e classe, respectivamente, vão apresentando um quadro complexo relativo às vivências da população afro-americana. Dessa forma, julgo importante destacarmos a importância da ferramenta analítica da interseccionalidade para que possamos analisar esse quadro de forma mais adequada.

Assim como o personagem Fonny de James Baldwin, toda uma geração de jovens afro-americanos que nasceram depois das lutas pelos direitos civis, do movimento *Black Power* e as independências dos países africanos vivenciaram a juventude (a conhecida geração *hip-hop*) reproduzindo e/ou resistindo a novos mecanismos racistas baseados em velhas ideias sobre a sexualidade negra. Em vez de uma sociedade menos desigual, com melhores oportunidades econômicas, esses jovens suportaram o desaparecimento de empregos, escolas precárias, criminalização, a guerra às drogas e a perda de força das instituições da comunidade afro-americana (KITWANA, 2002 *apud* COLLINS, 2022, p. 59).

Antes mesmo de pensarmos em termos conceituais da noção de interseccionalidade, academicamente falando, os autores pensam, acima de tudo, o que significa ser negro nos Estados Unidos e o lugar desses indivíduos nas relações raciais. Ainda que os romancistas não falem diretamente em “interseccionalidade”, é inegável que ambos fazem uso de categorias interseccionais com o objetivo de apresentar aos leitores o mecanismo de rotulação racista de determinados personagens e o consequente encarceramento dos mesmos.

### 3 ENGENHOSAS NARRATIVAS DA INTERSECCIONALIDADE

A partir do objetivo principal desta pesquisa, faz-se necessário a investigação das performances dos personagens ficcionais e seus desdobramentos na maneira de representação da realidade. As questões de identidade, são, no geral, grandes questões literárias, ainda que se apresentem de forma implícita. No caso desta tese, o problema que se torna imperativo está relacionado à discussão de uma situação específica dos homens afro-americanos, representada pelos papéis subalternos e históricos invocados pelas narrativas selecionadas. É a partir dos personagens Fonny e Tom que temos acesso à potencialidade criativa dos dois escritores, cada um à sua maneira. E essa potencialidade criativa é atestada, dentre outras coisas, pelos fluxos identitários e os desdobramentos das interseções nas subjetividades dos personagens e nas suas relações interpessoais.

Diante disso, a ferramenta da interseccionalidade é pertinente sobretudo porque proporciona a compreensão de que as relações de poder, compostas por questões referentes à raça, classe e ao gênero, por exemplo, não se apresentam como categorias diferentes nem mutuamente excludentes. Essas categorias sobrepõem-se e manifestam-se de forma unificada, afetando, assim, todos os aspectos da convivência em sociedade (COLLINS; BILGE, 2021, p. 16).

A ferramenta analítica emerge das narrativas a partir da concatenação de categorias sociais indispensáveis na investigação de determinados grupos sociais. Possibilita, a propósito, a compreensão de discriminações, desigualdades, opressões e condenações de indivíduos a situações juridicamente desproporcionadas. É importante destacar que os escritores antecipam, de certa forma, as discussões acadêmicas relacionadas à consolidação do conceito referido nestas linhas.

A interseccionalidade como conceito é comumente utilizada como instrumento para a resolução de problemas de pesquisa em diversas universidades e em tantos outros campos científicos, no entanto, há uma crítica interessante desenvolvida pelas teóricas Patricia Hill Collins e Sirma Bilge e está relacionada diretamente à construção do conceito. As autoras são enfáticas ao confirmarem que nas décadas de 1960 e 1970, as ativistas negras estadunidenses propuseram a utilização da interseccionalidade em diferentes

movimentos sociais, ou seja, fora das universidades (COLLINS e BILGE, 2021, p. 17).

As teóricas apresentam importantes contribuições sobre a história do conceito e para elas, o desenvolvimento do mesmo não pode ser organizado em períodos ou pontos geográficos (COLLINS e BILGE, 2021, p. 89). Especificamente nos Estados Unidos, as décadas de 1960 a 1980 correspondem à elaboração das principais ideias sobre a interseccionalidade (COLLINS e BILGE, 2021, p. 90). Além disso, compõem uma crítica relevante no que concerne à afamada “origem do termo”:

Um sem-número de especialistas contemporâneos ignora ou não tem consciência desse período, pressupondo que a interseccionalidade não existia antes do fim da década de 1980 e do início da década de 1990, quando foi nomeada. Ao contrário, apontam a “cunhagem” do termo pela estudiosa de direito afro-americana Kimberlé Crenshaw como um momento fundamental da interseccionalidade. O trabalho de Crenshaw é vital, mas discordamos da visão de que a interseccionalidade começou a partir do momento em que foi nomeada. A escolha desse ponto de origem específico apaga o período anterior, quando houve uma forte sinergia entre a investigação crítica da interseccionalidade e a práxis crítica, e facilita a reformulação da interseccionalidade como apenas mais um campo acadêmico (COLLINS e BILGE, 2021, p. 90).

Ao utilizarem categorias como raça, gênero, sexo e classe, Harper Lee e James Baldwin articulam os impactos sociais referentes a cada uma dessas categorias e, conseqüentemente, como esses elementos unidos irão representar relações de subordinação e, no caso dos personagens negros (Tom e Fonny), condenações injustas. Vejamos a seguir como raça e classe se entrecruzam para estabelecer determinadas atividades vinculadas aos homens negros, para James Baldwin:

O Fonny costumava frequentar uma escola vocacional onde ensinam os meninos a fazer todos os tipos de coisas inúteis e de má qualidade, como mesas de jogo, pufes e cômodas que ninguém nunca vai comprar – porque, afinal, quem é que compra móveis feitos à mão? Os ricos não compram. Dizem que os meninos são burros e que, por isso, devem aprender a trabalhar com as mãos. Aqueles meninos não são burros. Mas as pessoas que administram essas escolas querem ter a certeza de que eles não vão ficar espertos: estão de fato ensinando os meninos a serem escravos (BALDWIN, 2019, p. 43).

Além de raça, gênero e classe (Pobreza) serem interseccionalidades que operam no cotidiano do personagem Fonny, percebemos nesse trecho como a

interseccionalidade revela o que classe pode dizer de raça e o que raça pode informar sobre classe, numa relação mútua de sobreposição de opressões, como explica Carla Akotirene (AKOTIRENE, 2019, p. 50), contudo, não podemos permitir que a raça exceda a inscrição identitária, sob perigo de má utilização da interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019, p. 47).

É através da percepção do branco como sistema político em que raça e classe possibilitam vivências constituídas por privilégios (AKOTIRENE, 2019, p. 47) para o branco, inclusive, da arrogância de recomendar atividades específicas para negros. Fato compreendido por James Baldwin e através do qual, o escritor exprime sua sensibilidade analítica. Em consonância com Carla Akotirene, James Baldwin compreendeu que o capitalismo e o racismo coexistem como modeladores de vivências e subjetividades do período colonial até a colonialidade (AKOTIRENE, 2019, p. 51).

De pronto, a interseccionalidade sugere que raça traga subsídios de classe-gênero e esteja em um patamar de igualdade analítica. Ora, o androcentrismo da ciência moderna imputou às fêmeas o lugar social das mulheres, descritas como machos castrados, estereotipadas de fracas, mães compulsórias, assim como os pretos caracterizados de não humanos, macacos engaiolados pelo racismo epistêmico (AKOTIRENE, 2019, p. 36).

Desde a prisão simbólica ao cárcere de fato, é importante destacar que a interseccionalidade não é somente sobre as muitas identidades, ela é, especialmente, “uma lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais” (AKOTIRENE, 2019, p. 63). É com a utilização das categorias próprias da interseccionalidade que James Baldwin e Harper Lee expõe particularidades de seus personagens, inclusive, revelando camadas pouco exploradas em certas relações sociais e no cânone literário estadunidense, além do campo da jurisprudência estadunidense.

É através dos marcadores interseccionais que podemos inferir as dificuldades impostas para os personagens negros, como por exemplo, a perpetuação da pobreza e a impossibilidade de ascensão social. Ao longo da narrativa de James Baldwin, pode-se observar como as atividades trabalhistas vivenciadas pelas famílias representarão essa inalteração da pobreza, significando assim, vários momentos de dificuldade financeira quando o assunto

é a libertação de Fonny, por exemplo. O próprio personagem se desdobra entre um emprego subalternizado e uma atividade artística para se sustentar:

Joseph o olhou detidamente.  
 “Quantos anos você tem?”  
 “Vinte e um, sr. Rivers.”  
 “Acha que tem idade suficiente pra se casar?”  
 “Não sei, senhor. Mas é idade suficiente pra saber quem a gente ama.”  
 “Acha mesmo?”  
 Fonny se empertigou.  
 “Sei que é.”  
 “Como é que você vai dar de comer a ela?”  
 “Como o senhor fez?”  
 Nós, as mulheres, agora estávamos fora do jogo, e sabíamos disso. Ernestine encheu uma xícara de café e a empurrou na direção de Joseph.  
 “Você tem um emprego?”  
 “Carrego mudanças durante o dia e faço esculturas de noite. Sou escultor. Sabemos que não vai ser fácil. Mas sou um artista de verdade. E vou ser um artista muito bom – talvez até um grande artista” (BALDWIN, 2019, p. 89).

As dificuldades de ascensão social também são percebidas através do personagem Tom Robinson em *O sol é para todos*. O personagem fala de suas atividades, no momento de seu julgamento:

- Você conhecia Mayella Violet Ewell? – perguntou Atticus.
- Sim, senhor, tinha de passar pela casa dela todo dia, quando ia e voltava do campo.
- Campo de quem?
- Eu colho algodão para o sr. Link Deas.
- Estava colhendo algodão em novembro?
- Não, senhor, no outono e no inverno cuida do jardim dele. Trabalho para ele quase o ano todo, ele tem muitas noqueiras e outras árvores (LEE, 2018, p. 238).

De maneira geral, pode-se concluir que os personagens negros nas duas narrativas não ocupam postos de trabalho mais valorizados pela sociedade estadunidense. Assumem curiosamente atividades onde precisam servir outras pessoas. Do rapaz negro que colhe algodão ao rapaz que faz mudanças, se estabelecem elos. Esses elos podem ser explicados pelas categorias interseccionais que definem quem são e quem eles podem ser dentro de uma sociedade de passado escravocrata. Assim, as definições de gênero e raça definem exatamente as atividades que devem ser realizadas por determinadas pessoas e quais lugares essas pessoas podem ocupar. Com essas categorias

demarcadas, sabemos como consolidam-se as posições da hierarquia social que dizem respeito ao acesso à riqueza ou à dificuldade de obtê-la.

Para entendermos as conexões entre as atividades disponíveis para os afro-americanos no que concerne ao mercado de trabalho e o trabalho nas redes familiares se torna inevitável acompanhar o percurso que Patricia H. Collins faz sobre quatro períodos históricos da economia política negra.

No início do século XIX (período de transição para a industrialização), pessoas brancas tinham o direito assegurado de prover a família e de trabalhar de forma remunerada. Por outro lado, a grande maioria dos afro-americanos era ainda escravizada (COLLINS, 2019, p. 105). As mulheres em situação de escravidão mantiveram as ideias sobre trabalho, família e maternidade, mas foram alteradas drasticamente pelo sistema escravocrata. Se, anteriormente, as africanas trabalhavam por sua família, nos Estados Unidos, passaram a trabalhar para satisfazer seus proprietários. Assim, as mulheres escravizadas da África Ocidental perderam o controle sobre seu próprio trabalho em um sistema econômico capitalista, ou seja, “elas se tornaram unidades de trabalho economicamente exploradas e politicamente impotentes” (COLLINS, 2019, p. 107).

É importante ressaltar que os afro-americanos foram alocados aos empregos manuais, não intelectuais, infames e diferentemente do que acontecia nos sistemas econômicos pré-coloniais africanos sob a escravidão, ninguém detinha o produto do trabalho (COLLINS, 2019, p. 107). Em relação, especificamente, à condição da mulher estadunidense no período escravista, é importante ressaltar que as vivências como mães foram baseadas de acordo com a intenção do grupo dominante de controlar a sexualidade e consequente fecundidade dessas mulheres. Veremos mais à frente como foram desenvolvidos estereótipos com o objetivo de regular a sexualidade das mulheres negras. A partir desse controle – notaremos – mantiveram-se as desigualdades de raça, classe e gênero (COLLINS, 2019, p. 108).

Sabe-se que no século XIX, entre a população negra, era comum que houvesse a manutenção de uma cultura patriarcal. As mulheres assumiam papéis “femininos” e reivindicavam a proteção do marido. Além disso, as mulheres cobravam de seus companheiros que eles assumissem o papel de provedor. Contudo, havia um obstáculo imposto pelo racismo. Os brancos

impediram a contratação dos homens negros em postos de trabalho. Por outro lado, as mulheres negras conseguiam trabalhar fazendo serviços domésticos (HOOKS, 2020, p. 151). Discutiremos esse contexto particularmente em um tópico à frente.

No decorrer do século XX, homens e mulheres negras discutiram temas relacionados à igualdade de gênero. A impossibilidade relegada aos homens negros de acesso pleno ao emprego constituído pelo patriarcado supremacista branco capitalista não se verificava em relação às mulheres negras. Essas, por sua vez, tinham espaço garantido na economia de serviço. Foi criado um contexto no qual mulheres e homens negros não conseguiam adequar-se aos padrões machistas referentes ao trabalho, mesmo que quisessem. Mais do que isso, a participação maior das mulheres negras na força de trabalho criou uma imagem de que elas seriam as grandes “líderes matriarcais” em suas casas. A realidade era, na verdade, outra. Muitas dessas mulheres entregavam seus salários aos homens que ocupavam o espaço patriarcal na casa, enquanto estavam fora. Elas não tinham, portanto, essa completa autonomia e não exerciam esse poder todo em casa. A remuneração como camareira, empregada doméstica ou lavadeira era, geralmente, direcionada ao bem coletivo ao invés de ser utilizada apenas para si própria. Nas décadas de 1920, 1930 e 1940 verifica-se que os papéis de gênero reproduzidos pelas pessoas negras eram muito diversos e complexos do que esse estereótipo da mulher negra líder da casa (HOOKS, 2022, p. 53).

Após o ano de 1945, as mudanças referentes à economia global favoreceram transformações profundas na sociedade civil negra. Além do êxito das lutas anticoloniais na África e na Ásia, o ativismo afro-americano dos anos 1950 a 1970 incitou o desmoronamento da segregação racial. Todas essas transformações impactaram significativamente as relações entre trabalho e família para a comunidade afro-americana, entretanto, esse período é marcado por contradições. Se de um lado foi caracterizado pela obtenção de direitos políticos formais, até a década de 1970, os negros alcançaram (nunca antes ocorrido) o acesso à educação, à moradia e a empregos (Negados pela segregação legal durante um longo período). Desde 1910, data de sua fundação, a Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor (em inglês, NAACP) buscou construir uma política de conquista dos direitos civis e de

tratamento igualitário na educação, na moradia, na possibilidade de empregos e nos lugares públicos. Toda essa luta coletiva se seguiu até à aprovação da Lei dos Direitos Civis em 1964 e da Lei dos Direitos de voto em 1965 (COLLINS, 2019, p. 120).

A classe trabalhadora expandiu-se notadamente, inclusive, muitos negros conseguiram ascender à recém-formada classe média negra. Por outro lado, muitas pessoas não conseguiram ter acesso a esse novo contexto: “Fatores ligados à classe eram igualmente importantes. Muitos negros que estavam em meio à classe trabalhadora conheceram uma mobilidade social descendente” (COLLINS, 2019, p. 121).

O ativismo negro das décadas de 1950 e 1960, inserido em uma conjuntura econômica e política global, propiciou o aparecimento de uma nova classe média negra em uma condição mais confortável, porém, ainda muito vulnerável. Possibilitou também o desenvolvimento de uma classe trabalhadora negra reorganizada, mas fragmentada de acordo com as habilidades no que se refere à conquista de empregos mais estáveis e com melhor remuneração (COLLINS, 2019, p. 123).

Nota-se que os problemas para a comunidade afro-americana não se restringiam apenas à discriminação racial e nesse sentido, a utilidade da ferramenta da interseccionalidade se faz presente para que capturemos as consequências dos diferentes tipos de opressão sobre determinados grupos sociais. Proporcionando, assim, a análise contextual dos personagens e das narrativas selecionadas por meio de um sistema de opressões interligado.

Ademais, pensar de forma interseccional é a percepção de que determinados abusos podem nos atingir assim como também é admitirmos que somos aptos a reproduzi-los. Veremos em um tópico mais à frente um exemplo disso. Além disso, pensar de maneira interseccional possibilita a desconstrução de perspectivas homogêneas sobre indivíduos e seus comportamentos, nos permitindo assim desconstruir estereótipos sociais, ato de imensa importância para esta pesquisa.

Pode-se analisar, a partir do nosso próprio cotidiano e do imaginário brasileiro, o medo relatado por mulheres ao passarem por periferias em certos horários. A interseccionalidade não serve apenas para compreendermos as origens desse medo feminino, mas também, discutirmos a angústia imposta aos

homens negros, sempre vistos como os mais perigosos, como nos lembra Carla Akotirene (AKOTIRENE, 2019, p. 43):

Errôneo argumentarmos a favor da centralidade do sexismo ou do racismo, já que ambos, adoecedores e tipificados, são cruzados por pontos de vistas em que se interceptam as avenidas identitárias. A rigor, qualquer misógino teria condições de violentar uma mulher, branca ou negra, rica ou pobre, que cruzasse o espaço (AKOTIRENE, 2019, p. 43).

Outro desdobramento que pode ser desvendado com a ajuda da interseccionalidade são as doenças psíquicas derivadas das opressões, como também apontando por Carla Akotirene. Percebemos, particularmente, na obra de James Baldwin, uma sensibilidade analítica relacionada ao suicídio de personagens negros. Juntas, as categorias raça, classe (pobreza) e gênero podem gerar imenso sofrimento psíquico e para os personagens Tom e Fonny são determinantes em relação às angústias sofridas pelos jovens homens negros. Em vista disso, é importante que levemos em consideração os estudos específicos sobre masculinidades negras, mas antes faz-se necessário desenvolvimento de algumas críticas em relação à ferramenta analítica utilizada nesse estudo.

Em *Interseccionalidade*, Patricia Hill Collins e Sirma Bilge dedicam um tópico para discutir acerca das críticas recebidas pela ferramenta conceitual. Como a interseccionalidade tem sido atrelada à política identitária, ela é dispensada em algumas Universidades. Muitos acadêmicos apontam um uso excessivo da ferramenta para análises de fenômenos sociais e desta maneira, as pesquisas acabam minimizando a relevância das análises estruturais, ou seja, as materialistas de classe e poder. Contudo, é importante dizer que os estudos de interseccionalidade não excluem a combinação de análises culturais e estruturais. Outra crítica relacionada refere-se à preocupação demasiada com perspectivas essencialistas de identidade uma vez que não compreendem a diferença (COLLINS; BILGE, 2021, p. 199):

Para o essencialismo, indivíduos possuem identidades que não mudam, são fixas ou “essenciais”, e se apresentam em qualquer situação. Em contraste, podem ser vistos ou vistas como tendo múltiplas “subjetividades”, que variam de uma situação para outra, conforme as relações de poder. Em outras palavras, as pessoas têm muitas escolhas e uma agência considerável sobre quem escolhem

ser, mas dentro das limitações impostas pelas circunstâncias sociais, que independem de sua escolha. Muitos estudos interseccionais defendem essa perspectiva sobre a subjetividade humana que flui com cuidado na interação entre as determinantes sociais e a agência individual: em geral indivíduos manifestam combinações variadas de suas múltiplas identidades de gênero, sexualidade, raça, etnia e religião em situações diferentes. E o contexto social é importante na maneira como as pessoas usam a identidade para criar espaço de liberdade pessoal (COLLINS; BILGE, 2021, p. 199).

Essa crítica ao essencialismo foi direcionada também às identidades coletivas quando alguns acadêmicos argumentaram que a identidade coletiva pode ter um efeito negativo na política de grupo quando exclui as distinções dos sujeitos, no entanto, há uma solução para esse problema. A resposta está na autorregulação nos projetos e estudos acadêmicos com o objetivo de constatar e remover as tendências essencialistas (COLLINS; BILGE, 2021, p. 200).

Para as autoras, muitos críticos, na verdade, desejam abolir a política identitária em nome da eliminação dos efeitos negativos do essencialismo, entretanto, há de se levar em consideração que em contextos de desigualdade social e injustiça estrutural, a desconstrução das identidades terá um efeito devastador em grupos que se defrontam com mecanismos de opressão interseccionais (COLLINS; BILGE, 2021, p. 200):

Vale a pena se perguntar se a crítica de que a interseccionalidade é excessivamente dependente das categorias de identidade – “há muita identidade na interseccionalidade” – não é, na verdade, uma queixa de que “há muita identidade política na interseccionalidade”. Criticar a identidade pode, portanto, ser uma maneira de criticar a política identitária sem entrar em confronto direto com os muitos grupos que historicamente a reivindicam (COLLINS; BILGE, 2021, p. 201).

Para além dessas primeiras críticas, as teóricas apontam e resumem as principais desaprovações que estão relacionadas às denúncias de que a política identitária é separatista, em outros termos, essa acusação de fragmentação utiliza a política identitária como contraste para realizar a defesa do conceito de classe contra a interseccionalidade (vista como um tipo de estudo de identidade e como uma questão de cultura apenas). O ponto de vista de quem critica está baseado no argumento de que a interseccionalidade enfraquece a luta de classes uma vez que transfere a atenção dos indivíduos para as questões culturais (COLLINS; BILGE, 2021, p. 201).

Um dos argumentos de defesa dos pesquisadores que utilizam a interseccionalidade está ancorado na explicação que a desigualdade econômica recai de maneiras socialmente particulares sobre as estruturas de raça e de gênero, portanto, tratar essas legítimas reivindicações como estritamente culturais e apartadas da luta por justiça econômica é uma escolha equivocada (COLLINS; BILGE, 2021, p. 203).

Uma terceira crítica direcionada à política identitária é que ela favorece a política de vitimização, o que quer dizer que os indivíduos que exigem políticas identitárias se apegam a alguma posição de vítima (mulheres negras, pessoas com deficiência, etc) com a intenção de serem reconhecidos a partir de determinadas reivindicações separatistas. Em vista disso, a política identitária passa então a desempoderar os indivíduos já oprimidos, segundo essa crítica (COLLINS; BILGE, 2021, p. 203). A crítica é rebatida pelas autoras da seguinte maneira:

Coletivamente, esses argumentos contra as reivindicações da interseccionalidade em favor da identidade funcionam apenas nos entendimentos estreitos da interseccionalidade, que ao mesmo tempo que a valorizam como forma de investigação abstrata a menosprezam como forma de práxis crítica baseada na realidade. O amplo entendimento desse conceito neste livro fornece um contexto intelectual a essas críticas particulares à interseccionalidade e à política identitária. Ele sugere que a política identitária teve um efeito oposto ao desejado. Por exemplo, o estudo de caso sobre os motivos pelos quais as mulheres negras no Brasil sentiam que precisavam de um movimento de mulheres negras fala desse uso da identidade. As políticas identitárias vivas desse grupo não eram separatistas: elas valorizavam tanto o reconhecimento cultural (o respeito a elas enquanto mulheres afro-brasileiras) quanto a redistribuição econômica no Brasil. Também evitavam a política de vitimização, isto é, pedir orientação intelectual e política a grupos mais poderosos (COLLINS; BILGE, 2021, p. 204).

Em resumo, pesquisadores que tratam a interseccionalidade como falha por causa de sua relação com a identidade, sustentam-se através de entendimentos que não levam em consideração que a interseccionalidade é uma forma de práxis crítica que funciona em contextos distintos (COLLINS; BILGE, 2021, p. 206). Um exemplo eficaz para rebater todas essas críticas é a utilização da política identitária do *hip-hop*, para voltarmos aos Estados Unidos. Sendo uma forma de política cultural de imenso alcance global, é difícil rotulá-lo de separatista. Além disso, expressa diversas demandas que apenas podem ser

acolhidas através de alguma redistribuição econômica, como por exemplo, escolas e moradias melhores, mais oportunidades de emprego e o enfrentamento à violência policial.

Assim, a política cultural do *hip-hop* não pode ser reduzida ao reconhecimento cultural padrão. Em vez disso, o *hip-hop* usa a política identitária como um instrumento importante de crítica à falta de reconhecimento dos problemas sociais enfrentados por jovens de ambos os sexos privados de seus direitos. Quanto à política de vitimização, o que esses jovens ganhariam mantendo a vitimização para eles? O poder da voz na palavra falada e no *rap* reside no compartilhamento de histórias não apenas de vitimização, mas também de triunfo, luta, decepção e uma série de outras experiências humanas (COLLINS; BILGE, 2021, p. 207).

Falando em *hip-hop* e *rap*, há, na obra de James Baldwin, uma presença frequente de elementos relacionados à resistência da comunidade afro-americana por meio de expressões musicais originalmente negras. Referências a artistas do *jazz* e do *blues* (Como Billie Holiday, Marvin Gaye, Aretha Franklin, Otis Redding, entre outras) representam a necessidade de compartilhar essas vivências e, no romance escolhido para essa pesquisa, encontramos trechos como (uma conversa entre Fonny e seu amigo Daniel):

Mas isso significava que eu tinha de sair para fazer compras, e lá fui eu, deixando-os sozinhos. Temos um toca-discos. Quando eu estava saindo, o Fonny pôs para tocar “Compared to what”, enquanto o Daniel, acocorado, tomava cerveja.  
 “Quer dizer que você vai mesmo se casar?”, Daniel perguntou, num tom pensativo mas também gozador.  
 “Bem, é isso aí, estamos procurando um lugar para morar – procurando um desses estúdios, porque não é muito caro, você sabe, e assim posso trabalhar sem infernizar a vida da Tish. Aqui não dá nem pra uma pessoa, imagine pra duas, e é onde eu trabalho o tempo todo, ou no porão”. Preparou um baseado enquanto falava, com o Daniel ainda acocorado diante dele. “Tem uma porção de estúdios vazios no East Side, cara, e ninguém quer alugar aqueles troços, tirando uns malucos como eu. São todos umas armadilhas em caso de incêndio, alguns não têm nem banheiro (BALDWIN, 2019, p. 102).

A música, destacada do trecho anterior, interpretada por artistas como Roberta Flack e Ray Charles simbolizam parte do patrimônio negro, resultante de um movimento artístico profícuo da Diáspora negra. Ao dispor de uma estrutura transnacional, o Atlântico negro acolhe diversas expressões e trocas culturais e a música, nesse sentido, tem um espaço portentoso. Além da letra de protesto citar a Guerra do Vietnã e trazer uma crítica ao então presidente Lyndon

B. Johnson, o compositor Gene McDaniels questionava também o sonho americano de bem-estar econômico.

Love the lie and lie the love  
 Hangin' on, with a push and shove  
 Possession is the motivation  
 That is hangin' up the whole damn nation  
 Looks like we always end up in a rut  
 Tryin' to make it real but compared to what?  
 Slaughterhouse is killin' hogs  
 Twisted children killin' frogs  
 Poor dumb rednecks rollin' logs  
 Tired old ladies are kissin' dogs  
 Hate the human, love that stinking mutt  
 Try to make it real but compared to what?  
 The President, he's got his war  
 Folks don't know just what it's for  
 Noone gives us rhyme or reason  
 Have one doubt, they call it treason  
 We're chicken-feathers, all without one gut  
 Tryin' to make it real but compared to what?  
 Church on Sunday, sleep and nod  
 Tryin' to duck the wrath of God  
 Preacher's fillin' us with fright  
 Tryin' to tell us what he thinks is right  
 He really got to be some kind of stupid nut  
 Tryin' to make it real  
 Real, real  
 Where's that bee and where's that honey?  
 Where's my God and where's my money  
 Unreal values, crass distortion  
 Unwed mothers need abortion  
 Kind of brings to mind ol' young King Tut  
 He tried, tried, tried to make it real  
 Tryin' to make it real, yeah  
 But compared to what?  
 Love the lie and lie the love  
 Hangin' on, with a push and shove  
 Possession is the motivation  
 That is hangin' up the whole damn nation  
 Looks like we always end up in a rut  
 Tryin' to make it real but compared to what?<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Ame a mentira e minta o amor/Aguentando, empurrando com a barriga/Posse é a motivação/Isso está pendurando toda a maldita nação/Parece que sempre terminamos em um barranco/Tentando torná-lo real, mas comparado a que?/Matadouro está matando porcos/Crianças doentes matando sapos/Pobres caipiras burros rolando toras/Velhinhas cansadas estão beijando cachorros/Odeie o humano, ame aquele vira-lata fedido/Tente torná-lo real, mas comparado a que?/O presidente, ele tem sua guerra/O povo não sabe bem para que serve/Ninguém nos dá rima ou razão/Tenha uma dúvida, eles chamam de traição/Somos penas de galinha, todos sem colhão/Tentando torná-lo real, mas comparado a que?/Igreja no domingo, durma e acene/Tentando evitar a ira de Deus/Pregador nos enchendo de medo/Tentando nos dizer o que ele acha certo/Ele realmente tem que ser algum tipo de maluco estúpido/Tentando torná-lo real/Onde está aquela abelha e onde está aquele mel?/Onde está meu Deus e onde está meu dinheiro/Valores irreais, distorção grosseira/Mães solteiras precisam de aborto/Meio que lembra o jovem rei Tut, ele tentou torná-lo real/Mas comparado a que?/Ame a mentira e minta o amor/Aguentando, empurrando com a barriga/Posse é a motivação/Isso está

De acordo com a letra da música (*Where's my God and where's my money?*), James Baldwin questiona (através do diálogo entre os personagens) os cenários reservados à população afro-americana após décadas de segregação racial. Uma parte desses cenários é constituída por péssimas condições de habitação, como ilustrado pelo romance, tanto pela pobreza do gueto do Harlem, como pelas condições difíceis da favela porto-riquenha, visitada pela mãe de Fonny. Por outro lado, o lugar almejado pelo jovem casal, uma referência de uma região que manifesta e acolhe um estilo de vida boêmio e intelectual não se apresenta também como um local digno de moradia para jovens negros e pobres.

Toda a narrativa de *Se a rua Beale falasse* é marcada por musicalidade, seja como uma ferramenta da reflexão e protesto, seja como reverência à herança da produção cultural da Diáspora negra. O conceito de Diáspora negra e suas implicações são de enorme importância para pensarmos questões como violências cometidas e vínculos afetivos vivenciados pelos africanos e seus descendentes, suas religiões, seus hábitos e memórias dos lugares de origem, como também, lutas por sobrevivência, libertação e reconhecimento enquanto agentes da própria história.

Nesse sentido, destaco o argumento de Paul Gilroy quando ele declara que a razão para a escrita de seu livro *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência* foi fundamentada a partir de sua luta para colocar os negros como agentes, com competências cognitivas e com uma história e heranças intelectuais (essas e tantas outras propriedades anuladas por estratégias racistas) (GILROY, 2012) e é com isso posto que reitero o compromisso do escritor James Baldwin com outras expressões artísticas, particularmente, a característica narrativa formada pelo estabelecimento de diálogos literários e musicais da Diáspora negra nas Américas.

Para além da origem do termo “diáspora”, que deriva a partir da história moderna do povo judeu ou da versão presente no Velho testamento, a partir da qual são feitas analogias com o povo escolhido, levado à escravidão no Egito, a

---

pendurando toda a maldita nação/Parece que sempre terminamos em um barranco/Tentando torná-lo real, mas comparado a que?

ideia da diáspora tem propiciado uma metáfora potente às narrativas de libertação de pessoas negras (HALL, 2009, p. 28). O contexto diaspórico negro, em resumo, simboliza a trajetória de homens e mulheres africanos, por sua vez, capturados, de diferentes regiões, que atravessaram o oceano Atlântico em navios negreiros e que foram inseridos em conjunturas de violência extrema e que tiveram suas identidades ressignificadas ao longo de séculos.

De acordo com (GILROY, 2012, p. 13), as culturas do Atlântico negro inventaram estratégias de consolação a partir da mediação do sofrimento, exemplo disso, são os gêneros musicais criados nesses contextos e que representam uma impressionante conquista.

No artigo “Trauma cultural: escravidão e a formação da identidade afro-americana”, Ron Eyerman (2004) faz a distinção entre trauma psicológico e físico do que ele vai chamar de trauma cultural. Para ele, “trauma cultural refere-se a uma perda dramática de identidade e significado, uma ruptura no tecido social, afetando um grupo de pessoas que alcançou algum grau de coesão” (EYERMAN, 2004, p. 61). O autor também vai falar de discursos que permeiam o trauma cultural como um processo de mediação constituída por vozes e estratégias alternativas. O processo em questão procura reconstituir a identidade coletiva, uma vez que a ruptura do tecido social evoca a necessidade de narrativas de novas bases. Tais narrativas são constituídas pela reinterpretação do passado como caminho para a reconciliação de necessidades do presente e do futuro. O autor ainda vai informar que podem haver muitas respostas aos traumas culturais, em seus respectivos contextos sociais, mas todas vão envolver elementos de memória e identidade (EYERMAN, 2004, p. 63). No caso dos afro-americanos, uma identidade coletiva marcada pelos desdobramentos do período escravocrata, pela segregação racial e pelos estereótipos racistas.

Nesse mesmo sentido, Roland Walter vai falar que as comunidades negras nas Américas têm forjado suas próprias culturas a partir das ruínas do holocausto histórico, por meio de criatividade mítico-poéticas onde é possível percebermos a importante função da memória nesses processos (WALTER, 2009, p. 20). Em consonância com Roland Walter, o apagamento da ancestralidade devido à escravidão e o assassinato é o trauma que precisa ser trabalhado. No que se refere a essa pesquisa, veremos que o trauma a ser trabalhado aqui está precisamente relacionado às tramas de linchamentos e à

situação de cárcere que lemos nos romances escolhidos. É com a exploração dessa memória que os autores abalam o silêncio histórico (WALTER, 2009, p. 27).

#### 4 REPENSANDO O MODELO PATRIARCAL SUPREMACISTA BRANCO

Durante séculos, a submissão das mulheres foi considerada algo universal, portanto, determinada por Deus ou de origem natural. O que antes não tinha razão para ser questionado, passou a ser por acadêmicos que começaram a investigar e criticar a suposta universalidade da submissão das mulheres (LERNER, 2019, p. 42). A defesa da supremacia masculina por tradicionalistas baseada no determinismo biológico sofreu transformações ao longo do tempo, mas se mostrou muito resistente também. No século XIX, a argumentação religiosa perdeu força, porém, a elucidação da suposta inferioridade das mulheres passou a ser “científica” (LERNER, 2019, p. 44).

A crítica feminista construiu, enfim, a crítica direcionada ao exagero envolvido na interpretação das comprovações das diferenças biológicas entre os sexos. Importantes teóricas argumentaram que esse valor excessivo é um produto cultural e que precisava ser revisado, assegurando que os atributos sexuais são fatos biológicos e a categoria gênero é produto de processos histórico-sociais (LERNER, 2019, p. 47). Surgiram, então, teorias que negam a universalidade da subordinação feminina e vão propor outra perspectiva, como a teoria econômico-marxista de Engels, por exemplo (LERNER, 2019, p. 48).

Nos últimos 50 anos, os estudos de gênero se consolidaram na produção acadêmica ocidental, particularmente, nas ciências humanas e sociais, no entanto, as produções específicas sobre as masculinidades vão ter início no final da década de 1980 com trabalhos organizados de maneira pouco sistemática. É a partir da segunda metade da década de 1990 que começaram a ser produzidas algumas obras constituídas pela organização de produções diversas sobre masculinidades (B. MEDRADO; J. LYRA, 2008, p. 809). Para esta tese, é importante ressaltar o recorte básico dentro desse campo de estudos, relacionado especificamente aos homens negros estadunidenses e com as principais teorias relacionadas ao tema. Pensaremos as masculinidades negras e sua interação negativa com o modelo de masculinidade hegemônica patriarcal, desde as suas raízes no colonialismo.

bell hooks vai afirmar que ao entrarmos em contato com determinados escritos autobiográficos de homens negros escravizados e livres, tem-se a revelação que, inicialmente, eles não compartilhavam do mesmo ponto de vista

dos homens brancos em relação a sua masculinidade. A configuração de gênero da escravidão foi a escola na qual homens negros de diferentes comunidades africanas aprenderam acerca da masculinidade patriarcal no mundo ocidental (HOOKS, 2022, p. 45). Ainda que esses homens trouxessem em sua personalidade traços culturais relativos a papéis de gênero singulares, tudo isso foi desfeito no “novo mundo”, onde os ideais de masculinidade dos colonizadores brancos foram exigidos, mas isso não quer dizer que não houve resistência. No entanto, fica claro em algumas narrativas de homens negros escravizados que muitos homens negros se comprometeram com o que bell hooks chama de “aprimoramento da raça” no sentido de aceitarem as exigências dos colonizadores relativas ao padrão de masculinidade (HOOKS, 2019, p. 175):

A ideologia de “aprimoramento da raça” surgiu nos Estados Unidos entre o fim do século XIX e o início do XX, partindo de uma classe média negra que acreditava no autoaperfeiçoamento como forma de se “igualar” aos brancos, e que tomou para si a responsabilidade de desenvolver instituições para que as massas negras pudessem se aprimorar em termos de cultura e educação, buscando uma respeitabilidade que, acreditavam, enfraqueceria o racismo (HOOKS, 2019, p. 175).

Sobre as transformações dos comportamentos dos homens negros em relação à masculinidade patriarcal, a autora ainda vai apontar:

Embora as políticas de gênero da escravidão negassem aos homens negros a liberdade de agir como “homens” segundo a definição das normas brancas, essa noção de hombridade se tornou o padrão usado para medir o progresso do homem negro [...] As narrativas de Henry “Box” Brown, Josiah Henson, Frederick Douglass e uma série de outros homens negros revelam que eles viam a “liberdade” como uma mudança do status que lhes permitiria desempenhar o papel do patriarca cavalheiresco benevolente. Livres, seriam homens capazes de prover e cuidar de suas famílias (HOOKS, 2019, p. 45).

Essa, portanto, torna-se a imagem de masculinidade negra que emerge das narrativas de escravidão, a do homem trabalhador que desejava assumir a responsabilidade com sua família. Entretanto, a grande maioria dos homens negros passou a reproduzir o modelo dominante cultuado pelos senhores brancos. Após o fim do período de escravidão, muitos desses homens passaram a usar da violência para subjugar mulheres negras (HOOKS, 2022, p. 46): “De fato, quando a escravidão terminou, a masculinidade patriarcal tornou-se um

ideal aceito pela maioria dos homens negros, o qual seria reforçado pelas normas do século XX” (HOOKS, 2022, p. 47).

O trabalho físico realizado pelos homens (o cerne da economia escravagista) não foi suficiente para evitar a criação do famoso estereótipo do negro preguiçoso/vagabundo. Esse estereótipo, em particular, foi uma maneira que os brancos racistas encontraram para apagar da imaginação coletiva a importância do trabalho desses homens. Posteriormente, esses mesmos estereótipos seriam utilizados com o objetivo de negar oportunidades de trabalho (HOOKS, 2019, p. 176). É importante lembrar que o “ócio” masculino assume diferentes significados. Cristãos do século XIX reproduziam a ideia de que os momentos de ócio eram maléficos ou serviam como impulso para atos ruins. Por outro lado, para africanos e indígenas, o ócio era um espaço dedicado à contemplação (HOOKS, 2019, p. 177).

Os homens negros que trabalhavam como fazendeiros geralmente estavam mais perto de assumir o papel “patriarcal” do que os que trabalhavam como criados ou aqueles que foram para as cidades. Enquanto nas comunidades negras do Sul existiam mais oportunidades para se obter respeito, no norte urbano não se podia dizer o mesmo. Com as migrações em massa do Sul rural para o Norte urbano, os homens negros perderam status (HOOKS, 2019, p. 177). Em relação às mulheres negras, bell hooks declara:

Muitas mulheres negras que haviam suportado a dominação patriarcal supremacista branca durante a escravidão não queriam ser dominadas por homens negros depois da alforria. Como os homens negros, elas tinham posturas contraditórias em relação ao gênero. Por um lado, não queriam ser “dominadas”, mas, por outro, queriam que os homens negros fossem provedores e protetores. Depois que a escravidão acabou, uma tensão enorme e conflitos emergiram entre as mulheres e os homens negros como indivíduos lutando para se autodefinir (HOOKS, 2019, p. 180).

É importante destacar que outras formas de viver foram possíveis. Durante a Reconstrução, constata-se a existência de casamentos entre mulheres nativas e homens afro-estadunidenses que estabeleceram outra configuração afetiva, que contrastava, por sua vez, com a configuração afetiva da família cristã branca. Nos estados do Sul, grupos de africanos que haviam fugido da escravidão recuperaram manifestações culturais africanas que

proporcionavam uma subcultura diferente dos comportamentos impostos pela branquitude ocidental (HOOKS, 2022, p. 47).

A integração racial, por sua vez, apresentou consequências profundas nos papéis de gênero. Contribuiu na promoção de um contexto onde a maioria das mulheres e dos homens negros aceitava determinados comportamentos machistas. À medida que mais direitos civis foram adquiridos, as contribuições das mulheres negras passaram a não ser mais vistas como primordiais. Assim, pessoas negras passaram a expressar mais aceitação ao patriarcado (HOOKS, 2022, p. 55). Mais do que isso: “E, mais importante, os anos 1960 eram o momento em que os homens negros declaravam estar conectados a homens brancos, irmãos sob a pele, ligados pela masculinidade, por uma aliança comum com o patriarcado” (HOOKS, 2022, p. 61). Ainda assim, é importante ressaltar a diversidade de atuações dos papéis de gênero, o que quer dizer que alguns homens negros desejaram o lugar de patriarcas e outros almejavam o afastamento desse papel (HOOKS, 2022, p. 54).

Além do ideal patriarcal almejado, os líderes negros do século XIX estavam preocupados com outros papéis de gênero. Para eles, os homens deveriam assumir papéis de líderes em casa e na vida pública e as mulheres poderiam ajudar na melhoria da raça, defendendo a igualdade de direitos para as mulheres negras. Para bell hooks, os líderes negros Martin Delaney e Frederick Douglass, por exemplo, eram patriarcas, mas estavam dispostos a compartilhar poder com as mulheres sem que isso se apresentasse como uma perda de privilégio masculino (HOOKS, 2019, p. 178). Cabe destacar que a maioria dos homens negros do século XIX não defendia direitos iguais para as mulheres. Até era reconhecido o papel relevante que as mulheres negras desempenharam no movimento para abolir a escravidão e na luta pelos direitos civis, contudo, as mulheres deveriam permanecer subordinadas aos homens. Assim, os homens negros desejavam ser reconhecidos como “homens” e patriarcas pelos homens negros e brancos (HOOKS, 2019, p. 179). Outro contexto importante está relacionado ao peso da segregação racial e, posteriormente, à integração racial que teve um impacto enorme nos papéis de gênero uma vez que ajudou a promover um espaço onde homens negros e mulheres negras puderam absorver atitudes machistas em suas relações (HOOKS, 2019, p. 181).

O capitalismo também promoveu mudanças nos papéis de gênero para os homens. Se, por um lado, a imagem do patriarca perdeu sua força no século XX, com o avanço do capitalismo nos Estados Unidos, o tempo do homem não o pertencia mais, pertencia ao patrão. Anteriormente, ainda que o homem não tivesse dinheiro, possuía um enorme poder sobre sua família, em virtude do status patriarcal reforçado muitas vezes por ideais cristãos. Mais adiante, o poder relacionado ao dinheiro é que poderia determinar o domínio do homem em sua casa (HOOKS, 2019, p. 182). Com o avanço do capitalismo, a exploração do trabalho e a privação de direitos foram afastando os homens desse ideal de poder patriarcal e aproximando o status masculino que se referia apenas ao pênis/falocentrismo. Assim, a masculinidade passou a ser mais definida através do ideal sexual, da dominação física e da posse sexual das mulheres. Através dessa nova configuração, os homens desempregados poderiam conseguir algum status ainda que dentro de uma concepção falocêntrica (HOOKS, 2019, p. 183).

É importante destacar que o movimento *Black Power* contribuiu no incentivo da submissão das mulheres com o objetivo de fazer surgir e consolidar um patriarcado negro, o que elevaria o status dos homens negros. Assim, as mulheres negras foram influenciadas a pensar que absorver ideias feministas era equivalente a trair toda a raça (HOOKS, 2019, p. 194).

Ainda que tantas pessoas negras tenham se enfurecido com os vários estereótipos relacionados à masculinidade negra na cultura dominante, para a autora, homens e mulheres negros não desafiaram/desafiam sistematicamente essas representações estreitas, mais do que isso, muitos abraçaram passivamente essas representações, perpetuando estereótipos e mitos. Através dessas representações, foram moldados homens negros contemporâneos (HOOKS, 2019, p. 174) e parte desses estereótipos é encontrada em obras acadêmicas sobre masculinidades negras. Segundo bell hooks, esses livros ensinavam que a masculinidade negra era explicada no singular, ou seja, de maneira homogênea (HOOKS, 2019, p. 173). Mais especificamente:

O retrato da masculinidade negra que emerge dessas obras constrói os homens perpetuamente como “fracassados” que são “fodidos” psicologicamente, perigosos, violentos, maníacos sexuais cuja insanidade é influenciada pela incapacidade de realizar seu destino masculino falocêntrico em um contexto racista. Muito dessa literatura é

escrita por pessoas brancas, e uma pequena parte por homens negros acadêmicos (HOOKS, 2019, p. 174).

Nesse sentido, faz-se necessário evidenciar as complexidades no interior dessas múltiplas formas de vivenciar as masculinidades, além das possíveis transformações dos padrões de masculinidades. Até mesmo a chamada masculinidade hegemônica pode não atuar sozinha, como bem pontua Raewyn Connell: “Uma determinada forma hegemônica de masculinidade tem outras masculinidades agrupadas em torno dela” (CONNELL, 1995, p. 189).

Contemporaneamente, alguns homens negros se recusam a reconhecer que o machismo oferece determinados privilégios, relativos, mas ainda assim privilégios, em detrimento das mulheres. Assim, continuam compactuando com atitudes machistas uma vez que, ao abrirem mão desses privilégios, podem se sentir impotentes na busca por esse status que lhes concede poder (HOOKS, 2019, p. 205). Em resumo, essas tensões referentes ao gênero, maléfico tanto para mulheres como para homens negros, acabam dando mais força ao patriarcado supremacista branco capitalista (HOOKS, 2019, p. 195).

Por conseguinte, nenhum patriarcado é melhor do que o outro. O patriarcado negro, inclusive, pode ser tão misógino quanto o patriarcado branco e, portanto, passível de críticas. Em consonância com essa discussão, James Baldwin invoca em seu romance, um dos possíveis aspectos maléficos do patriarcado: a violência contra mulheres. A partir das prisões dos jovens homens negros nos romances escolhidos, nos deparamos com uma série de dificuldades e tensões que emergem devido às dramáticas situações. A obra de James Baldwin expõe as brigas entre as famílias do jovem casal, protagonizadas pelos pais de Fonny: Sr. e Sra. Hunt e suas irmãs Adrienne e Sheila, bem como pelos parentes de Tish, seus pais Sharon e Frank e sua irmã Ernestine. Antes de discutirmos a questão da violência de gênero, é interessante destacar a apresentação desses personagens pela narradora.

São descritas por Tish muitas das características físicas e de personalidade de cada um dos personagens. Em relação às características físicas, por exemplo, nos deparamos com os diferentes tons de cor de pele. No trecho abaixo, Tish descreve como vê a si mesma: “Bem, minha pele é escura, meus cabelos são normais e não tenho nada de muito especial – nem o Fonny

se dá ao trabalho de fingir que sou bonita, diz apenas que as garotas bonitas são um tremendo pé no saco” (BALDWIN, 2019, p. 27).

Neste trecho acima, percebe-se que a narradora ao se apresentar como uma mulher negra de pele escura, associa a própria condição com a ausência de beleza que é estabelecida pela sociedade estadunidense. Ela continua descrevendo as características de alguns personagens e podemos verificar a associação da pele mais clara com esse ideal de beleza imposto<sup>8</sup>.

Patricia Hill Collins em *Pensamento feminista negro*, discute entre outras coisas, os padrões de beleza predominantes e como eles funcionam como imagens de controle das mulheres negras. Possuir determinadas características físicas como a cor da pele e o tipo de cabelo ideal podem significar uma depreciação das mulheres e principalmente das afro-americanas (COLLINS, 2019, p. 167). A autora ilustra esse pensamento com uma cantiga infantil bastante conhecida nas comunidades negras:

Now, if you're White you're all right,  
 “Ora, se você for branco, tudo bem,  
 If you're brown, stick around,  
 Se você for pardo, fique por perto,  
 But if you're black, git back! Git back! Git back!  
 Mas se você for negro, volte para trás! Volte para trás!  
 (COLLINS, 2019, p. 167).

Verificamos, assim, a partir de James Baldwin e Patricia Hill Collins uma hierarquização estética entre os indivíduos. Para a autora, essa hierarquização está pautada com a aproximação ou distanciamento da branquitude e afeta os sujeitos de maneiras diferentes (COLLINS, 2019, p. 169). Desta maneira, ainda que os indivíduos se destaquem pela inteligência, os que possuem características mais africanas são vistos como inferiores e devem ficar atrás

---

<sup>8</sup> Destaco aqui o romance *O olho mais azul* de Toni Morrison, que narra a história de Pecola Breedlove, uma garotinha que deseja alcançar esse ideal de beleza (representado no romance pela aquisição de olhos azuis). Dentre temas como racismo e violência sexual, a escritora vai abordar também as nuances do colorismo, usadas com o objetivo de imprimir valores aos tipos físicos. No pós-fácio do livro, Toni Morrison afirma: “Concentrei-me, então, em como algo tão grotesco quanto a demonização de uma raça inteira podia criar raízes dentro do membro mais delicado da sociedade: uma criança; do membro mais vulnerável: uma mulher” (MORRISON, 2019).

nessa hierarquia (COLLINS, 2019, p. 167). Em resumo, essa hierarquização baseada no colorismo se define como:

Outros grupos “de cor” precisam negociar os significados ligados a sua “cor”. Todos precisam se posicionar em uma hierarquia de cores constantemente renegociada, na qual os significados ligados à branquitude e à negritude, por definirem o topo e a base, mudam muito menos do que pensamos. Interligados em uma relação simbiótica, “branco” e “negro” têm significado apenas em relação um ao outro. Por mais bem-intencionadas que sejam as conversas entre “mulheres de cor” a respeito do significado da cor nos Estados Unidos, essas conversas exigem uma análise da maneira pela qual o racismo institucionalizado produz hierarquias de cor entre as mulheres estadunidenses. Sem atentar para a dominação, essas conversas podem contribuir para nivelar diferenças genuínas de poder entre mulheres brancas, latinas, asiático-americanas, indígenas e negras (COLLINS, 2019, p. 168).

A partir de Patricia Hill Collins, tem-se a oportunidade de percepção da maneira pela qual as imagens de controle (hegemônicas e pressupostas) (COLLINS, 2019, p. 167) atuam especificamente em relação às mulheres negras estadunidenses, ou seja, as mais prejudicadas pela ideia de colorismo, um subproduto do racismo (COLLINS, 2019, p. 168). É a partir do olhar de Tish, que James Baldwin lança luz sobre essa questão. Assim como exposto no trecho anteriormente, a narradora acaba por contribuir para essa hierarquização racista do que se entende por beleza estadunidense.

Há, de maneira aproximada, outra problemática com uma perspectiva interseccional, dessa vez, relacionada à violência de gênero. A família de Tish convida a família de Fonny com o objetivo de informá-los a respeito da gravidez da jovem, entretanto o encontro é marcado por momentos conflituosos e violentos. É importante destacar a devida atenção que devemos ter ao ler a obra de James Baldwin no que se refere às passagens um tanto críticas em relação ao fanatismo religioso. Sobre essa questão, importa dizer que a família de Tish pertence à Igreja Batista Abissínia (BALDWIN, 2019, p. 29) e a família de Fonny frequenta a Igreja Pentecostal Santificada em Cristo (BALDWIN, 2019, p. 21). Dentro da própria família de Fonny, percebe-se facilmente a desavença relacionada a pontos de vista distintos sobre a prisão de Fonny. Além disso, podemos verificar através desses pontos de vista antagônicos, a maneira como cada integrante da família reage no que concerne à possível libertação de Fonny. A mãe do personagem define sua posição da seguinte maneira:

Nem me fala! Estou me matando de tanto correr pra cima e pra baixo no Bronx, tentando conseguir os melhores conselhos em matéria legal com as pessoas pra quem eu trabalhava. Um deles, você sabe, é vereador; ele conhece praticamente todo mundo e tem pistolão. As pessoas têm que ouvir ele, você sabe. Mas isso está tomando todo o meu tempo, e o médico falou que eu preciso ter cuidado, diz que estou sacrificando muito meu coração. Ele diz: “Sra. Hunt, não se esqueça, por mais que esse rapaz queira a liberdade, ele também quer sua mãe”. Mas não quero nem saber. Não estou preocupada comigo. O Senhor me protege. Tudo que faço é rezar, rezar, e rezar pra que o Senhor ilumine meu menino. É o que peço a Ele, dia e noite. E às vezes penso que talvez este seja o jeito que o Senhor encontrou pra fazer com que meu menino pense em seus pecados e entregue sua alma a Jesus... (BALDWIN, 2019, p. 69).

Em relação à maneira de lidar com o problema, o pai de Fonny, por sua vez, tem uma postura contrária e bastante crítica a de sua esposa. Quando ela afirma que confia em Deus e que acredita que Deus se importa com ela, Frank responde:

Não sei como Deus espera que um homem se comporte quando seu filho está metido numa encrenca. O seu Deus crucificou o filho Dele, e provavelmente ficou feliz em se livrar dele, mas eu não sou assim. Não vou sair na rua e beijar o primeiro policial branco que encontrar. Mas vou ser carinhoso que nem um babaca no dia que meu filho sair daquele inferno, livre. Vou ser carinhoso que nem um babaca quando pegar outra vez seu rosto com minhas mãos, e olhar nos olhos dele. Ah, nesse dia vou estar cheio de amor pra dar! (...) E se isso não acontecer, pode apostar que vou arrebentar algumas cabeças por aí. E se você me disser uma palavra sobre esse Jesus que você vem namorando todos esses anos, vou arrebentar primeiro a sua cabeça. Você foi sempre muito boazinha com esse filho da puta branco e judeu, quando devia ter sido era com seu filho (BALDWIN, 2019, p. 70).

Após ouvir a opinião de Frank, a mãe de Fonny a desaprova, acusando o marido de ser uma pessoa cheia de ódio. Sharon, no entanto, sai na defesa de Frank, alegando que ele está falando a verdade sobre a vida de pessoas negras no país. A reunião entre as famílias que tem como objetivo principal a anúncio da gravidez de Tish tem suas tensões elevadas quando a mãe de Fonny humilha e ameaça Tish e seu bebê:

Acho que você chama de amor seu ato de luxúria. Eu não. Sempre soube que você seria a ruína do meu filho. Você tem um demônio dentro do corpo, sempre soube disso. Meu Deus fez com que eu soubesse disso há muitos anos. O Espírito Santo vai fazer com que esse bebê murche dentro do seu ventre. Mas meu filho será perdoado. Minhas preces vão salvar ele (BALDWIN, 2019, p. 73).

Após o anúncio da gravidez, os conflitos vão se intensificar ainda mais. A mãe de Fonny, suas filhas e Tish discutem intensamente e as tensões desembocam em um comportamento violento de Frank, o pai de Fonny. A mãe de Fonny ao proferir palavras com o objetivo de magoar Tish, recebe como resposta uma tapa de seu próprio marido como se verifica no seguinte trecho:

Ridícula e majestosa, ela estava dando um testemunho religioso. Mas Frank riu e, aproximando-se dela, derrubou-a com um tapa com as costas da mão. Sim. Ela caiu no chão, o chapéu deslocado para a parte de trás da cabeça, o vestido repuxado deixando os joelhos à mostra. Frank se postou acima dela. A sra. Hunt não emitiu um som, nem ele (BALDWIN, 2019, p. 73).

A partir desse trecho, James Baldwin invoca mais uma importante discussão, consolidada através dos estudos feministas. A violência de gênero, hoje, é um tema debatido por vários teóricos, mas para bell hooks, houve demora em relação ao espaço dedicado para o debate sobre sexismo e seu impacto na vida das mulheres negras. A justificativa para essa situação é explicada através do fato das mulheres das classes alta e média não enfatizarem o reconhecimento de que o poder patriarcal (a autora define como o poder que os homens utilizam para dominar as mulheres) não é somente privilégio dos homens brancos das classes média e alta (HOOKS, 2020, p. 145). À vista disso, é importante destacar mais uma vez que o sexismo dos homens negros já existia antes mesmo do período escravocrata nos Estados Unidos e o sexismo exercido pelos brancos, no período colonial, intensificou o sexismo dos homens negros (HOOKS, 2020, p.146).

A autora vai mais além e explica que o foco nas consequências do racismo nos homens negros trouxe consigo o imaginário de que eles são fracos. Esse imaginário causou uma relutância em se reconhecer que os efeitos decorrentes do racismo não impedem que homens negros sejam sexistas como também não justificam a opressão que relegam às mulheres negras (HOOKS, 2020, p. 146). No caso do romance, o fato do personagem negro Frank ser oprimido em virtude de sua cor não impede ele de ser violento com sua esposa, também negra.

Por conseguinte, podemos refletir sobre a maneira a partir da qual homens negros passaram a ansiar o reconhecimento público por sua “masculinidade”,

que estava relacionada também à submissão das mulheres nas famílias negras (HOOKS, 2020, p. 156). Percebam, por exemplo, que a vítima da agressão física, a mãe de Fonny, não expressa nenhum tipo de resposta; após a agressão, ela vai embora. A narração da situação expõe, acima de tudo, o local de submissão que é ensinado e cobrado das mulheres em muitas e variadas sociedades.

Em relação a essa questão, trago para essa discussão, os argumentos de Heleieth Saffioti sobre violência de gênero. Recorrendo a Karl Marx, a autora discute a construção do sujeito e objeto na e pela relação social. Levando em consideração que ambos, sujeito e objeto, apenas por meio da atividade, geram os processos de subjetivação e objetivação (SAFFIOTI, 2015, p. 139).

Os processos de subjetivação/objetivação estão permanentemente submetidos à capacidade/incapacidade de apropriação dos resultados de práxis humana por parte dos indivíduos, não apenas pelo fato da sociedade ser separada em classes sociais, mas também por suas desigualdades de gênero e raça. Essas categorias entrelaçam-se e formam um nó, não se tratando, portanto, de hierarquização dessas referidas desigualdades, mas de um entrelaçamento que coloca em evidência as contradições de cada ordenamento e as potencializa (SAFFIOTI, 2015, p. 141).

No entanto, viver de acordo com uma identidade social (gênero, classe social e raça) não significa necessariamente que o indivíduo tenha consciência do nó formado por essas marcas sociais. Assim, uma mulher pode se comportar como integrante da categoria do gênero feminino, independentemente de ter consciência disso, uma vez que sua identidade faz parte e atua na sua psique (SAFFIOTI, 2015, p. 146). Para a autora, as identidades sociais se constituem no plano do inconsciente, podendo atuar muito ou pouco no nível consciente (SAFFIOTI, 2015, p. 147). Assim sendo, as mulheres passam a vida negociando papéis, mas sem descartar suas identidades e essas negociações são essenciais para a sobrevivência das mulheres (SAFFIOTI, 2015, p. 149).

Em relação, especificamente, à violência masculina contra a mulher, o agressor considera a mulher como objeto de suas ações. A mulher, como vítima da ação violenta, percebe-se enquanto objeto da ação, no entanto, isso não significa dizer que a mulher seja passiva ou não sujeito (SAFFIOTI, 2015, p. 150):

O não sujeito é uma *contradictio in subjecto*. O sujeito é sujeito porque é capaz de interagir com outros seres humanos e de se apropriar dos

frutos dessa práxis. É esse sujeito, sempre ativo, que estuda a relação custo-benefício e, certa ou erroneamente, decide pela representação do papel de vítima passiva (SAFFIOTI, 2015, p. 151).

O que podemos considerar, de acordo com Heleieth Saffioti é que os homens tendem a tratar as mulheres como não sujeitos e em certos contextos, as mulheres vêem-se assim. Entretanto, o fato das mulheres atuarem em representações firma o caráter de sujeitos. Contudo, essa discussão não permite a alguém a conclusão de que haja convivência da mulher com a violência de gênero, uma vez que a mulher é vítima e desfruta de um poder muito menor para reverter a situação (SAFFIOTI, 2015, p. 151). Isso também não significa que não há resistência. Uma mesma mulher pode adotar comportamentos ambivalentes, ora acomodado, ora de resistência (SAFFIOTI, 2015, p. 152).

Isso posto, não há quem participe de relações sociais sem ser sujeito, sem ter identidades sociais, sem distinguir seu eu do eu do outro, até mesmo em situações em que é considerado um não sujeito ou encarne a personagem do não sujeito. Dessa forma, não se trata de negar que, em muitas ocasiões, independentemente da prática da violência física e da sexual, pessoas são tratadas como coisa. Trata-se de mostrar que o grau de reificação/alienação das pessoas nunca é total ou, se o for, só ocorre em situações-limite (SAFFIOTI, 2015, p. 155).

Voltando ao romance *Se a rua Beale falasse*, há um momento no qual a mãe de Tish pergunta para Frank o que ele achou do advogado, o sr. Hayward. Esse momento se situa antes da violência física:

É um branquelo que fez faculdade de direito e tem lá os seus diplomas. Bem, você sabe. Não preciso te dizer o que isso significa: merda nenhuma. É, eu sei, e é uma mudança muito bem-vinda. Como estava dizendo, não significa porra nenhuma e não sei se vamos ficar com ele. Por outro lado, em matéria de garotos brancos, ele não é tão ruim. Por enquanto não está todo cheio de merda porque ainda tem fome, mas vai ficar mais tarde, quando estiver bem de vida. Cara, você sabe, não quero a vida do meu menino nas mãos desses veadinhos brancos filhos da puta. Juro por Deus, prefiro ser queimado vivo. É meu único filho, cara, meu único filho. Mas estamos todos nas mãos dos homens brancos, e conheço alguns negros metidos a besta em quem eu também não confiaria (BALDWIN, 2019, p. 70).

Logo em seguida, a mãe de Fonny responde a essa fala do marido, em um tom alto de voz, expondo assim, uma postura bastante diferente em relação à prisão do filho:

Mas eu fico tentando dizer a vocês, fico tentando dizer a você como essa atitude negativa é perigosa! Você está cheio de ódio! Se você dá ódio às pessoas, elas te devolvem mais ódio! Cada vez que vejo você falar assim fico de coração partido e temo pelo meu filho, sentado numa masmorra de onde ele só pode sair graças ao amor de Deus. Frank, se você ama seu filho, esquece esse ódio, se livra dele. Vai cair tudo em cima da cabeça do seu filho, vai matar ele! (BALDWIN, 2019, p. 70).

Ainda que a mãe de Fonny não tenha respondido à violência física sofrida, ela expõe sua opinião, de certa forma, contrária à opinião do marido. Exemplificando assim, a argumentação de Heleieth Saffioti. Numa relação patriarcal, Frank a vê como objeto e dirige sua violência, inclusive na frente de outras pessoas, ou seja, representando uma situação de extremo conforto e naturalização de violência contra mulheres. No entanto, o fato dela expor seu pensamento prova sua posição de sujeito na relação e a resposta para essa atitude é a violência perpetrada por ele. Embora Frank a considere como um objeto de sua ação violenta, isso não significa dizer que ela seja um não sujeito. De forma alguma, podemos dizer que a mãe de Fonny ocupa um lugar de completa submissão. Pelo contrário, ela reivindica para si um espaço onde possa apresentar seu ponto de vista. Essa luta entre os gêneros é explicada por Heleieth Saffioti da seguinte maneira:

Explicitando-se, há uma rotinização da violência nas (perdoe-se a redundância) relações violentas. Se, efetivamente, um polo da relação fosse reduzido a coisa, a própria relação se extinguiria em termos de práxis, não podendo continuar a existir senão no imaginário e de modo efêmero. Ora, o fulcro da questão aqui posta consiste na práxis, pois é nela e por meio dela que se forjam as identidades. Por conseguinte, não há um polo passivo e um polo ativo, mas dois polos ativos numa correlação de forças em permanente luta pela hegemonia (SAFFIOTI, 2015, p. 156).

É importante destacar que o padrasto de Fonny toma conta de uma alfaiataria, portanto, pode-se argumentar que essa posição de provedor da família faz com que ele expresse atitudes que buscam subjugar sua esposa. O intuito de demonstrar sua própria masculinidade passa, efetivamente, pela agressão física, pela demonstração de poder. Para bell hooks, é esse comportamento que une homens brancos e negros na defesa do sistema

patriarcal, ou seja, o uso da violência como meio de obtenção e manutenção de poder (HOOKS, 2020, p. 163):

A busca do homem negro por reconhecimento de sua “virilidade” na sociedade estadunidense tem raiz em sua internalização do mito de que, simplesmente nascendo homem, ele tem um direito nato a poder e privilégio. Quando o racismo impediu pessoas negras de alcançarem igualdade social com pessoas brancas, homens negros reagiram como se fossem os únicos representantes da raça negra e, portanto, as únicas vítimas de opressão racista. Eles enxergaram que eram as pessoas a quem liberdade era negada, não as mulheres (HOOKS, 2020, p. 165).

A ideia equivocada de protagonismo único se reflete, por exemplo, no desejo dos homens negros de estabelecerem um patriarcado negro em movimentos dos anos 1960, como o *Black Power*, inclusive, alguns homens brancos apoiaram o movimento devido à identificação com o sexismo voltado à recuperação da masculinidade dos homens negros (HOOKS, 2020, p. 160). Sabe-se, evidentemente, que o racismo não possibilitou a completa identificação entre os homens brancos e negros no que concerne aos comportamentos sexistas (HOOKS, 2020, p. 165).

Através de Frank, pode-se visualizar um outro desdobramento dessa busca por afirmação da masculinidade. E é através dele que se observa a característica também pertencente ao ideal patriarcal que está relacionado ao comportamento de rotular outros homens brancos como não masculinos. Ambas atitudes são invocadas pelos homens negros na tentativa de demonstrarem aos homens brancos que também podem ser poderosos (HOOKS, 2020, p. 159). Em relação a essa outra questão, quando a mãe de Tish pergunta para Frank o que ele achou do advogado (o trecho foi exposto anteriormente), ele descreve o advogado como “veadinho”, numa clara demonstração de tentar caracterizar o outro homem como inferior e afirmar, definitivamente, sua masculinidade perante às famílias reunidas. Outra questão relevante trazida por James Baldwin e bell hooks está atrelada ao desafio de questionar o falocentrismo do homem negro visando o debate a respeito da homossexualidade nas comunidades negras. Muito da busca pela masculinidade falocêntrica está diretamente relacionada à exigência da heterossexualidade compulsória e devido a isso, sempre houve perseguição e violência voltadas aos homossexuais (HOOKS, 2019, p. 211).

O personagem Frank nos leva a outra interessante discussão levantada também por bell hooks, que diz respeito ao imaginário das pessoas negras sobre os brancos. Ainda que essa descrição esteja relacionada diretamente a um rótulo homofóbico, portanto, relacionado à sexualidade, ela funciona como uma maneira de inferiorizar o outro, dentro de uma escala criada pelo Ocidente e que define o ideal de homem. Além disso, a fala de Frank expõe a falta de confiança em pessoas brancas. Neste sentido, podemos recorrer à teórica, que por sua vez, propõe uma discussão a respeito da branquitude e no que se refere à resposta do trauma que permanece como consequência direta da supremacia branca racista. Em suma, os diversos estereótipos que os negros compartilham sobre os brancos surgem geralmente como reações aos estereótipos que as pessoas brancas produzem sobre os indivíduos negros (HOOKS, 2019, p. 302).

Os estereótipos, ainda que imprecisos, funcionam como uma representação. Assim como as ficções, tomam o espaço da realidade. Para bell hooks, são projeções do Outro com o intuito de tornar esse Outro menos ameaçador (HOOKS, 2019, p. 303). No entanto, veremos como o estereótipo do homem negro estuprador atua como o oposto. Nesse caso, “ele é a maior ameaça”. Especificamente em relação a esse estereótipo, podemos concordar com a autora quando ela afirma: “Nomear o que a branquitude representa na imaginação negra é geralmente falar de terror” (HOOKS, 2019, p. 306). Por outro lado, uma fantasia comum da branquitude é de que o Outro, geralmente, é um terrorista. Essa idealização permite a muitos indivíduos brancos pensarem que a branquitude, em contrapartida, não pode ser vista como algo aterrorizante. Contudo, é exatamente essa representação que povoa a imaginação negra (HOOKS, 2019, p. 310). É a partir desta questão que é possível discutir a maneira como esse “terror” emerge dessa obra literária. Esse terror evidenciado por bell hooks é percebido também no relato de Tish ao falar do policial Bell, o mesmo que persegue Fonny e o leva para a prisão:

Mas eu estava começando a aprender alguma coisa sobre o vazio daqueles olhos. E o que estava aprendendo me deixava morta de medo. Se você olhar continuamente no fundo daquele azul que não pisca, vai descobrir uma crueldade infinita, uma malevolência gélida. Naquele olho, você não existe – se der sorte. Se aquele olho, da altura em que se situa, for forçado a reparar em você, se você *de fato* existir no inverno incrivelmente gelado que vive por trás dele, então estará marcado, marcado, marcado, como um homem de casaco preto rastejando, fugindo, através da neve. O olho se ressentia de sua

presença na paisagem, obstruindo a vista. Em breve, o casaco preto estará imóvel, colorindo-se com o vermelho do sangue, e a neve vai ficar vermelha, e o olho também se ressentiu disso, pisca uma vez, e faz cair mais neve, cobrindo tudo (BALDWIN, 2019, p. 170).

Através da narradora, o leitor acessa duas condições possíveis do imaginário da branquitude sobre os corpos negros. A completa invisibilização “você não existe – se der sorte” ou a “malevolência gélida” que persegue e aniquila a negritude, retratada através da imagem do homem de casaco preto na brancura da neve, ou a pureza da branquitude. A personificação do que há de pior na ideologia racista, no caso do romance de James Baldwin, é perceptível nos comportamentos do policial Bell. Ao longo da narrativa, nós podemos analisar várias atitudes abusivas e racistas por parte desse personagem corroborando, assim, com bell hooks, quando a autora afirma que todas as pessoas negras estadunidenses convivem com uma probabilidade alta de vivenciarem o terror que emerge da branquitude (HOOKS, 2019, p. 311). Um exemplo disso é a passagem onde Tish sente-se amedrontada pela presença do policial Bell:

- Eu tinha medo porque, nas ruas do Village, me dava conta de estarmos totalmente sozinhos. (...) Bell falou uma vez comigo. Eu estava indo tarde para casa, voltando do trabalho. Surpreendi-me ao vê-lo porque descii do metrô na esquina da Fourttnth Street com a Oitava Avenida, e ele costumava ficar nas vizinhanças da Bleecker e da MacDougal. Eu seguia ofegante pela avenida, carregando uma sacola com coisas que surrupiara do judeu, quando o vi andando devagar na minha direção. (...) “Posso carregar pra você?” Quase deixei cair a sacola. Na verdade, quase me mijei. Olhei nos olhos dele. “Não”, respondi, “muito obrigada”, e tentei continuar andando, mas ele barrava meu caminho. Olhei de novo no fundo de seus olhos. (...) Era uma sedução que continha a promessa de violação. Era um estupro que prometia humilhação e vingança (BALDWIN, 2019, p. 171).

O terror relatado pela narradora Tish encontra embasamento nos relatos sobre estupro das mulheres negras escravizadas. Várias narrativas de escravizados do século XIX trazem relatos de violência sexual sofrida pelas mulheres escravizadas por seus respectivos senhores e feitores (DAVIS, 2016, p. 37):

Mas as mulheres também sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros mais tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modo cabíveis

apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas (DAVIS, 2016, p. 19).

É sabido que aos homens eram impostos os açoitamentos e as mutilações, já as mulheres eram açoitadas, mutiladas e também estupradas. O estupro tinha como objetivo a expressão manifesta do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de escravas (DAVIS, 2016, p. 20). Além disso, o estupro funcionava como um meio institucionalizado de agressão, desempenhado com a intenção de intimidar e inferiorizar as mulheres (DAVIS, 2016, p. 37).

Ao mesmo tempo que as mulheres negras escravizadas eram consideradas socialmente iguais aos homens no interior da comunidade escravagista, é interessante notar que elas resistiam à conjuntura com a mesma energia que os seus companheiros. Em vista disso, os proprietários de escravos tentavam romper essa cadeia de igualdade por meio da opressão particularmente brutal que destinavam às mulheres (DAVIS, 2016, p. 10). É relevante destacar também que:

Seria um erro interpretar o padrão de estupros instituído durante a escravidão como uma expressão dos impulsos sexuais dos homens brancos, reprimidos pelo espectro da feminilidade casta das mulheres brancas. Essa explicação seria muito simplista. O estupro era uma arma de dominação, uma arma de repressão, cujo objetivo oculto era aniquilar o desejo das escravas de resistir e, nesse processo, desmoralizar seus companheiros (DAVIS, 2016, p. 10).

É notável a maneira a partir da qual James Baldwin utiliza para exibir o uso de narrativas e estereótipos através dos personagens negros e brancos. Os sentimentos invocados pelo imaginário, como o medo, encontram elucidação através das discussões teóricas aqui levantadas. O escritor evidencia, sobretudo, os desdobramentos da edificação racista do estereótipo do homem negro estuprador, que diferentemente dos estereótipos inventados pelos personagens negros, vai marcar de forma injusta a vida de Fonny.

Outra reflexão possível a partir dessa discussão está relacionada à percepção de que James Baldwin parece convergir com a mesma preocupação ostentada por bell hooks: “Enquanto pessoas negras se agarrarem tolamente à premissa perigosa de que é do interesse da libertação negra apoiar o machismo

e a dominação masculina, todos os nossos esforços para descolonizar nossas mentes e transformar a sociedade vão ruir” (HOOKS, 2019, p. 194). Vimos, anteriormente, como o personagem Frank pode representar essa ruína existencial para a comunidade negra e particularmente, para sua família.

O próximo tópico se voltará para a reflexão de outro estereótipo, exibido, no entanto, pelo romance de Harper Lee e reforçado através da personagem negra Calpúrnia, a babá das crianças em *O sol é para todos*. Discutimos anteriormente a única diferença encontrada na comunidade escravagista, a utilização do estupro como forma de inibir a revolta e resistência das mulheres negras. Vimos também que o elemento que igualava os gêneros era o trabalho compulsório e especificamente o trabalho das mulheres negras estadunidenses da escravidão à contemporaneidade será a base do próximo tópico.

## 5 A REAFIRMAÇÃO DA MAMMY E A REVELAÇÃO DAS MAMMIES

O enorme espaço que o trabalho ocupa ainda hoje na vida das mulheres negras estadunidenses está diretamente relacionado a um padrão construído nos primeiros anos da escravidão. Na condição de escravizadas, essas mulheres eram impossibilitadas de vivenciarem outros aspectos de suas vidas, tendo sua existência ofuscada intensamente pelo trabalho compulsório (DAVIS, 2016, p. 17).

Neste tópico, decidi me debruçar sobre uma personagem específica que representa um outro estereótipo relacionado à população negra estadunidense, especificamente associado às mulheres negras. A babá Calpúrnia, a responsável pelo cuidado das crianças de *O sol é para todos* é a personificação dessa representação. Esse imaginário está diretamente relacionado a um posto de trabalho destinado exclusivamente para as mulheres que haviam sido escravizadas. Veremos também como esse contexto social torna-se contemporâneo e é observado em outra personagem, desta vez, no romance de James Baldwin.

Segundo Patricia Hill Collins, no período escravocrata foram desenvolvidas várias imagens de controle<sup>9</sup> sobre a condição da mulher negra e que apresentavam o interesse do grupo dominante de preservar a inferioridade e a subordinação dessas mulheres. A primeira imagem de controle relacionada às afro-americanas é a da *mammy*, a trabalhadora doméstica fiel (COLLINS, 2019, p. 140):

Criada para justificar a exploração econômica das escravas domésticas e mantida para explicar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico, a imagem da *mammy*, representa o padrão normativo usado para avaliar o comportamento das mulheres negras em geral. Ao amar, alimentar e cuidar dos filhos e das “famílias”

---

<sup>9</sup> Paralelamente, no Brasil, nós temos os argumentos de Lélia Gonzalez, que em seu artigo “Racismo e sexismo na cultura brasileira” analisa de que maneira a subjugação das mulheres negras, desde o período escravocrata, favoreceu a composição e divulgação de três estereótipos (a mulata, a doméstica e a mãe preta). Os dois primeiros são originados da figura da mucama, a mulher negra forçada a cumprir com as exigências da família, inclusive sexuais. Se por um lado, a mulata é exaltada no imaginário popular brasileiro, a doméstica é a periférica que vive de maneira anônima e trabalha como um “burro de carga”. Já a mãe preta tem sua imagem, geralmente, vinculada à passividade, mas não somente. Para Gonzalez, devemos levar em consideração outro aspecto importante, o do controle dos serviços das amas-de-leite no período colonial, uma prática constituída por cuidados maternos (GONZALEZ, 1984). É importante destacar que é a partir de duas categorias interseccionais que a autora vai discutir esses estereótipos nacionais, ou seja, o duplo fenômeno do racismo e do sexismo.

brancas melhor do que dos seus, a *mammy* simboliza as percepções do grupo dominante sobre a relação ideal das mulheres negras com o poder da elite masculina branca. Mesmo que seja querida e tenha autoridade considerável em sua “família” branca, a *mammy* conhece seu “lugar” como serviçal obediente. Ela aceita sua subordinação (COLLINS, 2019, p. 140).

Figura 2 - Cena do filme “E o vento levou”, de 1939, onde é possível verificar a presença do estereótipo da *mammy* interpretada pela atriz Hattie McDaniel.



Fonte: Everett Collection em matéria do El país. Disponível em: [www.brasil.elpais.com](http://www.brasil.elpais.com). Acesso em: 18 nov. 2024.

Ainda que Calpúrnica exerça exemplarmente a função de babá, existem limites quanto aos espaços nos quais ela pode circular. O trecho abaixo explicita essa questão:

Na manhã seguinte, ela levantou mais cedo do que o habitual para cuidar das nossas roupas. Quando passava a noite na nossa casa, ela dormia em uma cama de campanha na cozinha, que, naquela manhã, estava coberta com nossos trajes domingueiros. Cal engomou tanto o meu vestido que, quando me sentava, a saia levantava como uma tenda. Fui obrigada a usar anágua e Cal amarrou uma fita cor de rosa na minha cintura. Poliu meu sapato de verniz até ver o próprio rosto refletido nele (LEE, 2018, p. 150).

O fato de Calpúrnica dedicar-se completamente à família Finch, exercendo funções que socialmente são associadas à condição materna, não significa dizer

que ela tenha permissão para dormir em um cômodo voltado para tal atividade. O local que a babá deve estar presente a maior parte do tempo é a cozinha. Patricia Hill Collins também aponta como a sustentação da posição de *mammy* significa bastante dedicação à família branca e muito tempo distante de seus próprios familiares (COLLINS, 2019, p. 149).

É interessante observar que Calpúrnica assume, até certo ponto, o papel de mãe de Scout e Jem, uma vez que as crianças são órfãs. Além disso, as *mammies* são, geralmente, representadas muitas vezes como obesas, de pele escura e com características marcadamente africanas. Incapaz de ser uma parceira sexual ideal para os homens brancos, mas livre e adequada para ser a mãe substituta da família branca (COLLINS, 2019, p. 158). A descrição das características físicas da babá é feita pela narradora Scout:

Era toda ângulos e ossos; míope e estrábica, tinha as mãos largas como ripas de estrado e duas vezes mais duras. Vivia me expulsando da cozinha, me perguntando por que eu não me comportava tão bem como Jem, embora soubesse que meu irmão era mais velho, e me chamando para casa quando eu ainda não estava com vontade de ir. Nossas brigas eram épicas e injustas; Calpúrnica ganhava toda vez, principalmente porque Atticus sempre ficava do lado dela. Ela trabalhava na nossa casa desde o nascimento de Jem, e eu sentia sua presença tirânica desde que tenho memória. Nossa mãe morreu quando eu tinha dois anos, por isso nunca senti falta dela (LEE, 2018, p. 14).

Dentre tantas características associadas à *mammy*, Patricia Hill Collins também chama a atenção para o fato que as babás negras representam a mãe negra “boa” (COLLINS, 2019, p. 145). Percebam que no trecho abaixo, quando Scout pergunta ao pai se poderá ir à casa de Calpúrnica e sua tia Alexandra responde que não, a menina retruca prontamente: “- Não perguntei para você!”. Depois da confusão entre a família, a tia sugere que Atticus dispense a babá e ele responde:

- Alexandra, Calpúrnica só sai desta casa quando quiser. Você pode discordar, mas eu não teria aguentado todos esses anos se não fosse ela. Ela faz parte desta família e você vai ter que aceitar as coisas como elas são. Além disso, irmã, não queria que você fique se esfalfando por nossa causa, não precisa. Continuamos precisando de Calpúrnica como sempre precisamos. (...) Além do mais, as crianças não foram nem um pouco prejudicadas por terem sido criadas por ela. De certa maneira, Cal foi mais exigente com eles do que uma mãe teria sido... Nunca deixou que se safassem de nada, nem os estragou como faz a maioria das babás negras. Tentou criá-los com bom senso, que ela tem bastante. E tem mais: as crianças a amam (LEE, 2018, p. 171).

Para o pai, Calpúrnia representa o bom exemplo de maternidade: uma mãe boa, mas que exige dos filhos, assumindo, portanto, uma certa distância das outras babás negras que de tanto cuidarem bem, acabam por estragar as crianças, deixando-as mimadas. Para Patricia Hill Collins, “a *mammy* é a face pública que os brancos esperam que as mulheres negras assumam diante deles” (COLLINS, 2019, p. 142). E nesse sentido, a babá Calpúrnia consegue exercer esse papel de maneira relevante. Ainda assim, percebam que a tia Alexandra sugere a demissão da babá e isso está relacionado ao fato das crianças terem ido à igreja com Calpúrnia e também ao fato da tia almejar ser uma referência de mulher para a sobrinha, uma vez que Calpúrnia nunca conseguiria desempenhar o papel de referência feminina. E é exatamente por esse motivo que a tia e Atticus decidem que ela passe um tempo morando com as crianças:

- Você e Jem estão crescendo – ela me disse. – Acharmos que seria bom para você ter uma influência feminina. Daqui a pouco, Jean Louise, você vai começar a se interessar por roupas e rapazes... Eu podia ter dado várias respostas a isso, como: “Cal é mulher”; “vai levar anos para eu me interessar por rapazes”, “Jamais vou me interessar por roupas”... mas fiquei quieta (LEE, 2018, p. 161).

Notem que ao mesmo tempo que Calpúrnia exerce um papel materno, não deixa de haver, acima disso, um distanciamento emocional e uma separação entre afetividade e o trabalho exercido por ela. A falta de reconhecimento do profundo afeto estabelecido entre Calpúrnia e as crianças é posto em primeiro plano. Sobressai-se, sem dúvida, a relação de trabalho e a submissão da babá em relação à família branca. Esse pensamento é refletido inclusive na postura da menina Scout. Após Jem convidar um outro menino para almoçar com eles, Scout é repreendida pelo pai e por Calpúrnia por conta de sua hostilidade com o convidado:

- Mas ele exagerou, encharcou a comida de melado – reclamei. – Encheu tudo...  
Então Calpúrnia mandou eu ir para a cozinha com ela.  
Ela estava furiosa e quando ficava assim, a gramática ia para o brejo. Quando estava calma, ela se expressava tão bem quanto qualquer pessoa de Maycomb. Atticus dizia que Calpúrnia era mais instruída do que a maioria dos negros.  
Ela estreitou os olhos para mim e as rugas finas ao redor dos olhos ficaram mais fundas.  
- Nem todo mundo come igual nós – afirmou, ríspida -, mas não é para chamar atenção disso na mesa. O menino é convidado e se ele quiser comer a toalha da mesa, deixa, entendeu?  
(...)

Avisei a Calpúrnia que ela não perdia por esperar, não ia esquecer aquela história: qualquer dia, quando ela estivesse distraída, eu ia me afogar no riacho Barker e ela ia se arrepender (...)

- Fica quieta – ela mandou.

Jem e Walter voltaram para a escola antes de mim: fiquei para trás para falar com Atticus sobre as injustiças de Calpúrnia (...)

- De todo jeito, ela gosta mais de Jem que de mim – concluí a conversa e sugeri que Atticus não perdesse mais tempo e mandasse Calpúrnia embora de uma vez.

- Já parou para pensar que Jem não dá a metade da preocupação a ela? - A voz de Atticus estava dura como pedra. – Não tenho a menor intenção de despedi-la, nem agora nem nunca. Não viveríamos um dia sem Cal, não percebe? Pense em tudo o que ela faz por você e obedeça-a, entendeu? (LEE, 2018, p. 37).

Esse trecho nos leva a pensar em outra importante questão levantada no romance de Harper Lee. Percebam que Atticus dizia que Calpúrnia era considerada mais instruída do que a maioria dos negros. Sobre esse ponto, Angela Davis faz uma breve discussão que aponta para os obstáculos enfrentados pela população negra no sentido de se alfabetizarem<sup>10</sup>. A vontade de adquirir conhecimento era percebida entre as escravizadas e os escravizados do Sul como entre os irmãos e as irmãs “livres” do Norte. Comprova-se também que esses obstáculos nos estados escravagistas conseguiam ser ainda mais rígidos do que no Norte (DAVIS, 2016, p. 113) o que não significa dizer que a população negra não conseguisse aprender a ler. Alguns africanos, poucos, certamente, conseguiam fugir da imposição que proibia a alfabetização:

Com frequência, os poderes mistificadores do racismo emanam de sua lógica irracional e confusa. De acordo com a ideologia dominante, a população negra era supostamente incapaz de progressos intelectuais. Afinal, essas pessoas haviam sido propriedade, naturalmente inferiores quando comparada ao epítome branco da humanidade. Mas, se fossem realmente inferiores em termos biológicos, as pessoas negras nunca teriam manifestado desejo nem capacidade de adquirir conhecimento. Portanto, não teria sido necessário proibi-las de aprender. Na realidade, é claro, a população negra sempre demonstrou uma impaciência feroz no que se refere à aquisição de educação (DAVIS, 2016, p. 109).

No retorno da igreja, a conversa entre Calpúrnia e as crianças apresentou importantes revelações sobre a babá. Jem a pergunta:

- Mas por que vocês cantam os hinos daquele jeito?

---

<sup>10</sup> Os proprietários de escravizados do Sul aplicavam castigos como o tronco e o açoite para inibir a vontade de aprendizado do povo negro (DAVIS, 2016, p. 113).

- Verso a verso? – ela quis saber.
  - É assim que chamam?
  - É, chama-se verso a verso. Sempre foi assim.
- Jem disse que eles podiam guardar o dinheiro das contribuições por um ano e comprar alguns livros de hinos.
- Calpúrnia riu e explicou:
- Não ia adiantar, eles não sabem ler.
  - Não sabem ler? Toda aquela gente? – perguntei.
  - Isso mesmo – concordou Calpúrnia. – Só umas quatro pessoas da congregação sabem ler, contando comigo.
  - Em que escola você estudou, Cal? - perguntou Jem.
  - Nenhuma. Deixa ver, quem me ensinou a ler? Foi a tia da srta. Maudie Atkinson, a velha srta. Buford...
  - Você é tão velha assim?
- (LEE, 2018, p. 158).

Muitas pessoas em condição de escravização ou ex-escravizadas receberam o apoio de pessoas brancas no processo de aprendizagem<sup>11</sup>. Outros escravizados arriscavam-se ao ensinar às irmãs e aos irmãos o aprendizado obtido de maneira clandestina (DAVIS, 2016, p. 114). Angela Davis comenta o caso, por exemplo, de Frederick Douglass (ex-escravo), que apesar da proibição de seu senhor Hugh, continuou a buscar o conhecimento, tendo aprendido a escrever as palavras através da cartilha *webster* e da bíblia da família, de noite, escondido de seu dono (DAVIS, 2016, p. 108). O aprendizado através da bíblia não se realizou apenas para Frederick Douglass. A personagem Calpúrnia revela que ensinou seu filho Zeebo a ler, obrigando-o a estudar uma página da bíblia por dia (LEE, 2018, p. 159). É interessante observar que nessa mesma conversa, as crianças descobrem que Calpúrnia é uma idosa. Zeebo era seu filho mais velho, que inclusive, já tinha filhos crescidos (LEE, 2018, p. 158) e Scout questiona:

Nunca tinha me ocorrido que Calpúrnia levava uma modesta vida dupla. A ideia de que ela tinha outra vida, fora da nossa casa, era nova para mim, isso sem falar no fato de ela dominar duas línguas. – Cal, por que você fala como... os seus amigos quando está com eles se sabe que falam errado? – perguntei (LEE, 2018, p. 159).

Voltando aos argumentos de Patricia Hill Collins, é conveniente notarmos a construção da personagem Calpúrnia. Ela, de fato, representa a complexidade de categorias sociais atreladas ao estereótipo da *mammy*, que por sua vez, funciona como um bom exemplo no que se refere às opressões interseccionais

---

<sup>11</sup> A partir da página 108, em *Mulheres, raça e classe*, Angela Davis traz vários exemplos de atos pelo direito à educação. Atos tanto de ex-escravizados quanto de pessoas brancas.

(raça, gênero, classe e sexualidade). Além disso, essa imagem de controle tem como uma das finalidades a influência de certos comportamentos na maternidade dessas mulheres (COLLINS, 2019, p. 141). Reparem que a menina sequer imaginava que sua babá pudesse ter filhos e ter sua própria família para cuidar. Dessa maneira, podemos refletir com Patricia Hill Collins que:

A imagem da *mammy* corrobora a ideologia do culto à verdadeira condição de mulher, a qual elimina a sexualidade e a fecundidade. Espera-se que as “boas” mães brancas neguem sua sexualidade. Em contraste, a imagem da *mammy* é a de uma mulher assexuada, uma mãe substituta de rosto negro [*in blackface*], cuja devoção histórica a sua família branca dá lugar, hoje em dia, a novas expectativas (COLLINS, 2019, p. 142).

Wallace-Sanders complementa os elementos que constituem o estereótipo da *mammy* nos Estados Unidos:

A *Mammy* é muitas vezes seu título e o único nome que ela já recebeu. Ela também pode ser uma cozinheira ou empregada pessoal de sua senhora [...] Suas roupas são típicas de uma doméstica: lenço na cabeça e avental, mas ela é especialmente atraída por lenços de cores vivas e elaboradamente amarrados. *Mammy* fala o "dialeto de plantação" não gramatical que ficou famoso na década de 1890 por autores populares brancos do sul como Joel Chandler Harris e por shows de menestréis subsequentes. Seus próprios filhos são geralmente sujos e mal-educados, mas servem como companheiros adequados para seus pupilos brancos. Ela é tipicamente retratada como impaciente com seus próprios filhos, em contraste com sua paciência generosa e afetuosa com seus filhos brancos (WALLACE-SANDERS, 2008, p. 6).

A autora também contribui com os questionamentos acerca da representação desse perfil feminino dentro do imaginário coletivo estadunidense associado, por sua vez, à devoção ilimitada que o racismo estadunidense exigia das mulheres afro-americanas:

*Mammy* faz parte do léxico da mitologia pré-guerra que continua a ter um domínio provocativo e tenaz sobre a psique americana. Seu grande corpo escuro e seu rosto redondo e sorridente dominam nossa imaginação, fazendo com que representações mais precisas de mulheres afro-americanas murchem em sua sombra. Os atributos estereotipados da *mammy* - sua voz profundamente sonora e calmante sem esforço, sua paciência infinita, sua risada estridente, sua sagacidade autodepreciativa, sua compreensão implícita e aceitação de sua inferioridade e sua devoção aos brancos - todos apontam para um longo e conturbado casamento de essencialismo racial e de gênero, mitologia e nostalgia do sul. Este casamento ocorreu entre a década de 1820 e meados do século XX, quando a *mammy* se tornou

a representação mais amplamente reconhecida de uma mulher afro-americana, colocando-a no centro de um dinâmico debate inter-racial sobre construções de lealdade, devoção materna e memória sulista. [...] Por que tantos retratos dela insistem que ela preferia crianças brancas às suas? Como seu tamanho e forma, sua cor e seu guarda-roupa contribuíram para essa representação dela como a outra mãe [...] como o símbolo máximo da devoção materna? Como ela se tornou tão crucial para nossa compreensão da escravidão, gênero, maternidade e memória no sul dos Estados Unidos? (WALLACE-SANDERS, 2008, p. 2).

O trabalho como babá se apresentou durante muito tempo nos Estados Unidos como a única alternativa para as mulheres negras, após a emancipação. As jovens, inclusive, eram preparadas para tal atividade incontornável<sup>12</sup> (COLLINS, 2019, p. 113). Mas como o tempo, esse cenário foi transformando-se e as mulheres negras passaram a vislumbrar outras opções. Contudo, essas novas opções de trabalho são vistas como uma renovação do papel da *mammy*. De acordo com Patricia Hill Collins, na economia reestruturada do pós-Segunda Guerra Mundial, as afro-americanas trocaram o trabalho em ambientes domésticos por empregos mal remunerados no setor de serviços e em trabalhos administrativos. Ou seja, começou a ser consolidado um caminho semelhante de exploração econômica dessas mulheres (COLLINS, 2019, p. 143).

Esse contexto é exposto a partir da inserção das afro-americanas em postos de trabalho como, por exemplo, cuidadoras em creches, funcionárias de lavanderias e em lojas de *fast-food* (COLLINS, 2019, p. 101), atividades que para a teórica, representam as chamadas profissões *mammificadas* (COLLINS, 2019, p. 143). Essas experiências de trabalho contemporâneo das mulheres negras estadunidenses não são despercebidas no romance de James Baldwin. Há uma personagem que se aproxima bastante dessa conjuntura social, a irmã da narradora Tish, que ela descreve da seguinte maneira:

Ernestine chegou, ossuda como sempre. Ouvi sua voz caçoando o papai. Ela trabalha com crianças num abrigo em downtown – crianças de até catorze anos, mais ou menos, de todas as cores, meninos e

---

<sup>12</sup> No Sul, além do trabalho ser mal remunerado, as jovens e mulheres negras estavam bastante expostas ao assédio sexual. Algumas mulheres, enquanto esposas ou filhas de homens com trabalho assalariado, paravam de trabalhar no campo ou no serviço doméstico para se dedicar à própria família. Essas atitudes podem ser aceitas como uma resistência feminina frente ao assédio sexual e como esforço voltado ao trabalho dentro da própria família e fora da exploração econômica (COLLINS, 2019, p. 114).

meninas. É um trabalho muito duro, mas ela gosta – se não gostasse, acho que não seria capaz de fazer aquilo (BALDWIN, 2019, p. 45).

O fato de Ernestine trabalhar em um abrigo estabelece uma interessante ponte com o conceito usado por Patricia Hill Collins de *mammy moderna*. A *mammy* contemporânea é aquela mulher negra que trabalha com serviços destinados às necessidades das pessoas pobres em instituições públicas onde é esperado que as afro-americanas resolvam problemas em sistemas que estão em crise (COLLINS, 2019, p. 130). A personagem e narradora Tish, por sua vez, trabalha num posto de trabalho também subalternizado, como verifica-se no trecho abaixo:

A mana começou a me chamar de Jezebel<sup>13</sup> depois que arranjei o emprego na seção de perfumes da loja de departamentos onde trabalho agora. A loja achou que era bem ousado, bem progressista, dar essa função a uma moça negra. Fico atrás da porra do balcão o dia inteiro, sorrindo até meus dentes de trás doerem, deixando que as velhas e cansadas senhoras cheirem as costas da minha mão. A mana fala que eu chego em casa mais perfumada que qualquer puta da Louisiana (BALDWIN, 2019, p. 46).

A partir das personagens dos dois romances pode-se visualizar um quadro sobre trabalho e mulheres estadunidenses negras. A imagem de controle da *mammy* que se renovou com o tempo (as *mammies* modernas) comparece em Harper Lee através da Calpúrnia e em outra personagem do escritor James Baldwin, Ernestine. A persistência de impor esse tipo de trabalho para as mulheres negras, ou seja, o trabalho realizado para servir outras pessoas configura o que Patricia Hill Collins chama de “mulas do mundo”. No capítulo 3, intitulado *Trabalho, família e opressão das mulheres negras*, a teórica desenvolve uma importante discussão sobre o “lugar” das mulheres estadunidenses. Esse “lugar” destinado às afro-americanas é constituído por trabalhos remunerados e não remunerados, no mercado de trabalho ou no

---

<sup>13</sup> A personagem Tish faz referência a outro estereótipo conhecido nos Estados Unidos, a Jezebel. Segundo Patricia Hill Collins, essa imagem de controle está diretamente ligada aos esforços de controle da sexualidade das mulheres negras. O estereótipo inventado no período escravocrata, relegava às mulheres negras um comportamento sexual agressivo, com o intuito de haver uma boa justificativa para os ataques sexuais sucessivos de homens brancos. Além disso, como as jezebéis eram representadas com um apetite sexual intenso, o ideal seria manter essas mulheres presas à exploração econômica inerente à instituição da escravidão, não permitindo o aumento da fecundidade nas redes familiares negras e posteriormente impossibilitando o cuidado com os próprios filhos (COLLINS, 2019, p. 155).

interior das famílias formando, assim, um quadro complexo e que indica a posição das mulheres negras como “mulas do mundo” (COLLINS, 2019, p. 102).

A definição de “mula” está diretamente relacionada ao trabalho alienado “economicamente explorador, fisicamente exigente e intelectualmente sufocante”. Esse tipo de trabalho pode ser remunerado (Como por exemplo, as mulheres negras que realizam trabalhos domésticos como as *mammies* ou o trabalho não remunerado em suas próprias casas) (COLLINS, 2019, p. 104). Esses estereótipos sobre as mulheres negras, assim como o estereótipo sobre o homem negro estuprador possuem uma longa trajetória de edificação. Durante décadas, o confinamento das mulheres negras em trabalhos domésticos e agrícolas estabeleceu a estrutura opressora delas (COLLINS, 2019, p. 133).

Embora o estereótipo da *mammy* seja bastante conhecido e reproduzido em diferentes tipos de produções artísticas, algumas informações precisam ser levadas em consideração. A realidade vai se apresentar de maneira oposta ao estereótipo. É importante que saibamos que a grande maioria das escravizadas trabalhava na lavoura. Verifica-se que nos estados localizados na fronteira entre o Norte e o Sul dos Estados Unidos, existia, de fato, uma quantidade expressiva de mulheres que realizavam trabalhos domésticos, contudo, no extremo sul, a realidade era bem diferente. As escravizadas ocupavam obrigatoriamente postos no trabalho agrícola (DAVIS, 2016, p. 18). Os meninos e meninas eram enviados para o campo ao atingirem determinada idade para trabalharem o solo, coletarem algodão, colher tabaco e cortar cana, por exemplo (DAVIS, 2016, p. 18), trabalhando pesado na lavoura do amanhecer ao pôr do sol (DAVIS, 2016, p. 19). Outro elemento importante a se considerar é que as pessoas em condição de escravidão que trabalhavam no interior das casas não necessariamente realizavam deveres associados às atividades relegadas ao feminino (DAVIS, 2016, p. 29).

Devemos refletir também acerca da crescente ideologia da feminilidade do século XIX, que ressaltava o papel das mulheres como mães e donas de casa adoráveis para seus maridos e filhos. Em contrapartida, as mulheres negras eram vistas como aberrações (DAVIS, 2016, p. 17). Em resumo, o culto à figura materna é bastante característico do século XIX (DAVIS, 2016, p. 40). Ainda que as mulheres negras usufríssem de algumas questionáveis vantagens da ideologia da feminilidade, imagina-se que a típica escravizada era uma mulher

voltada para os serviços domésticos (especificamente cozinheira ou arrumadeira). Faz parte do imaginário estadunidense, os famosos estereótipos da Tia Jemima e da *mammy* que buscam registrar a essência do papel das mulheres no período escravocrata (DAVIS, 2016, p. 18). A Tia Jemima, por sua vez, tem origem em uma canção dos shows de variedades do século XIX (“Old Aunt Jemima”, de 1875) e veio a se tornar uma marca comercial de produtos de café da manhã, o que explica o uso da nomeação para se referir à cozinheira negra (DAVIS, 2016, p. 18).

Figura 3: Ilustrações acima e abaixo relacionadas à marca “Aunt Jemima” com as famosas caricaturas das criadas de famílias estadunidenses tradicionais. Apenas em 2021, a *Quaker Oats* aposentou o estereótipo racista devido às acusações de racismo e aos protestos advindos do movimento *Black lives matter*.





Fonte: [www.medium.com](http://www.medium.com). Acesso em: 18 nov. 2024.

É assim que Angela Davis desconstrói estereótipos conhecidos e reproduzidos nos Estados Unidos, particularmente, no capítulo intitulado O legado da escravidão: parâmetros para uma nova condição da mulher. Um desses estereótipos desconstruídos pela autora é o da *mammy* e esse modelo é o que há de mais relevante para a pesquisa neste tópico. Como vimos, a imagem da *mammy* é aquela relacionada às mulheres negras que deveriam cuidar das crianças, suprimindo todas as necessidades como aquelas voltadas à saúde, higiene e alimentação e às vezes desempenhando outras atividades como as de arrumação ou limpeza da casa (DAVIS, 2016, p. 18) e é apoiada nessas características que Harper Lee constrói a personagem Calpúrnia em *O sol é para todos*.

## 6 A ERA DOS LINCHAMENTOS EM HARPER LEE

Em *O Sol é para todos*, acompanha-se de forma detalhada o julgamento de Tom Robinson, onde o sr. Ewell e sua filha Mayella Ewell acusam o jovem homem negro de tê-la estuprado. O sr. Ewell afirma ter escutado sua filha gritar no final da tarde de 21 de novembro ao voltar do bosque onde ia buscar lenha e começa a afirmar:

- Bom, Mayella estava naquela gritaria, então larguei a lenha e corri, mas minha roupa prendeu na cerca e quando me soltei, cheguei na janela e vi... – O rosto do sr. Ewell ficou vermelho. Ele se levantou e apontou o dedo para Tom Robinson. -... vi aquele crioulo em cima da minha Mayella! (LEE, 2018, p. 216).

Após ajudar a filha do suposto ataque, o sr. Ewell continua a falar do acusado de maneira agressiva e racista: “Eu sabia quem ele era, morava naquele chiqueiro de pretos, passava pela casa todos os dias. Juiz, há quinze anos peço para o condado acabar com aquele chiqueiro, os moradores são perigosos para os vizinhos e desvalorizam a minha propriedade...” (LEE, 2018, p. 218).

Ao ser interrogado pelo advogado Atticus Finch do porquê não ter levado a filha ao médico, o sr. Ewell responde que não havia pensado nisso e não gostaria de gastar cinco dólares. Além disso, Atticus Finch passa também a investigar a origem dos ferimentos de Mayella, supondo que a agressão tenha partido de seu próprio pai. Após o testemunho do sr. Ewell, chega a vez de Mayella acusar Tom Robinson.

A moça de dezenove anos começa a contar que estava na varanda de casa e como ela tinha o dever de cortar um velho armário para usá-lo como lenha, aproveitou a passagem de Tom Robinson na frente de sua casa e narrou: “- Eu disse a ele: Venha cá, preto, cortar esse armário com o machado para mim. Dou uma moeda para você” (LEE, 2018, p. 225). A violência sexual teria acontecido quando Mayella virou-se para buscar a moeda.

Ele podia fazer aquilo fácil, com certeza podia. Ele entrou no quintal e fui pegar a moeda, então me virei e, quando percebi, ele estava em cima de mim. Tinha ido correndo atrás de mim. Me segurou pelo pescoço, xingando e dizendo coisas sujas... Lutei e gritei, mas ele não largou o meu pescoço. Bateu em mim várias vezes... (LEE, 2018, p. 225).

Aos poucos começamos a compreender a estratégia do interrogatório de Atticus Finch, a partir do qual ele apresenta para todos os presentes no julgamento um quadro da vida doméstica da família Ewell. Além disso, o advogado começa a investigar publicamente a suposta agressão à Mayella, que afirmava que Tom Robinson havia batido em seu rosto e a asfixiado. Ao mesmo tempo, somos apresentados a um personagem que devido a um acidente em uma máquina de tirar caroço de algodão, ficou com um dos braços inutilizáveis.

Thomas Robinson segurou o braço esquerdo com a mão direita e levantou-o. Colocou o braço sobre a Bíblia e a mão esquerda, que parecia de borracha, ficou sobre o couro escuro do livro. Quando levantou a mão direita, a outra, inerte, escorregou e bateu na mesa do escrevente. Ele ia fazer tudo de novo quando o juiz Taylor resmungou:  
- Está bem assim, Tom (LEE, 2018, p. 237).

Depois de uma breve apresentação, o rapaz de 25 anos, casado e pai de três filhos, conta algumas das interações que ele teve com Mayella, baseadas, sobretudo na exploração sem remuneração a que estava submetido:

- Você conhecia Mayella Violet Ewell? – perguntou Atticus.
- Sim, senhor, tinha de passar pela casa dela todo dia, quando ia e voltava do campo.
- Campo de quem?
- Eu colho algodão para o sr. Link Deas.
- Estava colhendo algodão em novembro?
- Não, senhor, no outono e no inverno cuida do jardim dele. Trabalho para ele quase o ano todo, ele tem muitas nogueiras e outras árvores.
- Você disse que tinha de passar pela casa dos Ewell na ida e na volta. Há outro caminho?
- Não, senhor, não que eu saiba.
- Alguma vez ela falou com você, Tom?
- Sim, eu tirava o chapéu quando passava e um dia ela pediu para eu entrar no quintal e cortar um armário com o machado.
- Quando foi isso?
- Foi na primavera passada, sr. Finch. Lembro bem porque era época de cortar lenha e eu estava com a minha enxada. Eu disse que só tinha a enxada e ela falou que tinha um machado. Me deu o machado e cortei a cômoda. Ela disse: “Acho que preciso te dar uma moeda, não é?” E eu disse: “Não precisa não, senhora.” Fui para casa, isso foi na primavera passada, faz mais de ano.
- Você voltou lá alguma vez?
- Sim, senhor.
- Quando?
- Bom, muitas vezes.
- [...]
- Em que circunstâncias?
- [...]

- Ela me chamava, senhor. Toda vez que eu passava ela tinha uma coisinha para eu fazer, cortar lenha, recolher gravetos, pegar água no poço. Todo dia ela regava as flores vermelhas...
- Ela pagava pelo seu serviço?
- Não, senhor, não depois daquela primeira vez que quis me dar uma moeda. Eu gostava de ajudar, o sr. Ewell parecia que não ajudava nada, nem as crianças. Eu sabia que ela não tinha moedas sobrando (LEE, 2018, p. 238).

Antes do julgamento de Tom Robinson, o personagem passa alguns dias sob custódia na cadeia de Maycomb. Ao temer a integridade física do acusado, o advogado decide passar uma madrugada na porta da cadeia. Seus filhos decidem segui-lo, às escondidas, e Scout narra o acontecimento:

Estávamos cortando caminho pela praça, quando quatro carros empoeirados se aproximaram pela estrada de Meridian, avançando devagar e em fila. Contornaram a praça, passaram pelo prédio do banco e pararam em frente à cadeia. Ninguém saltou do carro. Atticus levantou os olhos do jornal. Fechou-o, dobrou-o pausadamente, colocou-o no colo e empurrou o chapéu para trás. Parecia estar à espera deles (LEE, 2018, pág. 189).

Os indivíduos em seus carros tentaram intimidar o advogado Atticus e ele já temia a possibilidade de linchamento de Tom Robinson:

- Ele está aí dentro, sr. Finch? — um deles perguntou.
- Está, e está dormindo. Não o acordem — respondeu Atticus.
- [...] — O senhor sabe o que queremos. Saia da porta, sr. Finch — disse um outro homem.
- Dê meia-volta e vá para casa, Walter — disse Atticus, cordial.
- Heck Tate está por perto.
- Está porcaria nenhuma — disse outro homem.
- A patrulha de Heck está tão enfiada na mata que só sai amanhã de manhã (LEE, 2018, pág. 190).

Scout, ao querer defender o pai, acabou intervindo na situação, fazendo com os homens fossem embora e frustrando a tentativa de linchamento/assassinato por parte dos moradores racistas de Maycomb. Paralelamente, temos acesso à descrição de Scout referente ao julgamento de Tom Robinson e é possível ter a percepção das contradições nas denúncias de Mayella e Bob Ewell, ou sr. Ewell. Um ponto alto da narrativa é quando o acusado revela que a própria Mayella o assediou:

- Ela chegou perto e me beijou no rosto. Disse que nunca tinha beijado um homem e que dava no mesmo se beijasse um preto. E que o que o pai fazia com ela não contava. Falou: "Me beija, preto", e eu pedi para ela me deixar sair dali, tentei correr, mas ela se encostou na porta e tive que empurrar a srta. Mayella. Não queria machucar ela, sr. Finch, pedi para passar e então o sr. Ewell apareceu na janela e ficou esbravejando (LEE, 2018, pág. 242).

Jennifer Wriggins (1983) em seu artigo "Rape, racismo and the law" nos oferece uma importante conjuntura acerca do legado histórico da representação racista do estupro nos Estados Unidos, inclusive dentro das próprias instituições jurídicas, que por vezes, condenaram homens negros inocentes para cederem à pressão de determinadas comunidades. No começo do século XX, são comprovados os ataques furiosos de grupos de homens brancos que ameaçavam assassinar os réus negros, exceto quando o tribunal os condenavam (RAPER, 1933 *apud* WRIGGINS, 1983).

Há registrado um famoso caso nos EUA de submissão do tribunal estadual à pressão de homens brancos linchadores, o caso de Scottsboro na década de 1930 onde oito jovens negros foram condenados pelo que a Suprema Corte do Alabama definiu como "um crime muito sujo e revoltante". Os réus foram condenados à morte através de provas mínimas e questionáveis por supostamente terem estuprado duas meninas brancas (POWELL, 1932 *apud* WRIGGINS, 1983). Ainda que os linchamentos tenham diminuído após o começo da década de 1950, esse tipo de violência foi uma das principais manifestações em casos de acusações envolvendo infratores negros e vítimas brancas, além de, ter seu equivalente funcional através do sistema legal quando atuava de forma racista e baseada no estereótipo que viemos discutindo (WRIGGINS, 1983, p. 107).

Devido ao caso de Scottsboro, os tribunais instituíram regras doutrinárias especiais a réus negros acusados de estupro ou tentativa de estupro de mulheres brancas. Tal regra possibilitaria que os júris levassem em conta a raça do réu. Se o acusado fosse negro e a vítima branca, o júri tinha o direito de inferir baseado somente na raça, mais especificamente, isso significava que ele tinha a pretensão real de estuprar. Um determinado tribunal apresentou: "Ao determinar a questão da intenção, o júri pode considerar as condições sociais e costumes fundadas em diferenças raciais, como a de que a promotora era uma

mulher branca e o réu era um homem negro” (MCQUIRTER, 1953 *apud* WRIGGINS, 1983).

“As condições sociais e costumes fundados em diferenças raciais” que o júri deveria considerar incluiu a suposição de que os homens negros sempre e só querem estuprar mulheres brancas e que mulheres brancas nunca consentiriam em fazer sexo com um homem negro (STORY, 1912 *apud* WRIGGINS, 1983).

Há um registro particularmente interessante de um argumento proferido ao júri por um advogado de defesa, em um caso na Louisiana, no ano de 1907:

Cavalheiros do júri, este homem, um negro, é acusado de invadir a casa de um homem branco durante a noite e agredir sua esposa, com a intenção de estuprá-la. Agora, você não sabe que, se esse negro tivesse cometido tal crime, ele nunca teria sido trazido aqui e julgado; ele teria sido linchado e, se eu estivesse lá, ajudaria a puxar a corda (State, 1907).

O argumento é revelador sobre a maneira como o sistema legal instituiu o estupro de mulheres brancas. Para começar, o júri é tratado como “cavalheiros”, o que significa ter sido formado majoritariamente por homens, brancos e proprietários de terras. Outra informação que podemos inferir é acerca da mulher branca somente ter recebido suporte porque é esposa de um homem branco e dono da propriedade. Por outro lado, imagina-se que uma mulher negra, por exemplo, não receberia esse mesmo suporte (WRIGGINS, 1983, p. 109).

Em relação à presença predominante de homens em tribunais, há uma passagem interessante protagonizada pelo filho do advogado Atticus, quando Jem questiona o pai:

- Atticus, por que gente como nós e a srta. Maudie nunca participa de júris? Nunca tem um morador de Maycomb, os jurados são sempre do interior – disse Jem.

Atticus recostou-se na cadeira de balanço. Por alguma razão, ele parecia satisfeito com Jem.

- Eu estava pensando quando você ia perguntar isso. Por várias razões: primeiro, a srta. Maudie não pode participar de um júri por ser mulher.

- Quer dizer que as mulheres no Alabama não podem...? – Fiquei indignada.

- Isso mesmo. Deve ser para proteger nossas delicadas senhoras de ouvir casos sórdidos como o de Tom. Além disso, duvido que conseguíssemos levar um julgamento até o fim. As senhoras não iam parar de fazer perguntas – disse Atticus, rindo (LEE, 2015, p. 275).

O reconhecimento seletivo da experiência do estupro de mulheres brancas por homens negros aconteceu ao mesmo tempo que se consolidou uma rejeição dos casos de estupro de mulheres negras. Essa conjuntura teve início no período escravagista, como já exposto anteriormente (BEALE, 1981 *apud* WRIGGINS, 1983). Inclusive, há muitos relatos de exércitos do Norte estuprando mulheres negras do Sul, na Guerra Civil (GUTMAN, 1978 *apud* WRIGGINS, 1983), como também no uso do estupro como arma de terror pela Ku Klux Klan durante a Reconstrução (LERNER, 1982 *apud* WRIGGINS, 1983).

Mulheres negras estupradas por homens brancos ou negros sabiam que não tinham chance com o sistema legal, no período após a Guerra Civil. Já as mulheres brancas estupradas por homens brancos enfrentaram obstáculos oriundos do direito consuetudinário, que protegia a maioria dos homens acusados de estupro (WRIGGINS, 1983, p. 106).

Após a Guerra Civil, a contínua negação do estupro de mulheres negras pelo sistema legal se manifestou em normas doutrinárias discriminatórias e através da linguagem judicial. Hoje, mulheres negras continuam sofrendo estupros em números desproporcionais, enquanto o sistema de justiça criminal ainda leva as reivindicações das vítimas negras com menos seriedade do que as reivindicações das vítimas brancas (WRIGGINS, 1983, p. 123).

O estereótipo indicador do homem negro estuprador vincula-se diretamente ao estereótipo da mulher negra prostituta, refletindo, portanto, uma pressuposta promiscuidade das mulheres negras e sendo útil para perdoar o abuso sexual de homens brancos (bell hooks, 1981 *apud* WRIGGINS, 1983). Como bem esclarecido por Jennifer Wriggins, o mecanismo através do estereótipo baseia-se na seguinte alegação: “se essas mulheres não são castas, não podem ser estupradas” (WRIGGINS, 1983, p. 121), além disso: “... o mito de que o estupro é apenas um crime cometido por negros contra mulheres brancas obscureceu e desviou a atenção da natureza variada, difusão e influência da subordinação sexual a que todas as mulheres são submetidas” (WRIGGINS, 1983, p. 124).

Como podemos ver, ambos os estereótipos funcionavam como uma estratégia discursiva, inclusive no âmbito jurídico, com o objetivo de controlar os

corpos racializados. Alcançamos nos dois romances, iniciativas desesperadas<sup>14</sup> de manutenção de privilégios de personagens brancos do Sul após a derrota da Guerra civil. Exemplo disso é quando o sr. Ewell expõe no julgamento seu desejo de destruição da comunidade onde Tom Robinson vive com outras pessoas negras. Os supremacistas brancos perceberam que era uma estratégia muito eficaz usar imagens de controle para inventar bodes expiatórios, dentro e fora da ficção. Em vista disso,

os linchamentos no Sul parecem indicar uma tentativa dos brancos, alcançados pela decadência, de preservar as linhas de casta e seus privilégios mesmo onde e quando eles já não tinham mais sentido nem viabilidade econômica, impondo predominantemente aos negros a inferioridade e a sujeição por meio do terror da violência privada (MARTINS, 2019, p. 24).

Além dos esforços de preservação das benesses oriundas do período escravocrata, a legião de brancos virulentos alimentava um medo de possíveis revoltas, então, acusar homens inocentes parecia uma boa estratégia para mantê-los o mais longe possível:

Logo após a Guerra Civil, não estava claro quais instituições, leis ou costumes seriam necessários para manter o controle branco, uma vez que a escravidão havia acabado. Não obstante, como numerosos historiadores têm demonstrado, o desenvolvimento de uma nova ordem racial tornou-se uma paixão arrebatadora para a maioria dos sulistas brancos. Rumores de uma grande insurreição apavoravam os brancos, e os negros começaram a ser vistos cada vez mais como ameaçadores e perigosos. De fato, os estereótipos atuais do homem negro como predador indisciplinado, agressivo, remontam a esse período, no qual os brancos temiam que uma massa furiosa de homens negros pudesse se levantar para atacá-los ou estuprar suas mulheres (ALEXANDER, 2017, p. 68).

Em tom aproximado, Achille Mbembe argumenta que “a origem arcaica do racismo e da negrofobia, enquanto objecto vacilante, é o medo da alucinante potência sexual atribuída aos Negros” (MBEMBE, 2014, p. 194) e vai além:

Este fenômeno não é, no entanto, especificamente colonial. O linchamento dos homens negros no Sul dos Estados Unidos na época

---

<sup>14</sup> Ou outro dito por uma mulher branca, esposa de um ex-congressista, no ano de 1898: “Se é preciso linchamento para proteger posse mais querida da mulher de bestas humanas, então eu digo linchar um mil vezes por semana, se necessário” (REYNOLDS, 1897 *apud* WRIGGINS, 1983).

da escravatura e posteriormente ao proclamar da emancipação (1862 – 1863) encontra em parte a sua origem no desejo de os castrar. Ansioso com a sua própria potência sexual, o *petit blanc* racista e o senhor da plantação aterrorizam-se com o “gládio negro”, do qual receiam não apenas o suposto volume, mas também a carácter penetrante e arrasador. No gesto obsceno do linchamento, procura-se portanto proteger a suposta castidade da mulher branca, levando o Negro ao limite da morte. Pretende-se levá-lo a contemplar o obscuro e a extinção daquilo que na alucinação racista se considera o seu «sol sublime», o seu phallos. O corte com sua masculinidade deve passar pela transformação dos seus pertences viris num campo de ruínas — a sua separação das forças vitais (MBEMBE, 2014, p. 195).

Ainda que o julgamento de Tom Robinson em *O sol é para todos* seja permeado de contradições e que o advogado Atticus Finch tenha conseguido comprovar a denúncia fraudulenta, o personagem é condenado e posteriormente, assassinado em uma tentativa de fuga. Uma importante introdução às raízes próprias do estereótipo do homem negro estuprador está situada no capítulo intitulado “Estupro, racismo e o mito do estuprador negro” em *Mulheres, raça e classe* de Angela Davis.

## 7 DISSECANDO O ESTEREÓTIPO DO HOMEM NEGRO ESTUPRADOR

A questão do estupro, de maneira geral, invoca discussões diversas e se caracteriza, para Angela Davis, como uma das maiores disfunções das sociedades capitalistas atuais. É interessante notarmos que nos Estados Unidos e em outros países capitalistas, as jurisdições contra as agressões sexuais foram desenvolvidas para proteger homens das classes mais altas, uma vez que suas esposas e filhas são vulneráveis a esse tipo de crime. Por outro lado, as mulheres da classe trabalhadora, no geral, não experimentam do mesmo empenho para punir homens que as violentaram. Em resumo, nem todos os homens brancos são processados pela violência sexual que cometeram. De forma inquestionável, a acusação de estupro tem sido dirigida aos homens negros, em sua maioria, culpados e inocentes. Angela Davis comprova: “Por isso, dos 455 homens condenados por estupro que foram executados entre 1930 e 1967, 405 eram negros” (MELTSNER, 1973, p. 75 *apud* DAVIS, 2016, p. 177) e complementa:

Na história dos Estados Unidos, a acusação fraudulenta de estupro se destaca como um dos artifícios mais impiedosos criados pelo racismo. O mito do estuprador negro tem sido invocado sistematicamente sempre que as recorrentes ondas de violência e terror contra a comunidade negra exigem justificativas convincentes (DAVIS, 2016, p. 177).

Poucas mulheres brancas escreveram sobre o tema do estupro no começo da década de 1970, de acordo com Angela Davis (DAVIS, 2016, p. 179), e as poucas que conseguiram, como Susan Brownmiller, verifica-se em seu trabalho a reafirmação do estereótipo do homem negro estuprador. Ainda que sua obra *Against our will: Men, women and rape* apresente uma importante contribuição acadêmica (inclusive pelo seu pioneirismo sobre a literatura contemporânea sobre estupro) muitos dos argumentos presentes são de base racista. Um exemplo disso é a interpretação de Susan Brownmiller do famoso caso de linchamento de Emmett Till em 1953 (DAVIS, 2016, p. 182). Susan Brownmiller não é a única, outros acadêmicos corroboraram com o estereótipo, a exemplo de Winfield Collins que em *The truth about lynching and the Negro in the South* argumenta:

Duas das características mais evidentes do negro são a total falta de castidade e a completa ignorância da veracidade. A frouxidão sexual do negro, considerada tão imoral ou até criminosa na civilização do homem branco, pode ter sido tudo menos uma virtude em seu habitat de origem. Lá, a natureza criou nele intensas paixões sexuais para compensar sua alta taxa de mortalidade (COLLINS, 1918, p. 94 *apud* DAVIS, 2016, p. 185).

Anteriormente foi dito que a utilização do estupro como um método de repressão foi amplamente difundido no período escravocrata. Diferentemente do uso do linchamento, uma vez que os proprietários de escravizados não queriam correr o risco de perder suas “propriedades”. Há registros de linchamentos que ocorreram antes da Guerra Civil, mas eram direcionados aos abolicionistas brancos e à medida que a campanha antiescravagista avançava, a frequência dos linchamentos aumentava. Nesse sentido, há uma pesquisa relevante, de 1895, de Ida B. Wells<sup>15</sup>, onde a autora comprova que ocorreram mais de 10 mil linchamentos entre 1865 e 1895 (DAVIS, 2016, p. 187):

Não foram todos, nem quase todos, os assassinatos cometidos por homens brancos durante os últimos trinta anos que vieram à luz, mas as estatísticas, do modo como foram reunidas e preservadas pelos homens brancos, e que não foram questionadas, mostram que durante esses anos mais de dez mil pessoas negras foram assassinadas a sangue frio, sem a formalidade do julgamento judicial e da execução legal. E ainda assim, como evidência da absoluta impunidade com que o homem branco ousa matar um negro, o mesmo registro mostra que durante todos esses anos, e por todos esses assassinatos, apenas três homens brancos foram julgados, condenados e executados. Como nenhum homem branco foi linchado pelo assassinato de pessoas de cor, essas três execuções são as únicas ocorrências de pena de morte para homens brancos pelo assassinato de negros (WELLS-BARNETT, 1969, p. 8 *apud* DAVIS, 2016, p. 188).

Foi nesse contexto que o estereótipo do homem negro estuproador foi trazido à tona, constituído, sobretudo devido a um interesse político (DAVIS, 2016, p. 188). Citando Frederick Douglass, Angela Davis demonstra como esse estereótipo não havia sido invocado durante a escravidão nem na Guerra Civil, mais especificamente, nenhum homem negro foi acusado publicamente de estuprar sequer uma mulher branca (DOUGLASS, 1894 *apud* DAVIS, 2026, p. 188). Angela Davis complementa:

---

<sup>15</sup> Ida B. Wells-Barnett foi muito influente dentro do movimento contra os linchamentos nos EUA. A jornalista negra perdeu três conhecidos linchados em Memphis, no ano de 1892 (DAVIS, 2016, p. 195).

Imediatamente após a Guerra Civil, o espectro ameaçador do estuprador negro ainda não havia aparecido no cenário histórico. Mas os linchamentos, reservados durante a escravidão aos abolicionistas brancos, provavam ser uma arma política valiosa. Antes que os linchamentos pudessem ser consolidados como uma instituição popularmente aceita, entretanto, a barbaridade e o horror que representavam precisavam ser justificados de maneira convincente. Essas foram as circunstâncias que engendraram o mito do estuprador negro – pois a acusação de estupro acabou por se tornar a mais poderosa entre as várias tentativas de legitimar os linchamentos de pessoas negras. A instituição do linchamento, por sua vez, complementada pelos contínuos estupros de mulheres negras, tornou-se um elemento essencial da estratégia de terror racista do pós-guerra. Dessa forma, a brutal exploração da força de trabalho negra estava garantida e, após a traição da Reconstrução, a dominação política do povo negro como um todo estava assegurada (DAVIS, 2016, p. 188).

Essa dominação da população negra tinha como objetivo principal a impossibilidade dos afro-americanos de alcançarem a cidadania e a igualdade econômica. Como já dito, foram criadas narrativas baseadas no medo de que esses indivíduos pudessem se vingar dos brancos, no entanto, essas narrativas foram desmanteladas e a justificativa mais comum para os linchamentos foi remodelada. Após 1872, os Estados Unidos vão ser palco da manifestação de grupos como a Ku Klux Klan e os Cavaleiros da Camélia branca que contribuíram para a construção de outro pretexto. Os linchamentos, portanto, seriam úteis ao impedimento do que se chamava “fortalecimento da supremacia negra” (DOUGLASS, 1894 *apud* DAVIS, 2016, p.189).

Após a falha da Reconstrução e a anulação do direito de voto da população negra, o fantasma da supremacia política negra como justificativa para os linchamentos se tornou ultrapassado. Isso não quer dizer que os linchamentos tenham diminuído. Esse foi o contexto social no qual as acusações de estupro surgiram como a principal justificativa para o linchamento de homens negros (DAVIS, 2016, p. 189). Essa justificativa passou a ser racionalizada como uma tática para vingar as supostas agressões dos homens negros direcionadas às mulheres brancas e sua feminilidade casta do Sul. Assim, os homens que possuíam o dever de proteger suas mulheres e filhas poderiam ser perdoados pelas violências que cometessem, de fato (DAVIS, 2016, p. 190). Essa narrativa racista foi corroborada, dentre outras personalidades, pelo senador Ben Tillman, da Carolina do Sul que argumentou de forma equivocada: “[...] quando homens brancos austeros e de expressão triste levavam à morte uma criatura de forma

humana que deflorou uma mulher branca, eles vingavam o mal maior, o crime mais negro [...]” (GAGER; SCHURR, 1976, p. 163 *apud* DAVIS, 2016, p. 191).

O estereótipo foi tão bem consolidado que a oposição aos linchamentos individuais foi sufocada assim como o apoio de pessoas brancas à luta antirracista começou a encolher. A maior organização de mulheres brancas, do final do século XIX, a “Women’s Christian Temperance Union”, teve uma diretora que ofendia publicamente os homens negros que ela acreditava terem atacado mulheres brancas. Em suma, o possível crime associado ao homem negro acarretou uma enorme confusão dentro e fora dos movimentos progressistas (DAVIS, 2016, p. 191). Logicamente ninguém queria ter seu nome associado a algum movimento de libertação de qualquer estuprador, mas o fato é que o número de estupros que ocorreram de fato era desproporcional aos argumentos que defendiam o estereótipo racista (DAVIS, 2016, p. 192). Estereótipo que ocasionou mais de 10 mil linchamentos de pessoas negras durante as três décadas depois da Guerra Civil (WELLS-BARNETT, 1969, p. 8 *apud* DAVIS, 2016, p. 187).

Além do estereótipo se apresentar como uma concepção injusta que associa os homens negros à autoria mais frequente de violência sexual, é também um desrespeito contra a população afro-americana uma vez que o estuprador implica a mulher negra prostituta. Por isso, as mulheres negras lideraram prontamente a frente do movimento de guerra aos linchamentos (DAVIS, 2016, p. 194) sob o comando de Ida B. Wells-Barnett. Os artigos de Wells-Barnett no *New York Age* e no *The Free Speech* denunciando os casos dos linchamentos motivaram outras mulheres negras a seguirem a luta coletiva (DAVIS, 2016, p. 195). Trinta anos após Ida B. Wells começar a campanha contra os linchamentos, foi fundada uma organização denominada Cruzadas Contra os Linchamentos, em 1922. Sob a liderança de Mary Talbert, o propósito principal era criar um movimento integrado de mulheres contra os linchamentos. As mulheres negras uniram-se com as mulheres brancas e inspiraram a criação da Associação de Mulheres do Sul pela Prevenção de Linchamentos, no ano de 1930. Essa Associação, por sua vez, uniu esforços para condenar o discurso de que os linchamentos eram úteis para a defesa da feminilidade sulista (DAVIS, 2016, p. 196). Ainda em 1930, essas mulheres conseguiram recrutar muitas mulheres brancas do Sul para uma campanha voltada à derrota de gangues

racistas. É importante destacar que essas mulheres brancas sofreram hostilizações e ameaças de morte e ainda assim conseguiram reverter a onda de linchamentos (DAVIS, 2016, p. 197).

Na década de 1970, verifica-se o ressurgimento do estereótipo do estuprador negro. Essa é exatamente a década representada no romance de James Baldwin. Nesse contexto, Fonny é perseguido e hostilizado por um policial conhecido pelo nome Bell que o leva para a cadeia através de uma acusação de estupro de uma moça porto-riquenha, chamada Victória. Se no caso de Tom, que em *O sol é para todos* é levado a julgamento, não se pode dizer o mesmo do personagem de James Baldwin. Em uma das conversas com Fonny, Tish explica para o companheiro como se deu o processo de identificação dos possíveis culpados do crime, elaborado pelo policial Bell:

- E você era o sujeito mais preto que eles mostraram pra ela naquela manhã. Havia alguns brancos, um porto-riquenho e uns dois irmãos mais claros – mas você era o único negro.
- Não sei o que isso quer dizer.
- Bem, pode querer dizer que o processo vai ser encerrado. Ela diz que foi estuprada por um negro, e aí puseram um negro no meio de uma porção de caras de pele mais clara. E por isso, obviamente, ela diz que foi você. Se estava procurando por um cara negro, ela sabia que não podia ser nenhum dos outros.
- E o Bell?
- Bom, ele já matou um garoto negro, como eu te falei. E Hayward garante que o júri vai ficar sabendo disso.
- Merda. Se o júri souber disso, provavelmente vão querer dar uma medalha pro Bell. Ele está mantendo as ruas seguras.
- Fonny, não pensa assim, querido. Quando essa merda começou, concordamos que tínhamos que enfrentar um dia após o outro, não esquentar a cabeça e não pensar muito à frente. Sei exatamente o que você quer dizer, meu querido, mas não adianta pensar assim... (BALDWIN, 2019, p. 182).

Por meio do policial Bell se tem a representação do que há de pior no racismo estadunidense, o personagem corrupto e racista que persegue pessoas negras através do manto das instituições. A perseguição do policial ao personagem Fonny é, por sua vez, legitimada pela denúncia desonesta de Victoria, expressada nos termos de James Baldwin:

A sra. Victoria Rogers, nascida Victoria Maria San Felipe Sanchez, declara que na noite de 5 de março, entre onze e doze horas, no vestíbulo de sua casa, foi criminalmente assaltada por um homem que agora sabe ter sido Alonzo Hunt, e foi abusada pelo antes mencionado Hunt da forma sexual mais extrema e abominável, sendo forçada a sofrer as inimagináveis perversões sexuais (BALDWIN, 2019, p. 118).

Ainda que as acusações de estupro sejam refutadas, os dois personagens, Tom e Fonny são condenados, no entanto, as situações possuem termos distintos. Além do infortúnio causado a esses personagens específicos, as obras exploram também a vivência de situações prejudiciais para outros personagens. Em *O sol é para todos*, por exemplo, Bob Ewell, sentindo-se humilhado por ter sido desmascarado no julgamento, busca vingar-se atacando as crianças Scout e Jem, filhos do advogado. Antes mesmo do ataque, tem-se conhecimento, no romance, da efervescência da cidade ao saber do “caso Tom Robinson”.

Muitos questionamentos vindos das crianças estão relacionados aos julgamentos e xingamentos de colegas e vizinhos direcionados ao advogado. As crianças questionam e refletem diversas vezes sobre o fato do pai ser destrutado por ter optado em defender um homem negro, inclusive por seus parentes, como revelado no trecho abaixo:

A tarde seguinte na casa da sra. Dubose foi igual à primeira e à terceira, até que, aos poucos, uma rotina se estabeleceu: começava tudo igual, isto é, a sra. Dubose perturbava Jem um pouco com seus temas preferidos: as camélias e a inclinação de nosso pai por pretos [...]  
 - Atticus, o que exatamente é um admirador de pretos? – perguntei.  
 Atticus ficou sério.  
 - Alguém chamou você disso?  
 - Não, a sra. Dubose disse que você é, Toda tarde ela repete isso. Francis me chamou disso no Natal passado, foi quando ouvi pela primeira vez.  
 - Foi por isso que brigou com ele? - perguntou Atticus.  
 - Foi, pai...  
 (LEE, 2018, p. 139).

No romance da escritora Harper Lee, a desconstrução do mecanismo discursivo acerca do estereótipo tem início com os questionamentos esboçados pelas crianças, como, por exemplo em outro trecho, onde Jem conversa com seu pai:

Nos nossos tribunais, quando se trata da palavra de um branco contra a de um negro, o branco sempre vence. É horrível, mas é a vida.  
 - Continua não sendo justo – disse Jem, irreduzível, batendo o punho no joelho. – não se pode condenar um homem com provas como aquelas... não mesmo.  
 - Você não poderia, mas eles puderam e condenaram. Quanto mais viver, mais coisas assim você vai ver. O tribunal é o único lugar onde todas as pessoas deveriam ser tratadas como iguais, não importa de qual cor do arco-íris elas sejam, mas as pessoas sempre acabam levando seus ressentimentos para o banco do júri. À medida que for

crescendo, vai ver brancos enganando negros todos os dias, mas vou lhe dizer uma coisa e quero que nunca esqueça: sempre que um branco faz esse tipo de coisa com um negro, não importa quem ele seja, quanto dinheiro tenha ou quão distinta seja a família da qual ele vem, esse homem branco não vale nada (LEE, 2018, p. 275).

A tentativa de desconstrução da imagem de controle também se dá através da fala do advogado Atticus no tribunal, ainda que atravessada por expressões racistas. Atticus, por entender minimamente a estratégia do estereótipo acusa o abuso de poder da branquitude instalada no tribunal:

As testemunhas de acusação, com exceção do xerife do condado, se apresentaram diante dos senhores e deste tribunal com a cínica segurança de que seus depoimentos não seriam postos em dúvida, certos de que os senhores aceitariam a tese deles, a diabólica tese de que todos os negros mentem, todos são, por princípio, imorais, que nenhum deles deve ser deixado perto de nossas mulheres, tese que podemos associar com mentes do calibre da deles. “Sabemos, senhores, que se trata de uma mentira tão negra quanto a pele de Tom Robinson, uma mentira que não preciso explicar aos senhores. Os senhores sabem a verdade: alguns negros mentem, alguns negros são imorais, alguns negros não merecem a confiança de ficar perto das mulheres, sejam elas brancas ou negras. Mas essa verdade se aplica à raça humana, sem distinção (LEE, 2020, p. 254).

Como já dito, no romance *Se a rua Beale falasse*, o personagem Fonny não tem direito a um julgamento diferentemente de Tom Robinson, entretanto, acompanhamos o desespero da família de Tish para tentar tirar o rapaz da cadeia. Uma dessas tentativas é realizada pela mãe de Tish que decide ir atrás da personagem Victoria Rogers, com o intuito de fazer com que ela retire a queixa de estupro ilegítima. A personagem Sharon viaja até Porto rico e depara-se com o local de moradia da personagem:

Hayward havia tentado avisar Sharon ao dizer que nunca seria capaz de descrever uma favela, e que duvidava muito que, após sua visita, ela quisesse tentar. Era uma visão amarga: acima, o céu azul e o sol brilhante; aqui, o mar azul; ali, o lixão. Foram necessários alguns segundos para entender que o lixão era a favela. Havia casas construídas sobre aquilo – moradias. Algumas em cima de estacas, como se buscassem escapar à sujeira. Algumas tinham tetos de metal corrugado. Algumas tinham janelas. Todas tinham crianças (BALDWIN, 2019, p. 162).

Na primeira investida de Sharon, Victoria finge ser outra pessoa para não abrir a porta de sua casa para a mãe de Tish, mas ela insiste e começa a falar do porquê estar ali:

Estou aqui pra tentar tirar um homem da prisão. Esse homem vai se casar com a minha filha. E não te estuprou.  
 Pegou a foto em que apareço com o Fonny.  
 Olha isso aqui.  
 A moça afastou o rosto, voltando-se de novo para a janela; sentou-se na cama por fazer, ainda olhando para fora da janela.  
 Sharon se aproximou dela.  
 Olha, por favor. A moça é minha filha. O homem ao lado dela é Alonzo Hunt. Foi esse o homem que te violentou?  
 A moça recusava-se a olhar para a foto ou para Sharon.  
 Foi esse o homem que te estuprou?  
 Uma coisa eu posso te dizer, minha senhora: você nunca foi estuprada. Olhou por um instante a fotografia e depois, também por um instante, para Sharon. Parece com ele. Mas não estava rindo.  
 (BALDWIN, 2019, p. 165).

Após uma crise de choro, Victoria expulsa Sharon e com seus gritos, é tirada de sua casa por uma vizinha que a consola. O fato do personagem Fonny ser negro é uma justificativa suficiente para Victoria dar continuidade à acusação e a circunstância da moça ser prostituta permite à Tish a esperança de desmonte do argumento da porto-riquenha. O diálogo que ela tem com seu companheiro ocorre nos seguintes termos:

Mamãe acha que Hayward pode desmontar o depoimento dela. Parece ser meio histérica. Além disso, também trabalha como puta, o que não ajuda o caso dela. E você era o sujeito mais preto que eles mostraram pra ela naquela manhã. Havia alguns brancos, um porto-riquenho e uns dois irmãos mais claros – mas você era o único negro (BALDWIN, 2019, p. 181).

A partir dos romances selecionados e suas narrativas, é possível alcançar a percepção da dialética entre categorias sociais (como raça, gênero, sexualidade e classe) e no caso específico de aniquilação dos homens negros no período escravocrata e depois dele, com os linchamentos e prisões fraudulentas, é possível conectar essas categorias e suas opressões também à categoria de nação.

Assim como explicado em *Interseccionalidade* por Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, sobre o termo “Sul global”, mas podendo ser aplicado a outros países, os Estados Unidos, nesse caso, são mais do que uma localização geográfica. É um local constituído por histórias de colonialismo, escravidão e imperialismo. Todos esses elementos, por sua vez, moldam as relações de poder no interior do Estado-nação (COLLINS; BILGE, 2021, p. 165). Além de estarem

na base da construção da narrativa nacional, é com a ajuda da ferramenta da interseccionalidade que podemos apreender o funcionamento de problemáticas como:

A interseccionalidade lança luz sobre vários aspectos desse processo, a saber, a indústria das punições, o policiamento diferenciado de minorias e comunidades pobres, o aprimoramento das técnicas de vigilância, a militarização da polícia, a detenção desumana de quem solicita asilo humanitário e a criminalização de seu resgate (COLLINS; BILGE, 2021, p. 172).

A justificativa utilizada de defesa da castidade das mulheres brancas do Sul encontra eco nos argumentos de Anne McClintock que vai argumentar sobre o fato de todos os nacionalismos possuírem a categoria de gênero. Além disso, esses nacionalismos são inventados e perigosos uma vez que representam relações com o poder político e com as tecnologias da violência (MCCLINTOCK, 2010, p. 517). Além das nações dependerem da construção do gênero, as nações chegaram a uma institucionalização singular da diferença de gênero (MCCLINTOCK, 2010, p. 518):

Assim, as nações não são simplesmente uma fantasmagoria das mentes, mas práticas históricas nas quais a diferença social é tanto inventada como representada. Como resultado, o nacionalismo se torna radicalmente constitutivo das identidades do povo através de contestações sociais, frequentemente violentas e sempre marcadas pelo gênero (MCCLINTOCK, 2010, p. 518).

Além disso, para a autora, as necessidades da nação são identificadas com as frustrações e aspirações masculinas e a representação do poder nacional masculino depende da construção da diferença de gênero (MCCLINTOCK, 2010, p. 518), portanto, o nacionalismo é constituído desde o início como um discurso de gênero e não pode ser compreendido sem uma teoria do poder de gênero (MCCLINTOCK, 2010, p. 522). Manifestando frequentemente uma iconografia e uma genealogia do espaço doméstico e familiar (MCCLINTOCK, 2010, p. 523), as narrativas nacionais são marcadas pela busca do progresso nacional baseado em hierarquizações de gênero e de raça.

Como se vê, a justificativa presente para a punição de homens negros está ancorada não somente na ideologia racista, mas também na defesa da

honra das mulheres brancas. Assim como ocorre com os personagens Tom Robinson e Fonny, casos marcados com interseções de categorias como raça, gênero, sexualidade, classe e nação “nos lembram que a opressão não é redutível a um tipo fundamental, e que as formas de opressão agem conjuntamente na produção da injustiça”, como argumentado por Patricia Hill Collins (COLLINS, 2019, p. 57).

Na contramão das muitas representações do negro na Literatura estadunidense, os escritores selecionados para essa tese tensionam a naturalização da sociedade frente aos estereótipos racistas. Em diálogo próximo com o sistema jurídico, os autores fornecem um amplo pensamento crítico além de possíveis estratégias que possibilitem mudanças nas engrenagens do sistema carcerário.

Na obra selecionada de James Baldwin, iremos nos deparar também com outro personagem interessante e que proporciona um importante e atual debate. Há um amigo de Fonny, chamado Daniel, e ele é preso por porte de maconha:

E eu tinha acabado de pegar a maconha, estava no bolso detrás da calça. E aí eles encontraram, cara, eles adoram apalpar sua bunda, um passou pro outro, um deles me botou as algemas e me jogou dentro do carro. E eu não sabia que ia chegar nesse ponto, talvez estivesse um pouco alto, talvez não tenha tido tempo de pensar, mas, cara, quando aquele sujeito pôs as algemas em mim, me fez descer os degraus aos empurrões, me enfiou no carro e aquele carro começou a andar, eu quis gritar pela minha mãe. E aí comecei a ficar assustado porque ela praticamente não consegue fazer nada sozinha, e ia começar a se preocupar comigo, e ninguém ia saber onde eu estava! Me levaram pra delegacia, fui acusado de portar entorpecentes, tiraram tudo dos meus bolsos e eu comecei a perguntar se podia dar um telefonema, mas entendi que não tinha ninguém pra chamar a não ser minha mãe, e quem ela ia chamar naquela hora da noite? (BALDWIN, 2019, p. 109).

Há, no romance, a urgência em pensarmos na justiça criminal estadunidense e em como esse sistema perpetua hierarquias baseadas na raça. Seja através do personagem Fonny ou do personagem Daniel, encarcerados devido à cor da pele. Nesse sentido, de acordo com a argumentação de Michelle Alexander (2018), é possível compreender a edificação de fenômenos sociais (escravidão, Jim Crow e encarceramento em massa) como sistemas que operam para a manutenção da condição de subordinação de pessoas definidas estritamente pela raça.

Em sua obra, *A nova segregação*, Michelle Alexander (2018) vai exibir um panorama de sistemas de leis e dinâmicas de segregações entre as populações negra e branca, dentre essas, as leis Jim Crow que eram constituídas por uma série de leis segregacionistas, atuantes até o ano de 1965. Subsequente às leis Jim Crow, tem início outro fenômeno nos Estados Unidos denominado “guerra às drogas”, representando assim, o cerne da obra da autora em questão.

Somado a isso, podemos pensar com Loïc Wacquant outra estratégia de segregação. Em *Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada*, discute os problemas dos guetos e da marginalização nos Estados Unidos, onde aqueles vistos como “perigosos” têm lugares pré-definidos. O autor vai discutir a formação e as mudanças dos guetos nos Estados Unidos, especificamente na cidade de Chicago, revelando a trajetória da comunidade negra em decorrência dos processos urbanos. Esses lugares com exclusão econômica que viram a violência explodir ao longo das décadas também vai ser uma questão importante para James Baldwin, que por sua vez, expôs esses processos de degradação de espaços e de desumanização de pessoas.

No romance, vimos como o encarceramento injusto afeta todas as famílias e num grau maior, toda a comunidade negra, inclusive, Baldwin opta por não descrever muito sobre a cadeia em si, focando mais nos desdobramentos para a família e nas tentativas de libertação do personagem. Encarcerar pessoas negras representa a desmoralização de comunidades inteiras que, desde a abolição, foram segregadas, excluídas economicamente e colocados à margem da nação nos guetos. Esses sistemas de segregação advindos das leis Jim Crow continuam restringindo a circulação dos indivíduos negros e mantendo seus corpos sob frequente vigilância.

James Baldwin consegue expressar em sua obra, sensações precisas dessa frequente vigilância, todos os olhares intimidadores dos brancos, até às consequentes agressões e expulsões de lugares “proibidos” para negros:

A mesma paixão que salvou o Fonny fez com que ele se encrenasse e fosse para a cadeia. Porque, veja bem, ele havia descoberto seu centro, dentro dele: e isso era visível. Ele não o preto de ninguém. E isso é um crime na porra deste país livre. Supõe-se que você seja o preto de alguém. E se você não for o preto de alguém, então você é um preto mau: e foi isso que os policiais decidiram quando o Fonny de mudou para downtown (BALDWIN, 2019, p. 45).

O encarceramento de jovens negros e pobres perpassa a obra de James Baldwin com vários personagens vivenciando os horrores das prisões. O ponto é bastante sensível para o escritor não somente por suas análises aguçadas, mas também por sua própria prisão. Em 1949, o escritor fora preso por causa de um lençol de hotel, que ele não sabia eu havia sido roubado. James Baldwin conta a experiência da prisão no ensaio “Igualdade em Paris” no livro “Notas de um filho nativo”.

Mais uma vez, Loïc Wacquant (2012), nos ajuda a compreender o movimento de expansão do chamado “Estado penal” nos Estados Unidos, que migrou para outros países, numa união brutal com o neoliberalismo. Nos ajuda a pensar nas nações onde há um endurecimento das forças policiais, jurídicas e penitenciárias, desenvolvidas através da criminalização da pobreza e onde o sistema penitenciário possui uma centralidade como instrumento de políticas desumanizadoras. O autor fornece uma elucidação da ascensão do “Estado penal” nos Estados Unidos, na mudança da década de 1970 para os anos 1980, unido à retração do “Estado social”, apontando que este movimento está fortemente relacionado ao avanço e brutalização do neoliberalismo. James Baldwin se mostra profundamente envolvido e preocupado por essa questão, não à toa, os Estados Unidos ainda possuem a maior população carcerária do mundo, contexto explicado por toda essa trajetória de aniquilamento do povo negro. As narrativas nefastas que foram absorvidas pelas práticas institucionais dos estados estadunidenses, a exemplo do “mito” do homem negro estuprador/criminoso, auxiliou a branquitude em relação ao excedente populacional decorrente da abolição da escravatura.

Após os congressistas indicarem o fim do conflito da Guerra de Secessão, ao conquistarem o predomínio do Norte, em relação aos interesses dos confederados escravocratas, promulgou-se a 13ª emenda à Constituição dos Estados Unidos. Nessa emenda, a escravidão foi formalmente abolida, entretanto, essa mesma cláusula que decretou o fim da escravidão, abriu exceções de desimpedimento às pessoas recolhidas pelo sistema de justiça criminal “como castigo por um crime praticado”, por exemplo. Dessa forma, a 13ª emenda tornou-se em um mecanismo chancelador de práticas judiciais arbitrárias, como descrito por Angela Davis:

Depois da abolição, os estados antes escravagistas aprovaram uma nova legislação que revisava os Códigos Escravagistas a fim de regular o comportamento de negros livres de formas similares àquelas que vigoravam durante a escravidão. Os novos Códigos Negros proibiam uma série de ações – como vadiagem, ausência no emprego, quebra de contrato de trabalho, porte de arma de fogo e gestos ou atos ofensivos – que eram criminalizadas apenas quando a pessoa acusada era negra. Com a aprovação da Décima Terceira Emenda à Constituição, a escravidão e a servidão involuntária foram presumidamente abolidas. No entanto, havia uma exceção significativa. Na redação da Emenda, a escravidão e a servidão involuntária foram abolidas “exceto como punição por crime, pelo qual a parte deve ter sido justamente condenada”. De acordo com os Códigos Negros, havia crimes definidos pela lei estadual pelos quais apenas pessoas negras podiam ser “justamente sentenciadas” (DAVIS, 2018, p. 30).

Desde então, a sociedade vai atualizando estereótipos que são absorvidos pelas instituições estatais e se retroalimentam através de narrativas separatistas, xenofóbicas, racistas reproduzidas através de mecanismos punitivos. Embora o hábito de consumo de psicoativos não seja exclusivo das classes mais baixas, a propaganda oficial nos Estados Unidos associava o uso de drogas às chamadas minorias, dentre essas, negros, mexicanos, chineses, por exemplo (BOITEUX, 2006).

Entre os anos de 1901 e 1902, foram manifestadas as primeiras relações entre indivíduos negros e o consumo de cocaína, inclusive, uma campanha sugeria que homens negros usavam cocaína antes de estuprar mulheres brancas (COURTWRIGHT, 2002, p.153), o que explica o “medo” da droga e sua criminalização. Faz-se necessário, mais uma vez, destacar a importância da literatura como instrumento de contra-narrativa, a exemplo dos romances de James Baldwin e da Harper Lee. A reivindicação da contra-narrativa aparece lá atrás também, nos escritos de Du Bois, em 1903.

A reivindicação da experiência negra da estética e da corporeidade como campos políticos, assim como da linguística, aparece em *As almas do povo negro*, onde Du Bois (2021) nos ajuda a refletir sobre a experiência dupla de ser negro, de habitar um corpo definido pelo discurso colonial e que foi sendo renovado como “problema social” ao longo de séculos. O autor sugere que o “véu” da divisão entre as raças seja rompido uma vez que esse véu só permite brancos e negros enxergarem realidades parciais. Uma vez superado, se faz possível a retomada da consciência e da conseqüente libertação do povo negro.

## 8 IMPROVISAÇÕES MUSICAIS E VITAIS EM JAMES BALDWIN

A música ocupa um lugar especial e revolucionário nos escritos de James Baldwin. Com a leitura atenta, verificamos personagens que são músicos em romances como *Terra estranha* e em contos como *Sonny's blues*, bem como, vemos referências diretas de artistas de jazz e blues, como é possível perceber na leitura de *Se a rua Beale falasse*. A obra, entre ensaios, romances e poemas, é repleta de canções, como os *spirituals*, um deles, inclusive, dá nome a um de seus romances, o *Go tell it on the mountain*.

Para além das definições que podemos invocar ao falarmos de música, já é conhecido o debate que informa sobre o importante papel da música negra para a resistência dos escravizados e seus descendentes na Diáspora negra. A partir das referências musicais que são a trilha sonora para a leitura de *Se a rua Beale falasse*, iremos discutir esse ponto. Ao longo do romance selecionado para essa pesquisa, James Baldwin nos embala com as canções de Marvin Gaye, Billie Holiday, Aretha Franklin e Ray Charles, por exemplo. Em um dos trechos, James Baldwin cita uma música gospel:

Daniel ficou conosco até meia-noite. Ele estava um pouco receoso de ir embora, na verdade com medo de andar naquelas ruas, e o Fonny percebeu isso e resolveu acompanhá-lo até o metrô. O Daniel não pode abandonar a mãe, mas deseja ardentemente confrontar a vida, embora ao mesmo tempo se sinta muito assustado com o que ela possa trazer, assustado com a liberdade: luta preso numa armadilha. E o Fonny, que é mais novo, agora luta para ser mais velho, para ajudar o amigo a se libertar. *Didn't my Lord deliver Daniel? And why not every man?* A canção é velha, a pergunta permanece sem resposta (BALDWIN, 2019, p.108).

No trecho destacado acima, James Baldwin questiona o porquê da liberdade não ser para todos os homens, uma vez que os versos “*Didn't my Lord deliver Daniel? And why not every man?*” perguntam respectivamente “Meu Senhor não libertou Daniel? E por que não todo homem?”, em consonância com os momentos de terror que o personagem vivenciou no período em que esteve preso. Além do questionamento em relação aos ensinamentos bíblicos em igrejas protestantes, tensão que perpassa a obra do escritor devido às tensões com seu padrasto que era pastor, James Baldwin procura entender as diferenças de tratamento dadas aos homens estadunidenses. As aproximações entre a

ficção e sua vida são uma estratégia fundamental para a construção das suas narrativas e dos seus personagens.

De acordo com Hobsbawn (1989), os primeiros *spirituals* surgem em um período anterior ao ano de 1800 e podem ser definidos como uma forma europeizada de música negra norte-americana, no entanto, os *spirituals* e as canções gospel proporcionaram uma rica fonte para o jazz estadunidense. Esse, por sua vez, formou-se na linguagem da música popular e também como um tipo de música sofisticada que almejou competir com a música de arte estabelecida no Ocidente. Como gênero musical reconhecível, irrompe em meados de 1900 no Delta do Mississippi. Em relação a sua origem africana, não há discussão, sabe-se que a maioria das pessoas escravizadas levadas para o sul dos Estados Unidos vinha da África ocidental: “Pois o jazz deve ao menos isso a suas origens e ligações com os negros, o fato de não ser apenas música de pessoas comuns, mas música de pessoas comuns em seu nível mais concentrado e emocionalmente mais poderoso” (HOBBSAWN, 1989, p. 339).

Para alguns pesquisadores, o blues surge a partir das músicas religiosas e dos *spirituals*. No início do século XIX, os escravizados passaram por um processo de evangelização e o canto de cunho religioso se converte em uma expressão cultural poderosa, que mesclava hinos batistas e metodistas com origens africanas. Para Irving Sablosky, a música da África Ocidental e os hinos anglo-saxônicos formaram o “negro spiritual”. Após a abolição do tráfico de escravizados, a influência musical da África Ocidental encolheu, porém, as letras foram sofrendo alterações, com duplo sentido. Temas como salvação, acesso ao paraíso e sobre a terra prometida indicavam a necessidade de liberdade e melhores condições de vida nos Estados Unidos (SABLOSKY, 1994).

Antes mesmo do início do romance, na epígrafe, lemos uma frase que faz parte da letra de uma música cantada em igrejas negras estadunidenses: “Mary, Mary, what you going to name that pretty little baby?” (Mary, como você vai chamar aquele bebezinho lindo?). O bebê, que nasce no fim da obra, ainda não tem nome, mas representa o início de uma nova vida, com a libertação de Fonny através de uma fiança. Representa, além disso, a redenção trazida pela figura de Jesus Cristo como expressa no trecho:

Abri a boca para falar... sei lá o quê. Quando abri a boca, não consegui retomar o fôlego. Tudo desapareceu, exceto os olhos de mamãe. Uma incrível compreensão relampejou entre nós. Então eu só podia ver o Fonny. E depois gritei, minha hora tinha chegado. O Fonny está trabalhando numa madeira, numa pedra, assobiando, sorrindo. E, de muito longe, mas chegando mais perto, o bebê chora e chora como se quisesse acordar os mortos (BALDWIN, 2019, p.196).

A repetição do ato de chorar, numa referência às conhecidas lamentações no *blues*, faz referência também aos estudos bíblicos e aos cultos na igreja quando Baldwin era um jovem pastor. Há também a referência ao personagem pai de Fonny que se suicida, outro tema que perpassa sua obra devido às tendências suicidas do próprio James Baldwin. O *blues*, é tanto um estado de espírito quanto um sentimento, vai afirmar Hobsbawn, e não necessariamente fala sempre de tristeza, mas na maioria das vezes, sim (1989, p. 126).

A fonte que vai fazer jorrar todas essas expressões musicais, é para Paul Gilroy, as *plantations*, que para além de toda a desumanização exposta, fornece novos elementos de resistência: “*Poiésis* e poética começam a coexistir em formas inéditas – literatura autobiográfica, maneiras criativas especiais e exclusivas de manipular a linguagem falada e, acima de tudo, a música”. A expressão artística torna-se, portanto, o meio para a automodelagem individual e para a libertação da comunidade (2012, p. 100).

Toni Morrison em uma entrevista ao Paul Gilroy vai falar:

Não tenho os recursos de um músico, mas eu achava que se fosse realmente literatura negra ela não seria negra porque eu era, nem mesmo seria negra por causa de seu tema. Ela seria algo instrínseco, inato, algo na maneira como era organizada – as sentenças, a estrutura, a textura e o tom – de sorte que ninguém que a lesse perceberia. Utilizo a analogia da música porque você pode viajar pelo mundo inteiro e ela ainda é negra... Eu não a imito, mas sou informada por ela. Às vezes eu escuto blues, outras vezes *spirituals* ou jazz e me aproprio dela. Tenho tentado reconstruir sua textura em meu texto – certos tipos de repetição – sua profunda simplicidade... O que já aconteceu com a música nos Estados Unidos, a literatura fará um dia, e quando isso acontecer estará tudo terminado (MORRISON, 1993, pp. 175-82 *apud* GILROY, 2012, 167).

O espaço de auto-expressão através das musicalidades é corroborado por James Baldwin quando ele fala em seu ensaio “Muitos milhares de mortos” que é só através da música que o negro dos Estados Unidos pode contar sua história: “É uma história que ainda não foi contada de nenhuma outra forma e

que nenhum americano está preparado para ouvir. Como resultado inevitável de coisas que não são ditas, até hoje nos vemos oprimidos por um silêncio perigoso e reverberante...” (BALDWIN, 2020, p. 50). James Baldwin e Toni Morrison compreenderam isso e trouxeram, cada um à sua maneira, referências diretas e indiretas do jazz e do blues, almejando assim, o falar de coisas não ditas na sociedade estadunidense.

A combinação de elementos africanos e europeus estava se ampliando em muitos lugares da América do Norte, entretanto, foi em New Orleans que o jazz se consolidou como fenômeno de massa. Como já demonstrado por Hobsbawn (1989), o jazz é uma música de protesto, mais especificamente, um canal propício para o protesto. Suas raízes cresceram em meio aos pobres trabalhadores pré-industriais sem qualificação que cantavam sobre a pobreza e a opressão. É importante destacar que o jazz não é necessariamente uma música declaradamente política, embora comumente vinculada à esquerda, especificamente no que se refere à luta contra a opressão racial. Além disso, o jazz permitiu aos músicos a possibilidade de criação da própria música e não apenas a reprodução (HOBSBAWN, 1989).

É possível perceber a presença de elementos do jazz na estrutura do romance *Jazz* da escritora Toni Morrison. Um deles é o improviso que se destaca na forma como os personagens vão improvisando suas vidas a partir das mudanças próprias dos movimentos migratórios nos Estados Unidos. Nesse caso, o casal protagonista do romance foge de trem para o norte urbanizado do país, acompanhados de ex-escravizados após a Guerra de secessão, na década de 1920.

Escritores como James Baldwin e Toni Morrison, que se utilizam do jazz como fio condutor de suas narrativas, manejam não somente os improvisos dos afetos dos personagens mas conclamam a união da comunidade afro-americana para o sentir e o curar das dores de séculos de violência. A relação íntima com a música, que vai expor essa interessante simbiose é expressa, mais uma vez, por Baldwin, numa atestação da força do elo que a música estabelece entre períodos e concepções do tempo distintos:

A música é nossa testemunha e nossa aliada. A batida é a confissão que reconhece, muda e conquista o tempo. Logo, a história se torna um traje que podemos vestir e compartilhar e não um manto no qual

nos esconder; e o tempo se torna um amigo (BALDWIN, 1984, p.12 *apud* GILROY, 2012, 378).

A música negra testemunha inclusive a negação da alfabetização para os escravizados, sob pena de morte, se apresentando assim, como um recurso vital em um dado momento no qual a indeterminação/polifonia linguística e semântica são parte integrante da relação entre senhores e pessoas em situação de escravidão (GILROY, 2012, p. 160). Sobre a vinculação entre o caráter oral da música diaspórica e o corpo, Gilroy, a partir de Glissant vai afirmar:

Não é nada novo declarar que para nós a música, o gesto e a dança são formas de comunicação, com a mesma importância que o dom do discurso. Foi assim que inicialmente conseguimos emergir da *plantation*: a forma estética em nossas culturas deve ser moldada a partir dessas estruturas orais (GLISSANT, 1989, p. 248 *apud* GILROY, 2012, p. 162).

Na contemporaneidade, é possível pensar em muitos exemplos de performance de artistas negros. Paul Gilroy vai utilizar o exemplo de Jimi Hendrix para explorar a imagem propagada do guitarrista como sexual e perigoso (2012, p. 193). O que nos remete, mais uma vez, aos possíveis estereótipos associados à comunidade negra e, aqui, especificamente, aos homens negros, ainda que inseridos em um contexto de visibilidade devido à fama no meio musical.

Para além das questões relacionadas às origens dessas manifestações musicais, há um ponto que interessa para essa discussão e que é debatido pela pesquisadora Ingrid Monson. Em seu livro *Freedom sounds: civil rights call out to jazz and Africa*, a autora argumenta sobre o importante papel do jazz no Movimento pelos Direitos civis e como o Movimento (associado ao contexto da Guerra fria e aos contextos de independência de países africanos) afetou o próprio jazz e a trajetória de seus músicos. Ela vai afirmar: “Aqui, a atitude desafiadora dos músicos combinada com a inovação formal que destruíram normas estéticas tem sido vistas como o coração e a alma da relação entre música e política” (MONSON, 2007, p. 57).

Além do contexto em nível global, a autora chama a atenção para a influência da segregação do Jim Crow para a formação do surgimento e da prática do jazz em seus anos canônicos, até meados nos anos 1960 (MONSON, 2007, p. 5):

Isto não é para sugerir que o Jim Crow originou o jazz, mas reconhecer que, em todo o estabelecimento e florescimento do gênero, práticas discriminatórias na indústria musical e a sociedade moldaram indelevelmente a vida quotidiana dos músicos e do seu público. A segregação também concentrou uma grande quantidade de talentos musicais afro-americanos nos gêneros “racialmente esperados” de jazz, blues e gospel uma vez que as oportunidades em outros gêneros, como a música clássica, eram limitadas (MONSON, 2007, p. 7).

Os grandes exemplos musicais do período, James Baldwin conhecia bem e parece concordar com Ingrid Monson quando ela afirma que “...o mundo do jazz era mais avançado em questões raciais do que a sociedade americana num geral...” (MONSON, p. 64, 2007). É através de sua narrativa e da resistência advinda do jazz que Baldwin nos leva a outro lugar, um espaço de reescrita da história recente dos Estados Unidos, através, sobretudo, das palavras de protesto. Por outro lado, há um conhecido *blues* que vai se aproximar do romance da Harper Lee.

A canção “Strange Fruit” ou “estranho fruto”, baseada no poema de Abel Meeropol, é eternizada na voz de Billie Holiday:

Southern trees bear strange fruit / Blood on the leaves / Blood at the root / Black bodies swinging in the southern breeze / Strange fruit hanging from the poplar trees / Pastoral scene of the gallant South / The bulging eyes and the twisted mouth / The scent of magnolia sweet and fresh / Then the sudden smell of burning flesh / Here is a fruit for the crows to pluck / For the rain to gather / For the wind to suck / For the sun to rot / For the tree to drop / Here is a strange and bitter crop (HOLIDAY, 1939)<sup>16</sup>

A música, que retrata os horrores dos linchamentos, se transformou em uma grande propaganda musical da NAACP (National Association for the Advancement of Colored People), organização mais influente no apoio legal de afro-americanos no país naquele período e que tinha como um dos fundadores W. E. B. Du Bois. As campanhas da Associação almejavam a criação de leis anti-linchamento no país. Angela Davis em sua obra vai afirmar:

---

<sup>16</sup> “Árvores do Sul produzem uma fruta estranha / Sangue nas folhas e sangue nas raízes / Corpos negros balançando na brisa do Sul / Frutas estranhas penduradas nos álamos / Cena pastoril do valente Sul / Os olhos inchados e a boca torcida / Perfume de magnólias, doce e fresca / Então o repentino cheiro de carne queimando / Aqui está a fruta para os corvos arrancarem / Para a chuva recolher, para o vento sugar / Para o sol apodrecer, para as árvores derrubarem / Aqui está a estranha e amarga colheita” (HOLIDAY, 1939).

No entanto, sua apresentação dessa música fez muito mais. Quase sozinha, mudou a política da cultura popular americana e colocou os elementos de protesto e resistência negra no centro da cultura musical negra contemporânea. O impacto sentido da performance de Holiday de "Strange Fruit" é tão poderoso hoje quanto era na década de 1940. Ao colocar essa canção no centro de seu repertório, Holiday estabeleceu firmemente o lugar de protesto na tradição musical popular negra (DAVIS, 1999, p. 184).

Toda essa exaltação da negritude, enquanto resistência, está presente na obra de James Baldwin. O autor evidencia a musicalidade como engajamento político-social, numa grande articulação com grandes artistas negros do século XX. Embora tenha escrito em seu ensaio intitulado "Uses of the blues" de 1964 que "não sabia nada sobre música", notamos facilmente que sua obra é repleta de referências do que há de melhor na música negra nos Estados Unidos. Podemos perceber que a sobrevivência dos personagens está relacionada à resistência presente na musicalidade negra, edificada na Diáspora negra e que funcionava, sobretudo, como suporte às diferentes formas de opressão perpetradas pelos projetos coloniais.

James Baldwin se convenceu muito cedo que sua missão de vida era levar clareza e conforto para as pessoas, salvá-las através das palavras. Quando jovem foi levado a acreditar que essa missão seria nas igrejas, mas encontrou sua melhor performance na literatura. Sua brilhante capacidade analítica comprova ser uma importante ferramenta de luta contra o racismo em qualquer lugar das Américas da Diáspora negra.

James Baldwin passou boa parte da vida afastado de seu país, tendo morado um longo período em Paris, mas sua escrita, por outro lado, não se distanciou das questões estadunidenses. Ele retorna na década de 1960 para juntar-se à luta pelos Direitos civis, ao lado de nomes como Martin Luther King Jr. e Malcolm X. É após a morte desses líderes negros e perseguição contra os integrantes dos Panteras negras, que James Baldwin volta para a França e decide lançar o romance *Se a rua Beale falasse*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese se apresenta assim, como uma contribuição singela às discussões próprias da cultura afro-diaspórica, unindo-se às outras três teses sobre James Baldwin e sendo a primeira que discorre sobre a Harper Lee no acervo de teses e dissertações da CAPES. Busquei, sobretudo, trazer à tona um estímulo para o pensamento crítico a respeito dos imaginários e estereótipos que recaem sobre a população negra, num claro contraponto às manifestações artísticas que de alguma forma ou de outra, corroboraram com certos estereótipos negativos.

Com a leitura dos romances aqui expostos, somos levados ao conhecimento das lutas antirracistas travadas pela comunidade negra e passamos a compreender um pouco mais das razões estruturais que mantêm o racismo tão fortemente ativo. As obras servem, ainda, para conhecermos o brilhantismo, a força da palavra, a coragem da crítica aguçada, a sensibilidade e a doçura através dos personagens criados por James Baldwin, nos lembrando da imaginação de um povo que, mesmo na dor do seu passado e presente opressores, produz um conhecimento que liberta. Através de Harper Lee, podemos concordar com o apoio dos brancos rumo a uma sociedade mais justa e humanizada.

Conicionados a uma posição inferior, o povo negro e afrodescendente tiveram sua história e cultura ofuscadas por muito tempo. No campo da literatura não foi diferente. Verifica-se uma escassa representação nos romances considerados canônicos e quando ocorre é marcada por imagens de controle (como diria Patricia Hill Collins), fruto dessa invisibilização da literatura de autoria negra. Nesse sentido, espero que essa tese fomente outras análises da obra de James Baldwin, com o objetivo de lidarmos com o epistemicídio cultural que tem se mantido e que insistiu na consolidação perigosa de uma “história única”, para citar as palavras de Chimamanda Adichie.

Em contraste, artistas e intelectuais negras e negros encontram nas vivências diaspóricas nas Américas e no Caribe um espaço fértil, tenso e diversificado de realização de produções artísticas e epistêmicas que afrontam as colonialidades do saber, poder e do ser (QUIJANO, 2000), propondo, assim, rupturas com os cânones postos e as narrativas oficiais. Além disso, atuam nas

disputas de discursos de memória e identidade das nações ao evidenciar os protagonismos das pessoas negras, assim como o Baldwin faz com a personagem Tish e que gostaríamos de ver mais em Harper Lee. Ainda que a narrativa se desenvolva ao redor do estereótipo, são os personagens brancos que dominam a história de *O sol é para todos*, restando pouco espaço para os personagens negros e seus protagonismos.

O discurso oficial, que acaba por alimentar os imaginários populares, pode ser explicado no conceito de nação utilizado por Stuart Hall:

A nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade’ (HALL, 2006, p. 49).

Através desse fragmento, podemos afirmar que os negros foram impedidos de compartilhar com essa tal lealdade e identidade, uma vez que o sistema de representação cultural é constituído por referenciais majoritariamente da branquitude. Ou seja, as representações simbólicas e estéticas, as crenças, os valores, enfim, tudo que a eles esteja relacionado, não serão compatíveis com a definição hegemônica de nação. A literatura, por sua vez, apresenta esse espaço de denúncia para o sentimento de não-pertencimento e incompatibilidade social.

Percebemos, sobretudo em James Baldwin, uma busca por apresentar não somente a história de uma comunidade, em termos coletivos, mas também as particularidades, individualidades e diferenças internas aos grupos, que por sua vez, são compostos de sujeitos heterogêneos, em termos raciais, sexuais e sociais. Com a vontade de se perceber como sujeito histórico, o sujeito contemporâneo se vê compelido a narrar sua história de trauma. Na narração de experiências traumáticas, originadas em contextos de violência, a literatura é capaz de oferecer uma importante colaboração para a memória do país. Narrar o trauma parece ser uma forma de inserção do indivíduo na historicidade, do nível particular ao coletivo. De toda forma, ao elaborar a experiência traumática, os traumatizados adquirem uma certa identidade, mas uma das identidades. Como vimos em Baldwin, os personagens narram suas histórias de resistência

também e que segundo Paul Gilroy (2012) estão inseridos em uma comunidade única a que denomina de Atlântico negro. Para além de suas diferenças linguísticas, históricas e socioeconômicas: “as culturas dissidentes do Atlântico negro têm desenvolvido e modificado este mundo fragmentado, contribuindo amplamente para a saúde de nosso planeta e para suas aspirações democráticas”.

A combinação e imposição das diversas matrizes de pensamento e de linguagem é uma exigência para que possamos humanizar o pensamento e os atos individuais. As artes, no geral, são fundamentais para estabelecermos um novo pacto civilizatório. A literatura, nesse sentido, exerce esse trabalho de tornar menos “impermeável” o discurso oficial das várias escravidões e segregações do povo negro, tornando-se uma estratégia de reconstrução da memória coletiva e da solidariedade humana. Além disso:

Contar as nossas histórias é o que possibilita a autorrecuperação política. Na sociedade contemporânea, pessoas brancas e negras acreditam, de forma semelhante, que o racismo não existe mais. Esse apagamento, embora mítico, dispersa a representação da branquitude na imaginação negra como aterrorizante. Isso possibilita a assimilação e o esquecimento (HOOKS, 2019, p. 312).

Mas cabe a nós, enquanto acadêmicos e educadores, fazermos uso dessas outras narrativas e colocarmos os protagonismos desses indivíduos em evidência, cada vez mais, fortalecendo a produção desse conhecimento. Ainda em total acordo com bell hooks, o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, como afirmado pela autora em *Intelectuais negras* (1995) e para isso precisamos pôr fim ao racismo epistêmico como levantado por (GROSFOGUEL, 2016).

Para isso, essa tese se desenhou de forma interdisciplinar. O tópico sócio-histórico foi inserido para que tivéssemos uma leitura mais detalhada da conjuntura que se apresenta nos romances selecionados. Há um trecho de James Baldwin que acredito ser fundamental aqui, quando ele afirma em *Notas de um filho nativo* que:

No atual contexto do problema do negro, tanto os brancos quanto os negros têm excelentes razões para não querer de modo algum olhar para trás; mas, no meu entender, apenas o passado pode tornar o

presente coerente; ademais, o passado só deixará de ser horrível no dia em que resolvermos examiná-lo de modo honesto (BALDWIN, 2020, p. 32).

Além do retorno ao passado, quis estabelecer um elo entre os escritores e a ferramenta analítica da interseccionalidade, uma vez que eles nos demonstram como categorias sociais distintas são utilizadas ao longo dos séculos para produzir diferentes opressões. A partir dessa estratégia discursiva vão suspendendo as referências de delimitação da realidade e da ficção, informando os leitores através de uma análise crítica frente a um fenômeno social típico dos Estados Unidos, sem deixar de tornar possíveis interlocuções com outras áreas do conhecimento e com outros países.

Dito isto, espero que esta tese possa despertar o interesse de novos leitores, pesquisadores, tradutores, artistas e ativistas pela literatura de James Baldwin. Sua obra é uma grande aliada da solidariedade entre brancos e negros pois constrói um horizonte possível, formado por senso crítico e sensibilidades analíticas. Além disso, se apresenta com a vontade de derrubada das colonialidades impregnadas nos corpos, com o estímulo necessário para o desmoronamento das barreiras culturais, raciais, linguísticas e literárias. O legado da obra de James Baldwin é relevante ainda nesses tempos atuais, onde assistimos e vemos ameaças a governos democráticos em todo o mundo e à indiferença das pessoas para com a humanidade dos mais vulneráveis.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. 2019.

ALEXANDER, Michelle. **A nova segregação: racismo e encarceramento em massa**. Tradução de Pedro Davoglio. São Paulo: Boitempo. 2017.

BALDWIN, James. **Notas de um filho nativo**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

\_\_\_\_\_. **Se a rua Beale falasse**. Tradução de Jorio Dauster. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.

\_\_\_\_\_. **E pelas praças não terá nome**. Tradução de Crayton Sarzy. São Paulo: editora brasiliense, 1972.

\_\_\_\_\_. The uses of the Blues. In: KENAN, Randall (ed.). **The Cross of Redemption: Uncollected Writings**. New York: Pantheon, [1964] 2010, p. 57-66.

\_\_\_\_\_. **Ninguém sabe meu nome**. New York: Vintage. 1963.

BOITEUX, Luciana. **O controle penal sobre as drogas ilícitas: o impacto do proibicionismo sobre o sistema penal e a sociedade**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CALDEIRA, Isabel. **A construção social e simbólica do racismo nos Estados Unidos**. Revista crítica de ciências sociais, n. 39, maio, 1994.

COLLINS, P. H. **Política sexual negra: afro-americanos, gênero e o novo racismo**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2022.

\_\_\_\_\_. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo. 2021.

COMMAGER, Henry; NEVINS, Allan. **Breve história dos Estados Unidos**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1986.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**: literatura e senso comum. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CONNELL, R. W. **Políticas da Masculinidade**. Educação e Realidade, Porto Alegre, p. 185-206, jul/dez. 1995.

COURTWRIGHT, David. T. **Forces of Habit**: drugs and the making of the modern world, Harvard University Press, Cambridge, 2002.

DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Tradução de Marina Vargas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Difel, 2018.

\_\_\_\_\_. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

\_\_\_\_\_. **Blues, Legacies and Black Feminism**: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday. New York: Ed. RandomHouse, 1999.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. Tradução de Alexandre Boide. Ilustração de Luciano Feijão. Prefácio de Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Veneta, 2021.

EYERMAN, R. Cultural Trauma: Slavery and the Formation of African American Identity. In: ALEXANDER, J.; EYERMAN, R.; GIESEN, B.; SMELSER, N.; SZTOMPKA, P (Org.). **Cultural Trauma and Collective Identity**. Berkeley: University Of California Press, 2004. p. 60-111.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Movimentos sociais** urbanos, minorias étnicas e outros estudos. Brasília: ANPOCS, p. 223-244, 1984.

GROSGOUEL, Ramón. (2016). **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas**: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade E Estado*, 31(1), 25–49. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6078>.

GÜMIL, Eva. Hattie McDaniel: a cruel história de uma atriz que ganhou um Oscar e desafiou a sociedade. **El país**, Madrid, 15, dezembro, 2019. Cultura. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/13/cultura/1576235728\\_595044.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/12/13/cultura/1576235728_595044.html). Acesso em: 18 nov. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBBSAWN, Eric J. **História social do jazz**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

HOLIDAY, Billie. **Strange fruit: Fine and mellow**, 1939. Disponível em: [www.billieholiday.com](http://www.billieholiday.com). Acesso em: 18 nov. 2024.

HOOKS, Bell. **A gente é da hora: homens negros e masculinidade**. Trad. Vinícius da Silva. São Paulo: Elefante, 2022.

\_\_\_\_\_. **E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo**. Trad. Bhuvi Libanio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2020.

\_\_\_\_\_. **Olhares negros: raça e representação**. Trad. Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

\_\_\_\_\_. **An Aesthetic of Blackness: Strange and Oppositional** In: Lenox Avenue: A **Journal of Inter-arts Inquiry**, vol. 1, pp. 65-72, 1995.

\_\_\_\_\_. **Intelectuais Negras**. Revista de Estudos Feministas, vol. 3, nº2, Florianópolis, UFSC, 1995, pp.464-478.

HUSSEIN, Vitória. **Racismo nas animações estadunidenses e as leis de segregação racial (1932-1941)**. 2022. Monografia (Licenciatura em História) – Curso de História - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2022.

IZECKSOHN, Vitor. **Estados Unidos: uma História**. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

JARDIM, Suzane. Reconhecendo estereótipos racistas na mídia norte-americana. **Medium**, 2016. Disponível em: <https://medium.com/@suzanejardim/alguns-estere%C3%B3tipos-racistas-internacionais-c7c7bfe3dbf6>. Acesso em: 18 nov. 2024.

LEE, Harper. **O sol é para todos**. Tradução de Beatriz Horta. 26ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2018.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos: justiça popular no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2019.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Tradução de Renata Santini. 3ª ed. São Paulo: n-1 edições. 2018.

\_\_\_\_\_. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Editora Antígona, 2014.

MCCLINTOCK, Anne. **Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial**. Campinas: editora UNICAMP, 2010.

MCDANIELS, Gene. **Compared to what:** First take, 1969. Disponível em: [www.eugenemcdaniels.com](http://www.eugenemcdaniels.com). Acesso em: 18 nov. 2024.

MEDRADO, B.; LYRA, J. **Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades.** Estudos feministas, Florianópolis, set/dez. 2008.

MONSON, Ingrid. **Freedom sounds:** Civil Rights call out to jazz and Africa. New York: Oxford University Press, 2007.

MORRISON, Toni. **O olho mais azul.** Tradução Manoel Paulo Ferreira. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUDIMBE, Valentin Yves. **A Invenção de África:** Gnose, Filosofia e a Ordem do Conhecimento. Portugal: Edições Pedagogo, Lda. 2013.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude:** usos e sentidos. 4ª ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2020.

IRVING, Sablosky, **A música norte-americana.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência.** 2ª ed. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo. 2015.

WACQUANT, Löic. **Forjando o estado neoliberal:** trabalho social, regime prisional e insegurança social. In: BATISTA, Vera Malaguti (Org.). Löic Wacquant e a questão penal no capitalismo neoliberal. Rio de Janeiro: Revan: 2012.

\_\_\_\_\_. **Os condenados da cidade:** estudo sobre marginalidade avançada/ Löic Wacquant, (tradução de, João Roberto Martins Filho...et al.)- Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2001.

WALLACE-SANDERS, Kimberly. **Mammy:** A Century of Race, Gender, and Southern Memory. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2008.

WALTER, Roland. **Afro-América:** diálogos literários na diáspora negra das Américas. Recife: Bagaço, 2009.

WRIGGINS, Jennifer. Rape, Racism, and the Law. **Harvard women's law journal**, University of Maine School of Law, vol. 6, pp. 103-141, 1996. Disponível em: <https://digitalcommons.maine.edu/faculty-publications/51/>.